Diário de Lisboa

Maio 1977
Terça-feira
10

N.º 19 348
ANO 57.º
6 escudos

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

EANES COMANDA POLÍTICA EXTERNA

AS PRIMEIRAS FOTOS DA VIAGEM DO PRESIDENTE

Cumprimentos à chegada ao aeroporto

O PR e a comitiva na pista de Heathrow

O encontro mais longo (com Helmut Schmidt)

O encontro mais breve (com Caramanlis)

- **Apelo a Carter e à NATO para auxílio financeiro**
- **Análise da integração na CEE**
- **No discurso inaugural: "Liberdade e Democracia têm pressupostos materiais que não podem ser iludidos"** **(Pág. 5)**
- **Pedido a Trudeau para apoio à fixação de retornados do Canadá** **(Pág 5)**

LONDRES, 10 — (Do nosso enviado especial, José Gomes Bandeira) — «A dignidade da pessoa humana, a liberdade e a democracia, têm hoje pressupostos materiais que não podem ser iludidos. E a consciência dos povos é cada vez mais sensível aos desníveis de progresso e bem-estar» sublinhou esta manhã o general Ramalho Eanes, ao usar da palavra, na qualidade de presidente honorário da sessão inaugural da Cimeira da NATO, a decorrer até amanhã nesta capital.

Historiando a existência da «Aliança Atlântica» e sublinhando ainda a sua importância actual como «melhor garantia de segurança dos países membros», o chefe do Estado português, acentuou, por outro lado, «a necessidade» da NATO buscar, «firme mas pacientemente, o desanuviamento das relações internacionais, especialmente nas relações Leste-Oeste». Frisaria, no entanto acerca da NATO, que «a solidariedade, que nos une em torno de valores e objectivos comuns não poderá deixar de presidir às formas de entreajuda e à harmonização de políticas económicas».

O Presidente Ramalho Eanes concluiu, entretanto, esta manhã, com o presidente Carter, a série de contactos com os chefes das delegações presentes na Reunião do Conselho do Atlântico que hoje se inicia em Londres. O encontro com o presidente norte-americano teve lugar ao fim da manhã, às 13h, segundo o programa, em Lancaster Hall. Entretanto, ontem, Eanes avistou-se na Embaixada de Portugal, entre as 15 e as 21h, com Trudeau, Karamalis, Giulio Andreoti e Helmut Schmid. Esta manhã, foi a vez de um encontro, às 9h, com o primeiro-ministro holandês, Van De Yul. Aos encontros de ontem com o primeiro-ministro italiano e com o chanceler alemão, assistiu também o ministro dos Negócios Estrangeiros, Medeiros Ferreira.

O encontro com Jimmy Carter, previsto inicialmente para ontem, e verificado hoje, após a sessão da manhã do Conselho do Atlântico, encerra assim o que alguns comentaristas e órgãos de Informação talvez pretendam classificar como «ofensiva diplomática» do Presidente tendente à concretização numa intervenção pessoal na altura em que a política externa portuguesa se vem intensificando em torno de duas questões de fundamental importância: o auxílio económico estrangeiro ao nosso país e a nossa participação ao nível do Tratado do Atlântico Norte. Aliás, essa interpretação parecia já subjacente (e era previsível) em algumas referências da imprensa britânica de ontem, pela voz do seu correspondente em Lisboa, sobre a vinda a Londres de Ramalho Eanes. Este era o caso, por exemplo, do jornal liberal «The Guardian». Mas também o «Financial Times», por seu turno, ia mais longe ao afirmar, curiosamente, que os «observadores» consideram esta vinda do Presidente Eanes como «o começo do fim da diplomacia partidária portuguesa», e que Eanes «tornará o símbolo da diplomacia não partidária».

De qualquer modo a vinda do Presidente Eanes, confirmada a poucos dias do começo da reunião do Conselho do Atlântico e quando os chefes dos sete países capitalistas se encontraram reunidos aqui em Londres numa cimeira económica, não pode deixar de ter bastante significado no contexto geral da vida política portuguesa, independentemente das várias interpretações que lhe venham a ser atribuídas. A presidência de honra do Conselho do Atlântico que, por que é rotativa, cabe desta vez a Portugal, ficará sobretudo assinalada por esta série de contactos com os chefes das delegações de países com quem Portugal estabelece agora vínculos particularmente importantes e decisivos para o futuro do país e para a sua independência económica e política. É neste contexto que conservam pleno significado as palavras recentes do gen. Lemos Ferreira, chefe do Estado-Maior da Força Aérea, quando demarcava os interesses nacionais de quaisquer outros decorrentes «de simples inserção geoestratégica e geopolítica».

Hoje há "Exclusivo"

O clima político-militar que hoje se vive na Rodésia, onde os europeus começam a encarar muito seriamente os preparativos para o abandono do país, é o primeiro de dois artigos de Jean-Claude Pomonti que hoje publicamos no nosso suplemento das terças-feiras. No «Exclusivo» publicamos, ainda entre outros temas, comentários e artigos sobre a China, Indonésia, Cuba, Afeganistão, Iemen, Frente Plosario., etc.

JIMMY CARTER NA NATO

Discurso misturou paz e armamento

LONDRES 10 — (ANOP, R. e F.P.) — O presidente dos Estados Unidos, ao usar da palavra, ao fim da manhã, afirmaria que a NATO enfrenta uma «ameaça militar soviética cada vez maior na Europa», tendo proposto a realização em Washington, na Primavera de 1978, de nova Cimeira daquela organização, para ouvir recomendações de ministros da Defesa e para planear um dissuasor reforçado para os anos 80.

Carter, que se deslocou à Europa para assistir à Cimeira Económica de Londres (entre as sete nações capitalistas mais ricas), apelaria ainda — segundo a Reuter — para o Conselho da NATO iniciar um estudo especial das relações entre o Leste e Oeste, para avaliar as tendências futuras na União Soviética e Europa Oriental e analisá-las quanto aos seus efeitos potenciais sobre a aliança.

Ao mesmo tempo que falou do desejo de continuar o desanuviamento com a URSS e salientou as dificuldades nos acordos de limitação de armas, Carter insistiu na tão propagandeada «campanha dos Direitos Humanos» para mais adiante considerar que o Ocidente deve ser guiado por uma «visão humana» que o conduzirá a procurar «cooperação mais vasta com todos os países comunistas». Dizendo que as forças do Pacto de Varsóvia «acentuavam uma posição ofensiva», Carter preconizou que a Aliança não deveria ser enfraquecida militarmente por «desperdícios e incompetências». Entretanto, afirmou que a NATO deveria tentar levar os países da Europa Oriental para compromissos de cooperação pacífica, não voltá-los contra a URSS, mas ajudar todo o continente europeu a «enfrentar os desafios de uma sociedade pacífica». Reagiu à crítica de que os Estados Unidos estavam ansiosos por vender equipamento militar aos seus aliados e, em

Continua na pág. 20

PUBLICIDADE HOJE (Pág. 7)

PRECEDENTE CONTESTADO PELOS TRABALHADORES

Antigo administrador da banca privada reintegrado no Pinto de Magalhães

(Pág. 9)

A EUROPA EM CONSTRUÇÃO

A «Europa dos trabalhadores» de que Mário Soares falou em Londres. A «Europa socialista» que François Mitterrand anunciou em Bruxelas. A Europa de um tal «eurocomunismo» e de um tal «euro-socialismo», com ou sem sufrágio universal transnacional, não será a «Europa dos trusts», não será a Europa de Freitas do Amaral, não será a Europa de Sá Carneiro, nem a da saudade salazarista, nem a dos tecnocratas marcelistas. E por uma razão singela que é a própria cartesiana evidência: porque a Europa está em marcha. A Europa não é só a Alemanha traumatizada pelo nazismo e a Inglaterra em permanente oscilação dos braços conservadores para as mãos trabalhistas. A Europa é a Itália que procura uma maioria de Governo que não terá expressão positiva sem o Partido Comunista Italiano; é a França que caminha para uma pluralista verdadeira «maioria de esquerda»; é a Espanha em via de democratização. A Europa é esta Europa democrática, a de 1789, a de 1848, e que não ignora 1917, de que nos falam Georges Marchais e Enrico Berlinguer. Mas uma Europa que, concluindo o ciclo da expansão imperialista e da concepção europocêntrica (e etnocêntrica) da cultura e da civilização, deverá reassumir no mundo contemporâneo o seu papel de matriz cultural, de trânsito e de troca, de confronto e de diálogo.

Georges Marchais e Enrico Berlinguer, secretários-gerais dos dois maiores partidos comunistas, o soviético e o chinês exceptuados, declararam-se dispostos a «contribuir activamente para a realização de entendimentos e de acções unitárias com as forças democráticas e populares, socialistas e cristãs da França, de Itália e do conjunto da Europa ocidental, para consolidar e fazer progredir à escala europeia e internacional a causa do desanuviamento, da redução concertada e controlada dos armamentos, da cooperação económica, científica, cultural e humana». E Georges Marchais e Enrico Berlinguer afirmaram a sua confiança nos resultados da conferência de Belgrado. Confiam em que esses resultados sejam uma contribuição eficaz para «a aplicação integral das decisões da acta final de Helsínquia para todos os Estados signatários».

Sob o signo de Helsínquia (e das relações pacíficas, e do desanuviamento) uma nova Europa está em construção.

A Europa será socialista, disse Mitterrand. Nesse sentido socialista deverá ser interpretado o recente comunicado conjunto do Partido Comunista Francês e do Partido Comunista Italiano. A paz, o progresso social, a democracia, o socialismo, a presença preponderante dos trabalhadores tais são as cores da Europa. Outra Europa não será possível. E noutra Europa não haverá lugar para o Portugal democrático.

O DIÁLOGO ENTRE OS TRABALHADORES E O GOVERNO

Entre os trabalhadores e o Governo está aberto o diálogo. O que os trabalhadores querem dizer ao Governo é simples: além de se manterem fiéis ao espírito e à letra da Constituição, os trabalhadores estão alarmados com as desintervenções, recuperações e reprivatizações e apreensivos com o aumento galopante do custo da vida. Os salários foram reduzidos por sucessivos desgastes e é cada vez mais difícil conter uma movimentação reivindicativa que encontra nas condições de vida diariamente agravadas natural justificação.

Mas o diálogo entre os trabalhadores e o Governo não poderá atingir resultados positivos se os preconceitos ideológicos diminuirem o seu alcance e se o Governo não se colocar em posições claramente socialistas. Alguns membros do Governo conduzem-se e administram (ou permitem que nos seus departamentos se administre e despache) como se o Programa do Partido Socialista deva ser considerado caduco, como se a Constituição não existisse. Alguns membros do Governo comportam-se como se os trabalhadores fossem adversários. Já se lhes referiram como «parceiros sociais». Saborosa expressão essa que nos obriga a interrogar: se os trabalhadores são os vossos «parceiros sociais», em nome de que forças sociais, de que interesses sociais, governais?

Não basta afirmar que um Governo socialista é «por definição um Governo de trabalhadores». Porque não será Governo de trabalhadores o que for constituído com forte doseamento, na sua composição, de gestores (e de aprendizes de gestão, e de aspirantes a gestores), de tecnocratas (pela mentalidade que não pela competência técnica), de burocratas e de empatocratas.

A recomposição do Governo não o valorizou como «Governo socialista». São hoje do domínio público as dificuldades levantadas, a torto e a direito, pelos gestores do sector financeiro cuja preparação económica é limitada e a sensibilidade política diminuta. A «crise» entre as finanças e a economia, entre a administração imediata e o planeamento, dificulta, também, o diálogo entre o Governo e os trabalhadores. Não só o diálogo não é encaminhado para a criação de formas de participação responsabilizada, como o sistema económico vai sendo estruturado sem audácia e determinação que se inspirem nas metas constitucionais.

AUSTERIDADE, VIAGENS E DIPLOMACIA

Quando se critica a fuga à realidade nacional e à função que muitas viagens representam, não se cometerá sempre o exagero de atribuir às viagens a hemorragia de divisas. Mas deverá ser, igualmente, uma preocupação de austeridade utilizar o aparelho diplomático para a função que lhe cabe. As sucessivas deslocações ao estrangeiro dos mais altos responsáveis, ressalvados os casos excepcionais como esta ida do Presidente da República à cimeira da NATO, parecem indicativas de graves carências da nossa diplomacia.

Com efeito, por razões políticos menores e circunstân7 ciais, o Portugal novo continua a ser representado por uma diplomacia velha, de aparato e de carreira, insolidária com a política que deveria defender, amortecida no seu entusiasmo e diligência pelos preconceitos de formação e pelos interesses de classe. Existem excepções honrosas? Evidentemente. Mas as excepções, porque o são, contrastam com um panorama desolador.

JORNADAS SOBRE DESALOJADOS

População portuguesa aumentou seis por cento devido à descolonização

A população metropolitana portuguesa aumentou em cerca de 6 por cento por efeitos da descolonização, segundo foi ontem anunciado no decurso da sessão inaugural das «Jornadas de Estudo sobre a Integração Social e Económica dos Desalojados», que decorrem até amanhã na Fundação Gulbenkian numa iniciativa do Comissariado para os Desalojados em colaboração com a OCDE.

A revelação coube ao alto-comissário dos Desalojados, tenente-coronel Gonçalves Ribeiro, que comparou aquele índice com o verificado em França quando da independência da Argélia e o qual causou uma pressão demográfica de apenas 2 por cento.

Na sua intervenção, o tenente-coronel Gonçalves Ribeiro anunciou para breve a extinção do IARN e aludiu à hipótese de criação, até 1980, de 100 mil postos de trabalho contemplando 400 mil pessoas como efeito do programa de crédito para desalojados iniciado no princípio deste ano e que se prolongará por mais três. Estes números, que se apresentam à primeira vista como excessivamente optimistas, implicarão, segundo a mesma fonte, um financiamento de 15 milhões de contos ao longo dos quatro anos de duração do programa de crédito, dos quais 9 milhões provenientes de auxílios externos e do Orçamento Geral do Estado e 6 milhões colocados à disposição pela Banca.

Segundo as previsões oficiais, 20 mil pequenos e médicos empreendimentos serão financiados em todo o País, o que inverteriam a grave situação provocada pelo afluxo de indivíduos das ex-colónias acabando por contribuir «em percentagem significativa», para o Produto Interno Bruto «e muito especialmente» para a formação bruta de capital fixo.

À sessão inaugural destas jornadas compareceram o ministro sem pasta Jorge Campinos, em representação do Primeiro-Ministro, os conselheiros da Revolução Marques Junior e Canto e Castro, o ministro da Administração Interna, Costa Brás, o secretário de Estado da Emigração, João Lima, além do alto-comissário para os desalojados e de técnicos da OCDS.

Na sua intervenção, Jorge Campinos observou que a solidariedade internacional que no passado deu força moral e apoiou as forças que contestavam o colonialismo, se deveria agora exercer em relação à integração dos desalojados.

CONSELHO DE MINISTROS

"Uma reunião de rotina"

Na residência oficial do Primeiro-Ministro, e sob a presidência deste, encontra-se reunido esta tarde o Conselho de Ministros.

Ao contrário do que vinha sendo prática corrente, os «pontos mais importantes» da agenda de trabalhos foram ontem à noite divulgados, coincidindo esta iniciativa com um desmentido do gabinete do Primeiro-Ministro quanto à presença no Conselho de Ministros de hoje de todos os governadadores civis do continente (uma reunião deste tipo teve na verdade, lugar, mas ontem, apenas com a presença de Mário Soares, Jorge Campinos e Costa Brás).

De acordo com o porta-voz do Governo, o secretário de Estado Manuel Alegre, as questões principais abordadas na reunião desta tarde serão uma informação do ministro sem pasta, Jorge Campinos, sobre questões relativas à Assembleia da República, uma exposição do ministro das Finanças, Medina Carreira, sobre a situação económico-financeira das empresas, que têm vindo a beneficiar de garantias financeiras do Estado, e a apreciacão de vários projectos de diplomas dimanados da Presidência do Conselho de Ministros, do Ministério das Obras Públicas, do Planeamento e Coordenação Económica, da Habitação, Urbanismo e Construção, das Finanças, da Agricultura e Pescas, do Comércio e Turismo e das Obras Públicas.

Aos trabalhos assistirá o ministro da República para os Açores, general Galvão de Figueiredo, que para o efeito se deslocou a Lisboa.

ENTRE OS "24 DA OCDE"

Portugal: segunda maior taxa anual de inflação

Portugal ocupa o segundo lugar nas estatísticas da OCDE sobre os países com maiores taxas anuais de inflação. Os dados relativos ao nosso país indicam uma taxa anual de inflação de 24,1 por cento, só excedida pela da Islândia (34,5 por cento).

A seguir à Islândia e a Portugal surgem a Itália e a Espanha, ambas com 21,9 por cento. Os restantes países abrangidos pela estatística têm taxas inflacionárias a baixo dos 20 por cento, encontrando-se à cabeça deste grupo a Inglaterra e a Irlanda, ambas com 16,7 por cento.

Os dados divulgados pela OCDE abrangem 24 países, nomeadamente Portugal, Espanha, Itália, Inglaterra, Irlanda, Islândia, Turquia, Austrália, Nova Zelândia, Finlândia, Grécia, Noruega, Suécia, França, Japão, Dinamarca, Luxemburgo, Canadá, Bélgica, Holanda, Estados Unidos, Áustria, Alemanha Federal e Suíça.

Em média, deduz-se dos números publicados, a taxa inflacionista das economias capitalistas mantém num índice anual superior a 9 por cento — isto a despeito de em Março deste ano alguns dos países mais industrializados terem logrado ligeiras baixas.

As estatísticas da OCDE referem ainda a subida de preços nos países abrangidos (sobre Portugal não foram publicados dados), constatando-se que nos 24 países mencionados se registou um ligeiro abrandamento (em média) dos preços, situando-se a taxa em 0,8 por cento em Março último.

Campanha de fundos do PCP

A Campanha Nacional dos 50 mil contos, desencadeada pelo PCP, ultrapassou os 40 mil contos em menos de três meses, assinala, em comunicado, a Comissão Coordenadora Central responsável pela iniciativa.

No mesmo comunicado saudando os «os militantes, simpatizantes e democratas amigos do partido» a Comissão considera que existem condições para «atingir ou até ultrapassar os 50 mil contos nos fins do mês em curso», altura em que terminará a campanha.

«Um grande esforço», segundo o comunicado, deverá ainda ser feito nos dias 28 e 29 deste mês, no encerramento da campanha, depositando-se nestas iniciativas a possibilidade da ultrapassagem dos 50 mil contos propostos inicialmente.

Em ARMAÇÃO DE PÊRA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA PAULA

Noticiário breve

NOVOS EMBAIXADORES

Os embaixadores Magalhães Cruz e Gaspar da Silva, desempenhando funções de representantes diplomáticos de Portugal respectivamente em Moscovo e Nova Deli, foram nomeados, cumulativamente para chefiarem as novas embaixadas portuguesas na Mongólia e no Afeganistão.

SEGURANÇA SOCIAL

Decorrem em Londres, conversações sobre segurança social entre as delegações de Portugal e da Inglaterra com vista à assinatura de um acordo naquele sector entre os dois países. À delegação portuguesa preside o dr. Victor Melícias Lopes, presidente da Caixa Central de Segurança Social dos Trabalhadores Migrantes.

ESCAJA GONÇALVES NO NORTE

O secretário de Estado do Comércio Interno, Escaja Gonçalves, está hoje no Norte onde estabelecerá diversos contactos no Porto, Barcelos e Braga. O seu regresso a Lisboa está marcado para esta noite.

COMISSÃO DA PAZ

Na sequência da sessão já anteriormente realizada, a Comissão da Paz de Lisboa organiza hoje, às 21,30 horas, na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, mais uma sessão de política internacional sobre o tema «Porto Rico». Será projectado o filme «Porto Rico» e haverá um debate com a presença de Cardoso Pires, Álvaro Rana e Manuela Carvalhas, que o ano passado participaram na Conferência Internacional de Solidariedade com a Independência de Porto Rico.

M D M

Para apresentação das propostas de alteração aos estatutos e dos novos elementos para os corpos directivos do MDM realiza-se hoje uma reunião preparatória do 3.º encontro nacional daquela organização que se realiza no próximo dia 15. A reunião decorrerá na sede do MDM na Amadora, e nela serão apresentadas as teses a discutir no encontro nacional.

NOVIDADE

O Alentejo real ontem e hoje num livro objectivo e lúcido de José Cutileiro

Ricos e Pobres no Alentejo

Uma nova colecção Sá da Costa Descobrir Portugal

post-scriptum

Novamente os «doutores»?

O virulento anticomunismo da direcção do Partido Socialista era destilado tendo, apenas, um alvo: o PCP. Todavia, desde que enveredou pelo caminho da recuperação capitalista, novos alvos apareceram.

Se o comportamento anticomunista do PS é absolutamente condenável, como método de actuação política, porque profundamente lesivo do esclarecimento honesto do cidadão comum, a verdade é que o facto ainda se compreendia como reflexo de rivalidades interpartidárias. Porém, quando os dirigentes de um partido profundamente ligado às massas trabalhadoras — pelo menos na sua expressão parlamentar — começa a utilizar o vírus do anticomunismo indiscriminadamente, como agora está acontecendo, tocam as raias do inadmissível.

Dificilmente poderemos encontrar exemplo mais elucidativo de tão insensato comportamento do que aquele de que foi alvo o dirigente sindical Kalidás Barreto. Efectivamente, quando Jaime Gama, secretário nacional do PS, acusou aquele sindicalista, e militante destacado do seu próprio partido, de se deixar manipular pelo PCP, só porque como trabalhador se tem recusado a trair os seus irmãos de classe, negou a um homem, inteligente e esclarecido, a capacidade mental de por si próprio decidir das suas opções.

Tais métodos de actuação fazem-nos lembrar um passado ainda bastante recente, em que apenas os «doutores» — Gamas ou não — se arrogavam o privilégio de saber pensar, e impunham aos trabalhadores, e não só, esse falso axioma, que durante quarenta e oito longos anos tão graves danos causou ao povo Português.

José Ferreira
— VILA NOVA DE GAIA

As «Correias de divisão»

Poucos são os sindicalistas que continuam a dar ouvidos à vozes de sereia de certos doutores, em vez de ouvirem os trabalhadores e lutarem com eles lado a lado.

Poucos sindicalistas ainda ficam horas a ouvir redundâncias como a de que o seu encontro, em casa, ficaria na história do movimento sindical, enquanto mais de um milhão de trabalhadores seus camaradas, unidos, na rua, faziam à mesma hora a história da sua pátria.

Poucos sindicalistas portugueses esquecem perigosamente que não devem servir de «correria de divisão» dos trabalhadores.

Poucos sindicalistas portugueses precisam de se lembrar que a dignidade de classe se mede, principalmente, pela capacidade que um lutador sindical tem de contribuir para a unidade dos trabalhadores.

Todos os trabalhadores têm obrigação de saber que foi a unidade dos seus camaradas de Chicago, em 1886, que apesar da sangrenta repressão levou a sua luta à vitória e que esta simboliza a luta constante dos trabalhadores de todo o mundo, e é por isso que se comemora universalmente o 1.º de Maio.

É a esses poucos camaradas sindicalistas que peço para reflectirem seriamente na sua acção, já que, como no mundo do trabalho se diz, o castiço a mais doloroso para os trabalhadores que desertam ou traem é o de terem de se explicar aos filhos.

Rogério Oliveira
LISBOA

Não será de mais?

Eu sou um simples trabalhador deste País, que é o nosso. Apesar de simples trabalhador, eu tive o azar de ter filhos nem por isso lá muito incapazes. Uma filha minha frequenta o curso de Psicologia na Faculdade do Porto. Isto custa sacrifícios, como deve calcular. A moça estava empregada e desse modo cumpriu o chamado serviço cívico já que esteve colocada como professora de francês. Mas houve possibilidade de matrícula no curso que ela escolheu e não se hesitou na necessidade de deixar a colocação para melhor se poder dedicar ao trabalho escolar próprio. As aulas começaram tarde no primeiro ano (1975/76), mas este ano começaram mais cedo e, segundo a moça me diz, estão com horários reforçados.

A moça passou para o segundo ano através de um teste de que saiu apta. Tenho pago as propinas e tudo quanto me tem sido exigido. Então e agora não estão por aí a dizer que os moços vão passar do segundo para o primeiro ano e os do primeiro ano vão-se embora, na maioria!

Claro que os moços são os mais prejudicados, mas ninguém fala dos pais que trabalham e fazem um esforço sério para conseguirem no fim e ao cabo dar ao País um trabalhador especializado. Que ajudas me dá o Estado? Aumenta os impostos e empola o custo de vida de tal maneira que qualquer dia temos de andar com sapatos rotos e fundilhos nas calças, é isto o que se deve ao Estado?

Eu perguntava só quem me indemnizaria se tal cavalada fosse por diante, já que a moça se desempregou e deixou de ganhar para si, e sou eu que tenho de suportar a despesa dos seus estudos e da sua manutenção. Então como é? Qual é a democracia que temos? Para quem? Será só para os ricos? Isso pensava eu que era a democracia orgânica do outro.

Licínio Correia
— CUCUJÃES (Vale do Vouga)

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 320272

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

UM CRUEL DILEMA

MAURICE DUVERGER

A presente ineficácia de Giscard d'Estaing está talvez ligada à sua maneira de ser, mas mais ainda a um erro de interpretação do nosso sistema político. O motor trabalha no vazio. A embraigem não se faz no real. Porque se afastou desse mesmo real. Ou antes, porque o real se afastou dele. Giscard mantêm-se fiel às tradições gaullistas, mas num só ponto: a interpretação da Constituição. Infelizmente essa interpretação já não é possível porque mudaram as condições que a permitiam.

Uma frase da entrevista de 29 de Abril é característica: **O presidente da República é, nas nossas instituições, alguém que assume as responsabilidades da via nacional no exterior e no interior do país.** As palavras pareceram banais de tão tradicionais: o general De Gaulle e Georges Pompidou disseram o mesmo muitas vezes e em termos semelhantes que então correspondiam à situação política. Hoje, porém, já não correspondem.

Essa interpretação nunca correspondeu ao texto da Constituição de 1958, mesmo após a sua reforma de 1962. É o próprio Governo que **determina e conduz a política da nação**. Para tal **dispõe da administração e da força armada** (art.º 20). O primeiro-ministro é quem **dirige a acção do Governo e assegura o cumprimento das leis** (art.º 21). Por seu lado, o presidente da República **assegura, com a sua arbitragem, o regular funcionamento dos poderes públicos, assim como a continuidade do Estado** (art.º 5), o que ao mesmo tempo o coloca acima da política e fora dela. Só pode tomar duas decisões importantes, necessariamente excepcionais: a dissolução da Assembleia Nacional e a aplicação ao artigo 16. No que diz respeito às outras deve ter o acordo do primeiro-ministro ou do Governo ou ainda da maioria parlamentar.

Estes, pelo contrário, podem dispensar a concordância do presidente nas suas prerrogativas essenciais: executivas, regulamentares, orçamentais, legislativas — excepto em dois casos, a assinatura das leis e dos decretos de nomeação de altos funcionários.

Até 1974, a Constituição era interpretada de um modo muito diferente do seu texto, real porque o presidente tinha a possibilidade de juntar aos poderes que ela lhe dá aqueles que atribue ao primeiro-ministro e até ao Parlamento. Entre 1958 e 1962 essa possibilidade existiu devido ao prestígio do general De Gaulle a o facto de a guerra da Argélia o tornar insubstituível. Os deputados viam-se forçados a manter um Governo que lhes desagradava e votar textos que não correspondiam aos seus sentimentos profundos. Logo que voltou a paz, apressaram-se a derrubar o ministério Pompidou com um voto de censura.

DO GAULLISMO PESSOAL AO GAULLISMO INSTITUCIONAL

As eleições de 1962 substituíram esse gaullismo pessoal por um gaullismo institucional. Durante os doze anos que se seguem, a interpretação presidencialista da Constituição repousa mais na relação das forças políticas do que no prestígio de um homem. Isto viu-se bem em 1969 após a partida do general De Gaulle, quando Georges Pompidou pôde manter o mesmo sistema de Governo. Este apoiava-se em dois pilares:

1) O presidente da República e a maioria da Assembleia Nacional têm a mesma orientação política global;

2) O presidente é o chefe do partido dominante da maioria.

O segundo desses dois pilares ruiu em 1974 com a eleição de Giscard d'Estaing. Este ter-se-ia então podido aproveitar da insegurança da UDR para a fazer estoirar e constituir depois um grande partido «liberal e avançado» que teria restabelecido, em proveito do novo presidente, a relação de forças de que os seus predecessores dispunham? Talvez. Os dirigentes independentes, centristas, radicias, moderados e bastantes gaullistas, ter-se-iam provavelmente inclinado se o chefe do Estado lhes fizesse compreender claramente que durante todo o septenato seriam reservados aos filiados no novo partido os cargos ministeriais e outros.

Ele referiu, no entanto, tentar ligar a UDR ao seu carro, por intermédio de Jacques Chirac. Esqueceu assim que ninguém trabalha em proveito de outrém quando tem a possibilidade de trabalhar em seu próprio proveito. Assim, o presidente da República foi o principal artesão, involuntário mas eficaz, do renascimento da UDR. Agora é tarde de mais para inverter a marcha dos acontecimentos. Já não é possível ressuscitar as bases políticas do gaullo-pompidolismo. Ora, sem elas, a pretensão de o chefe do Estado assumir as responsabilidades da vida nacional, torna-se totalmente ilusória.

Jacques Chirac talvez tenha o temperamento fascizante que o seus inimgos lhe atribuem. De momento segue à letra uma Constituição que dá à maioria parlamentar o poder de manter o Governo e de lhe assegurar os meios de agir. O chefe do RPR tornou-se o chefe real da maioria actual, dois terços da qual controla através de um partido fortemente organizado e disciplinado. Enquanto Giscard d'Estaing se recusar a tirar as consequências dessa nova situação, não terá meios de embraiar no real.

As eleições de 1978 obrigá-lo-ão de qualquer modo, a tomar consciência do facto de o presidente da República já não poder dominar a vida política, se não controlar a maioria parlamentar. Se a esquerda ganhar, será reduzido a esse papel de árbitro que corresponde às suas prerrogativas constitucionais: o poder legislativo e governamental escapam-lhe inteiramente, ao exercerem-se sob a espada de Dâmocles da dissolução. Se a direita vencer de novo, é de crer que a RPR conserve nela um lugar preponderante que porá à sua mercê o Governo e as leis.

Ceder a Mitterrand ou ceder a Chirac, eis um cruel dilema para Giscard d'Estaing. De qualquer modo, o presidente da República terá, em ambos os casos, a satisfação de um dever de Estado melhor cumprido do que o dos seus predecessores: olhará melhor pelo respeito à Constituição. Por não poder fazer outra coisa.

© («Le Monde»)

BORGES AO NATURAL

FRANÇOISE WAGNER

Veio à Europa a convite do editor italiano Franco Ricci, que muito bem conhece e para quem dirige uma colecção de literatura fantástica, «A Biblioteca de Babel» — a sua biblioteca ideal.

Portanto ei-lo em Paris, antes de visitar Genebra (onde fez os seus estudos no princípio do século). Milão, Veneza, Parma (onde será hospede de Ricci), depois de Florença e Roma.

Borges, um mito, um monumento, um dos maiores eruditos do nosso tempo, um dos maiores escritores vivos. Encontrá-lo é o sonho de todo o crítico literário. Eis algumas das notas tomadas de passagem, durante a sua passagem pela capital francesa. Uma conversa com Borges ao natural.

1.

Borges chega de Buenos Aires. jantamos no hotel onde se hospedou, na rua das Belas-Artes, em frente da livraria parisiense de Rici. Acompanha-o Maria Kodama, uma jovem que estudou com ele o antigo saxão e uma antiga língua escandinava e que lhe serve de secretária. Borges tem setenta e oito anos. Muito elegante, muito mais jovem do que nas fotografias que dele conhecemos. Uma tez pálida, mãos delicadas, um olhar azul delicadas, um olhar azul interior mas não vazio.

Borges é cego com o maior à vontade possível. Nunca se engana e quando se nos dirige temos por vezes a sensação de que nos olha nos olhos. Muito cortez e modesto: **Nós os argentinos, somos um pouco os provincianos da Europa. Espelhos embaciados na vossa frente.**

O Monde não lhe diz grande coisa. Há mais de vinte anos que não lê jornais, que não vê televisão. Vive o **seu** tempo. Anunciámos a sua vinda à Europa **Não. Ouça, não tem a menor importância**. Peço para falarmos de outra coisa que não seja o tempo, a identidade desdobrada, o infinito, os espelhos, o labirinto ou o tigre... (essas noções — força estão na sua obra, basta lê-la) **Uf!** diz ele sorrindo, **ainda bem, basta de explicações**.

E é ele quem fala. Um autêntico fogo de artifício. A começar pelas estimologias, essa mania apixonante que herdou de seu pai, que ilumina de um modo diferente todas as coisas, que tece redes de correspondência históricas e culturais até então inviáveis, como um jogo sério **mais do que um jogo não é verdade? E cheio de poesia**... Ergue a sua taça de «champagne» dizendo **Prosit!** e rindo — porque Borges é muito alegre — **Todos julgam que é alemão mas é latim.** Uma abreviatura de **protua salute sit** introduzida pelos jovens românticos alemães, cujo «snobismo» foi sempre latinizar; ou não será simplesmente **prosit que seja em teu favor?**

. As estimologias ao infinito procuradas no grego no latim, no saxão antigo, com as suas evoluções em francês, em espanhol — em todas as suas nuances — em português, em catalão, em italiano, em inglês em alemão. Sabe que a palavra «cauchemar» (pesadelo) vem, como o «nightmare» inglês, de «mara», que significa «fantasma», em saxão? E em italiano e em alemão encontra-se a mesma imagem do demónio nocturno que nos calca o ventre... E Victor Hugo, tal como Borges notável anglicista, tinha razão ao referir **o cavalo negro da noite**...

Borges gosta de Victor Hugo. **A hidra-universo torcendo o seu corpo escamado de astros. Que maravilha, não?** Ele que detesta as coisas apreendidas de cor **(Que significado tem? As coisas devem tomar lugar em nós)** recita-me durante o jantar: o Padre Nosso em saxão, um pedaço da elegia, na mesma língua, um poema de Kipling, em inglês, um tango de Carlos Gardel em lonfardo, um poema de Verlaine e também Bernard Shaw, Wilde.

Trouxe a Ricci um novo texto para a Biblioteca de Babel, o último inédito, de uma antologia de sonhos literários que compôs e prefaciou. Gostaria de saber, embora seja um pouco indiscreto ou cruel, se ele, quando sonha, visualiza. **Claro que sim, vejo camponeses, vejo muita gente, leio livros inteiros, vejo duas cores que há vinte anos deixei de ver, o vermelho e o preto. Quando sonho não sou cego.**

2.

Após um breve passeio almoçamos num restaurante chinês. Conversa literária. James. **A volta do parafuso.** Qual é a sua explicação do drama final? **Não se sabe. O próprio James não devia sabê-lo. As crianças talvez sejam demónios, ou dejam cúmplices. Os espectros talvez sekam demónios, ou demónios mascarados de espectros...**

Shakespeare. Borges pergunta em que língua o lemos. Ricci leu-o em italiano, eu em parte em francês, em parte em inglês, o que é por vezes difícil. **Sim, mas é sobretudo difícil para os ingleses Shakespeare escrevia em shakespeare não escrevia em inglês.**

Fausto. **É um livro estúpido, não acha? Esse desejo de fazer a todo o custo uma obra-prima...**

O Dom Quixote. **O único livro que os espanhóis escreveram. Porque será tão pobre a literatura espanhola?**

E os seus poetas preferidos: Virgílio, Dante, Robert Frots, Kipling. E os fantásticos. **(Mas, no fundo, toda a literatura é**

Continua na pág. 4

Incendiado no Funchal automóvel de médico progressista

FUNCHAL, 10 — A vaga de fogos postos em automóveis, que em determinada altura preocupou a população desta cidade, parece estar em vias de recrudescer, já que esta madrugada ardeu mais um automóvel, o «Citroen GS» do dr. António Ferreira, médico do Hospital Distrital do Funchal.

O incendio registou-se às 2.30 da madrugada em frente do Hotel Inter-Atlas, onde o dr. António Ferreira passava a última noite antes de fixar residência definitivamente na cidade. Este hotel encontra-se a cerca de 7 kms do Funchal, o que dificultou o combate ao incêndio dado que os bombeiros da cidade consideraram queo Inter-Atlas está fora da sua área e os de Santa Cruz não dispunham de material que lhes permitisse deslocar-se rapidamente ao local.

O processo usado pelos incendiários foi muito semelhante ao utilizado nos casos anteriores: duas latas cheias de trapos e de carburante colocadas debaixo do motor da viatura. O proprietário do carro é tido por progressista, não se lhe conhecendo, porém, qualquer actividade partidária.

"Portugal Socialista" comemorou 10.º aniversário também em Beja

BEJA, 10 — Integrada na série de realizações programadas para assinalar a passagem do 10.º aniversário do «Portugal Socialista», órgão oficial do PS, realizou-se ontem em Beja uma sessão comemorativa da efeméride. Presentes destacados dirigentes do partido, nomeadamente Catanho de Meneses, Luis Cacito, Ivone Carmona e Manuel Tito de Morais, este último fundador (em Roma e no exílio) do jornal agora aniversariante.

Segundo a ANOP, mais de 700 pessoas, na sua maioria trabalhadores rurais e pequenos e médios agricultores, assistiram à festa. Participaram os locutores Fernando Correia e Natália Bispo.

No decurso da sessão, usaram da palavra diversos oradores. Entre eles, Tito de Morais, que fez a história do partido e do «Portugal Socialista». Falaram ainda Catanho de Meneses e Carlos Queixinhas (este um trabalhador alentejano que foi dos fundadores do partido).

Durante a festa foram vendidos exemplares do livro «O Portugal Socialista na clandestinidade». O livro é uma colectânea de textos que o jornal publicou entre 1967, ano da fundação, em Roma, até 1974.

BORGES AO NATURAL

Continuação da pág. 3

fantástica. O realismo é uma heresia do nosso tempo) Borges sente-se feliz por estar em Paris. Querem passear. Aconselhamo-los a ir a Palais-Royal «onde vivia Colette». Ah Colette, uma grande escritora apesar do nome. Sim, uma grande escritora. Uma provinciana, como os franceses que éla ama. Flaubert, Corneille, Montaigne.

3.

«Cocktail» na rua das Belas-Artes. A intelligentsia parisiense está presente. Numerosas personalidades que raramente são vistas neste género de recepções, foram ali cumprimentar Borges. Ele está um pouco cansado. Os **flashs** incomodam-no. Quando aparece pelo braço de Maria, há um silêncio. À sua volta algo de desagradável de afectado. De comovedor também. Homenagem ao grande escritor que ajudam a sentar numa cadeira e a que se presta de boa vontade à situação. Há os grandes mas também os outros os que se fazem fotografar a seu lado, que lhe chamam «Mestre». Dir-me-ia depois que acha isso **ridículo**, que detesta o academismo. Prefere que lhe chamem muito simplesmente Borges.

4.

Passamos o dia em Versalhes. Borges estivera lá pela última vez em 1915. Há vento. Borges cheio de espírito de vitalidade. Anedotas.

A América. Ele, tão grande admirador da literatura americjna (Emerson, Poe, Melville, James, Twain) toma consciência daquilo a que chama «a barbárie» (a negação do indivíduo) no Michigan. Gosta de Nova Iorque, da Nova Inglaterra.

(Na verdade mais Old England que New England») e do Sul. Mas não de Michigan **(«São todos Babbits»)** onde um dia em que lhe apetecia um prato de batatas fritas sem salsichas nem hamburger, ouviu o criado dizer-lhe estas palavras simbólicas: **Sorry I cannot be disconnected.**

Borges tem a coragem das suas opiniões. É difícil encontrar um intelectual tão estranho ao medo, tão livre. Diz tudo que pensa.

O ar da cidade torna-nos livres, dizia Marx Foi na cidade que a liberdade nasceu. A civilização (de **cives**, citadino) também.

Na Bíblia há imagens, mitos religião, mas não há pensamento. Os Gregos foram os primeiros que se puseram a pensar. Os primeiros a desenvolver a civilização urbana.

Na Galeria dos Espelhos, recorda o nascimento do império alemão. **Não acha que foi um pouco de vaidade da parte de Bismark?** Sente-se encantado com tanto classicismo **(«Felizmente não sou um moderno»)**. No entanto, para ele **todos os reis são vulgares, todos os vencedores são vulgares.** Perante as pinturas dos aposentos reais declara que, no fundo **toda a pintura é uma ilusão de óptica. E também talvez, tudo, aquilo que vemos, os nossos rostos, as cidades, a lua** e que **é difícil definir o essencial, e muito mais fácil definir o acessório.**

Duvido de que estas frases soltas consigam mostrar a profunda sabedoria e também o fulgor deste homem delicioso que sorridente nos diz: **A vida é uma boa coisa desde que não abusemos dela.** E que se despede agradecendo-nos gentilmente tudo aquilo que «nós» lhe ensinámos.

© LE MONDE

TRABALHADOR AGRÍCOLA ACUSOU NO MUTI

Já há fome no Alentejo

«Os trabalhadores agrícolas ao iniciarem a Reforma Agrária foi, por um lado, para acabar com o desemprego no Alentejo e por outro para desenvolver a produção porque os agrários já não produziam nada. E conseguiram-no. Mas desde que veio o VI Governo, se até aí não havia uma pessoa desempregada, agora já há fome. Há chefes de família que não ganham um tostão há vários meses». Esta afirmação, e muitas outras que comprometem seriamente a política seguida pelo MAP, foi ontem produzida por Ricardo Oliveira, operário agrícola de Évora, no decorrer de uma sessão promovida pelo MUTI sobre a Reforma Agrária.

Ricardo Oliveira, prosseguiu perguntando: «É um Governo socialista que deixa os trabalhadores passar fome? É um Governo socialista que proíbe os trabalhadores de produzirem mais?».

Referindo-se às reservas que têm sido entregues pelo MAP este operário agrícola afirmou que o Governo não se importa em saber se as unidades colectivas perdem a sua viabilidade económica ou não. «O que querem é destruir», afirmou. «Mas os srs. Portas e Barretos estão enganados ao pensar que podem destruir a Reforma Agrária. Para isso terão que passar por cima dos trabalhadores alentejanos. Só depois o podem fazer».

O mesmo trabalhador denunciaria ainda diversas irregularidades dos CRRA, nomeadamente no que se refere às entregas de terras a seareiros. Citou o caso de um que tinha morrido há dez anos e doutros que, disse, «são comerciantes, vendedores de cautelas, etc. São estes homens que o PS quer agricultores».

A sessão foi caracterizada por um espírito de resistência ao avanço do fascismo «que ameaça como nunca o próprio espírito do 25 de Abril». O caso da intervenção de forças policiais no Barreiro foi várias vezes abordado e considerado como «a maior ameaça feita até agora em Portugal contra a democracia».

A este propósito, um operário da Sorefame, que fez uma curta intervenção para informar que mal foram conhecidos os acontecimentos do Barreiro, imediatamente na Sorefame se iniciou a recolha de um abaixo-assinado que em pouco tempo atingiu 1500 assinaturas «para repudiar este Governo vergonhoso que nós temos. Como se há-de chamar a este Governo? Se nos livrámos do fascismo não podemos admitir que esta canalha vergonhosa nos ponha outra vez a pata em cima do pescoço».

A propósito dos acontecimentos no Centro Regional da Reforma Agrária, em Beja, Manuel Godinho, do Secretariado das Unidades Colectivas de Produção daquele distrito, depois de sublinhar que «todos os dias os trabalhadores são insultados com notas oficiosas», disse que «não são os trabalhadores agrícolas que têm cercado o CRRA. São agentes da PSP que estão à volta, de G-3 na mão, para que os trabalhadores lá não possam chegar». Lembrou que nos tempos do fascismo só por dizerem que tinham fome, os trabalhadores eram espancados. «Hoje é a mesma coisa. A resposta que se dá aos trabalhadores a dizer que têm fome é a mesma: 200 homens armados. Os métodos repressivos são os mesmos. E dizem-se um Governo de trabalhadores...Mas por muita Polícia de choque que mandem, por muita GNR, por muitos Portas e Barretos, é um osso duro de roer. E não vão roê-lo em poucos meses. Hão-de levar anos e não o dão roído.»

A concluir disse que as reservas e as áreas que ficaram por expropriar não têm nada que colher. «A grande quebra de produção vai surgir nessas terras, mas o Governo não o diz, como se os trabalhadores tivessem toda a terra deste país, quando a maior parte está nas mãos dos agrários».

Particularmente importante foi a intervenção de Júlio Martins, agrónomo dos Serviços de Apoio à Reforma Agrária, que principiou por salientar «a guerra económica que está a ser feita à Revolução portuguesa». Afirmou depois que os agrários tinham antes da Reforma Agrária mais do dobro dos créditos que foram concedidos aos trabalhadores e que desses milhões de contos eles levavam mais de um milhão completamente dado, sob várias formas. «A maior parte desse dinheiro — afirmou — não saía de Lisboa. Ia directamente para as especulações da bolsa e imobiliárias».

«Os trabalhadores — prosseguiu — desviaram créditos de salários, fizeram barragens, compraram rações para gado, compraram máquinas, tirando à sua boca, e à dos seus filhos. São esses trabalhadores que são insultados. Entre esses trabalhadores alguns votaram no PS».

Revelou que nos concelhos de Alcácer e Coruche nunca se semeou tanto arroz como agora e que «nunca houve tanto gado bem alimentado como agora. São raras as unidades colectivas que não têm mais do dobro do gado que tinham quando as terras foram tomadas.»

Terminaria a sua intervenção afirmando que «é preciso avisar todo o País» que se o Governo levar para a frente a sua política de importações «quando os trabalhadores estiverem em condições de oferecer carne ao País eles inundarão o mercado, com carne importada, arruinando a produção.»

Sem dinheiro para "conduto"

Cerca de 150 trabalhadores rurais dos concelhos de Castro Verde e Mértola, onde o desemprego atinge proporções graves, deslocaram-se ontem ao CRRA de Beja. Não chegaram, no entanto, a expor os seus problemas: funcionários daquele organismo disseram-lhes que ali não era o local indicado para a resolução de questões relacionadas com o desemprego. Que deviam, sim, dirigir-se ao Instituto Nacional de Emprego.

Os trabalhadores, acompanhados pelo dirigente sindical Chaveiro, fizeram mais essa tentativa. No Instituto Nacional de Emprego responderam-lhes que só a partir de quarta ou qinta-feira lhes poderiam dar uma resposta. Entretanto, a situação em certos concelhos está a tornar-se verdadeiramente dramática: nas zonas mais pobres, onde a Reforma Agrária pouco se estendeu, como no caso de Mértola, Castro Verde, Almodôvar e parte dos concelhos de Ourique e Odmira, começa a sentir-se fome. Muitas mães já não têm dinheiro para comprar o «conduto» que os seus filhos ccostumavam levar para a escola, tendo de recorrer aos vizinhos que, por enquanto, ainda vão conseguindo trabalho regular. Nos comerciantes que vendiam a mercadoria fiada já se nota uma certa retracção...

E o desemprego acontece porquê? Em primeiro lugar porque existem muitos milhares de hectares de terra nas mãos dos agrários que não empregam trabalhadores (o que já acontecia antes do 25 de Abril) e depois vieram as reservas, que estão a liquidar economicamente muitas UCP's. Por outro lado nas Câmaras Municipais, que sempre foram um recurso para os trabalhadores agrícolas, não se arranja emprego, visto que os presidentes, embora animados de boa vontade, não possuem verba para o fazer.

«Quando não temos trabalho à Câmara nos dirigimos, a pedir ao presidente que tenha dó desta gente a dizer o que sentimos...» cantavam os trabalhadores rurais no tempo do fascismo. Agora que vivemos num regime dito socialista, talvez se pretenda que os trabalhadores rurais andem de novo a mendigar, a curvar a espinha. Dantes, se protestavam eram mortos ou iam parar com os ossos à cadeia. Agora que há liberdade para os «pides», para se colocarem bombas... quando os trabalhadores se juntam, se manifestam, os jornais de direita, o PS e o próprio Governo acusam-nos de «desestabilizarem a situação», de «invasões», «sequestros» etc, etc. Ou será que os trabalhadores já não podem gritar a fome e a miséria que os ameaça?

Certos órgãos de Informação têm intoxicado a opinião pública com a deturpação dos factos, como no caso do CRRA de Beja. Chegaram a dizer que um dos dirigentes sindicais que liderava os trabalhadores era Chaveiro, quando este sindicalista se encontrava na Bulgária.

Os lapsos da Imprensa pluralista...

LF

DIZ SECÇÃO DO PS DE BEJA

"Sindicatos Agrícolas nunca estiveram de acordo com ninguém"

A secção do Partido Socialista de Beja divulgou um comunicado no qual se debruça sobre os recentes acontecimentos registados com o CRRA daquela cidade. Segundo o PS, que se intitula «o grande defensor da democracia em Portugal», ultimamente têm vindo a ser postos em causa no distrito de Beja, os despachos do Governo com base nas leis, aprovadas no «tempo do gonçalvismo pelo PS, PPD e PC», não entendendo por isso que o Sindicato Agrícola reprove as ditas leis.

No documento da secção do PS de Beja considera-se que «os manipuladores dos trabalhadores agrícolas já deram bastantes provas gravosas para que estes não os voltem a seguir, correndo o risco de tomar posições que não são as melhores para resolver os seus problemas». Como exemplo de posições «não convenientes» o PS cita «as ocupações do centro, o sequestro do director, as ofensas verbais e físicas, as ameaças de morte, paralisações, inúteis, manifestações ilegais, oposição à formação de cooperativas e despedimentos dos próprios camaradas».

A secção do Partido Socialista de Beja, dirige um alerta aos trabalhadores agrícolas a fim de não se deixarem «manipular por delegados sindicais do PCP», acusando estes de estarem «mais preocupados em desestabilizar a situação política para um regresso a um sistema totalitário que nada tem a ver com democracia e o socialismo». No documento manifesta-se o apoio a Romana Martins e Peste Aires, que, segundo o PS, «têm sido alvos de ataques». E afirma a secção do PS que não percebe por que é que o Sindicato Agrícola de Beja «nunca esteve até ao dia de hoje de acordo com ninguém». Contraditoriamente sublinha que o Sindicato não esteve de acordo com nenhum dos secretários de Estado da Agricultura dos cinco governos provisórios. Convém não esquecer que passaram pelo MAP dois secretários de Estado militantes do PCP — Partido que a secção do PS. acusa de manipular os trabalhadores. Em que ficamos?

Mais adiante acrescenta-se que os Sindicatos Agrícolas não estiveram de acordo com «o nosso camarada Lopes Cardoso» e «não estão de acordo com o nosso camarada Barreto». Uma pergunta formulada pela secção do PS de Beja: «Será que querem o senhor Casqueiro na pasta da Agricultura?»

Conservas de peixe portuguesas mais procuradas no estrangeiro

Aumentou em 6107 toneladas a exportação portuguesa em conservas de peixe em 1976. No total, Portugal exportou naquele ano 36 224 toneladas do produto no valor de 1589 milhões de escudos. Para este aumento contribuiu largamente o comércio com os países socialistas europeus, entre os quais a URSS se situa actualmente na sétima posição entre os importadores com 2480 toneladas de conservas de peixe compradas ao nosso país.

Aumentos nas exportações verificaram-se também o ano passado relativamente aos compradores tradicionais, entre os quais a RFA, a Itália e os Estados Unidos.

Entretanto, ontem, durante um almoço oferecido em Portimão a vendedores da empresa inglesa «Bob, Ld.ª» que realizam a sua reunião anual em Portugal, foram revelados dados sobre a situação da empresa «Júdice Fialho», intervencionada pelo Estado. Constata-se que, desde a intervenção, a empresa triplicou a sua produtividade, ascendendo das 100 mil caixas anuais para as 300 mil, número que será ultrapassado já no próximo ano com uma elevação da produção para as 500 mil caixas. A empresa «Júdice Fialho» conta com sete fábricas, duas em Portimão e as restantes em Ferragudo, Sines, Peniche, Matosinhos e Ílhavo.

O Presidente da República ontem à chegada a Londres. Esperava-o o representante da rainha Isabel II, «lord» Wallace Caslany

EANES ESTA MANHÃ EM LONDRES

"Liberdade e Democracia têm pressupostos materiais que não podem ser iludidos"

LONDRES, 10 — (Especial para o DL) — «A dignidade da pessoa humana, a liberdade e a democracia têm hoje pressupostos materiais que não podem ser iludidos», afirmou esta manhã na capital inglesa o general Ramalho Eanes, na cerimónia de abertura da reunião de Primavera do Conselho do Atlântico, a que presidiu.

Dirigindo-se ao presidente Jimmy Carter, aos primeiros-ministros e ministros dos Negócios Estrangeiros dos países da NATO e ainda ao secretário-geral da Aliança Atlântica, afirmou o Presidente da República:

«A ocasião solene da abertura desta sessão da Primavera do Conselho do Atlântico Norte permite-me associar estreitamente o meu País aos ideais básicos da Aliança: a salvaguarda da paz e da segurança e o desenvolvimento da estabilidade e do bem-estar nesta parte do Mundo. E sublinho com apraziment o facto de ter cabido a Portugal a presidência de honra neste período tão significativo para a consolidação das suas estruturas e instituições democráticas.

Por impulso das suas Forças Armadas e por imposição do seu povo, Portugal reentrou no convívio das Nações que assentam a sua organização política e social nos valores da democracia e da liberdade. Tem por isso o meu País legitimidade para evocar os princípios fundamentais desta Aliança e para juntar a sua voz à de quantos entendem que a defesa da pessoa humana e dos seus direitos é um dever inscrito na consciência da humanidade, e, por isso, mesmo, inalienável e indestrutível.

Acolhe-nos hoje, para a realização deste Conselho, uma Nação que por mais de uma vez assinalou o seu lugar na história como um grande pilar da resistência contra as tentativas totalitárias que ameaçaram submergir a Europa e os valores da sua cultura e civilização. Liga-nos ao Reino Unido e ao seu povo uma velha aliança e uma renovada amizade. Permita-me por isso, senhor presidente e senhores primeiros-ministros, que agradeça a amiga saudação do senhor primeiro-ministro do Reino Unido. A compreensão e o respeito com que a Grã-Bretanha acompanhou o desenrolar dos nossos esforços e a superação das nossas contradições para consolidar a democracia em Portugal são exemplo de disponibilidade para a resistência a outros tipos de totalitarismos que os nossos povos têm demonstrado claramente repudiar...

Há pouco mais de um ano, falando noutra qualidade, qu não a de chefe de Estado, tive oportunidade de dizer que o regresso de Portugal à Europa e ao pleno exercício das suas responsabilidades na OTAN era não só natural, mas também imperativo, um regresso real e não apenas verbal. Nessa ocasião acrescentei que este reencontro o faríamos com coerência e com decisão, procurando cumprir com lealdade e empenhamento os compromissos assumidos e correspondentes aos interesses do nosso País. Mas se eram inequívocos os nossos propósitos e foi consequente a nossa actuação, o desenrolar dos acontecimentos nos ultimos meses atesta também que os nossos aliados mostram compreender o papel que nos cabe no seio da Aliança, pelo que se esperam passos importantes para nos assegurar a ajuda de que necessitamos em prol de Portugal e dos interesses comuns. Estão assim a criar-se as condições necessárias à consolidação da nova motivação do Povo português para o projecto nacional de matriz europeia e atlântica que nos é imposto pela nossa inserção geoestratégica, encerrado que está um ciclo da nossa história e quando se nos abrem novas perspectivas de progresso, liberdade e segurança.

A Aliança Atlântica cumpriu há pouco 28 anos de vida. Esta longevidade, é por si só um facto histórico: jamais, na memória do homem, uma aliança defensiva em tempo de paz sobreviveu tão grande período assegurando a consecução dos seus objectivos. Para este resultado excepcional terá decerto contribuido o facto de a OTAN ter sido criada para proteger a liberdade e independência dos seus membros. Mas a sobrevivência do Tratado do Atlânticco Norte deve-se igualmente ao facto de, graças a ele, os países signatários terem podido salvaguardar a sua liberdade e a herança comum dos seus povos, ao mesmo tempo que desenvolviam uma solidariedade que é a base fundamental da sua segurança. A interdependência nas relações internacionais gera a dependência das soluções de conjunto para a segurança de cada Nação. A Aliança Atlântica, não obstante imperfeições que vamos procurando corrigir e adaptacões a que não nos furtaremos, constitui ainda hoje a melhor garantia de segurança dos países-membros; e continua a ser também o motor de desenvolvimento da solidariedade entre os nossos povos, inspirados todos, nestemomento, na defesa de um modo de viver definido pelo respeito dos direitos humanos e das formas democráticas de Governo.

No quadro das relações entre os países da Aliança assumem ainda particular significado as dificuldades que atravessam as economias daqueles que, pela exiguidade dos seus recursos ou pela debilidade da sua estrutura industrial, sofreram mais duramente os efeitos do aumento do custo das matérias-primas. As medidas adotadas no âmbito doutras organizações internacionais, a que quase todos também pertencemos, não têm conseguido a eficácia correspondente ao esforço e ao sacrifício dos países menos desenvolvidos. Estas circunstâncias não poderão deixar de reflectir-se na coesão que deve caracterizar a Aliança Atlântica. A dignidade da pessoa humana, a liberdade e a democracia têm hoje pressupostos materiais que não podem ser iludidos. E a consciência dos povos é cada vez mais sensível aos desníveis de progresso e bem-estar.

Por todos estes motivos, a solidariedade, que nos une em torno de valores e objectivos comuns não poderá deixar de presidir às formas de entreajuda e à harmonização de políticas económicas. Umas e outras constituindo exigência das dificuldades transitórias são igualmente um desafio à nossa capacidade de concretizar entendimentos mais profundos e duradouros.

Exactamente porque a segurança absorve uma parte essencial dos nossos esforços, não esqueçemos a necessidade de — ao abrigo de um apatrelho defensivo tão eficaz quanto as nossas possibilidades o permitem — buscarmos, firme mas pacientemente, o desanuviamento das relações internacionais, especialmente nas relações Leste-Oeste. Com essa preocupação comum estivemos todos em Helsínquia, em 1975. E, por idêntico e sincero propósito, aguardamos a oportunidade de avaliar, em Belgrado, o grau de implementação das disposições do Acto Final de Helsínquia e de procurar novos meios de desenvolver o processo de «détente» com vista ao futuro. O grau de coesão e solidariedade que soubermos atingir, no quadro da Aliança, condicionará a probabilidade que teremos de fazer prevalecer, num conceito internacional mais amplo, os pontos de vista. que reflectem as aspirações das sociedades livres e democráticas que representamos. Sociedades cujos objectivos últimos coincidentes são o desenvolvimento económico, social e cultural em paz e liberdade, e a criação de condições para esquemas de vida que tenham por meta a justiça social e por princípio orientador o reconhecimento da eminente dignidade do homem.

A presença aqui, hoje, ao mais alto nível político, de tão grande número de governantes dos países da OTAN, atesta a vitalidade da nossa aliança, comprova a importância que lhe atribuímos e documenta a unidade dos nossos propósitos.

Quando, dentro em pouco, começarem os nossos trabalhos em Lancaster House terei o prazer, na qualidade de Presidente de Honra do Conselho do Atlântico, de confiar a direcção dos trabalhos, ,como é de tradição, ao secretário-geral Joseph Luns, a cujas altas qualidades de inteligência e tacto, sobejadamente afirmadas em cinco anos de exercício do seu elevado cargo, desejo prestar homenagem.

Os meus votos finais vão no sentido de que dos trabalhos desta reunião de Londres a nossa Aliança saia preparada para resolver a bem dos nossos povos, os problemas que se nos deparam.»

Pedido a Trudeau apoio para fixação de retornados no Canadá

Na sequência da sua viagem a Londres, a fim de participar na cimeira da NATO, o Chefe do Estado português recebeu ontem na residência do embaixador de Portugal em Londres, respectivamente, às 15 horas, Pierre Trudeau, primeiro-ministro do Canadá, às 17 e 30, o chefe do Governo italiano, Giullio Andreotti, às 18 horas o primeiro-ministro grego Caramanlis, e às 19 e 45, o chanceler da RFA, Helmut Schmidt.

No encontro com o dirigente canadiano foram tratados — segundo palavras do próprio Trudeau — problemas da Aliança Atlântica, e questões relacionadas com a possibilidade de emigração de retornados portugueses para o Canadá, e com as pescas (Portugal viu diminuida, recentemente a sua quota de pescado nas águas canadianas). Ramalho Eanes seria ainda convidado por Trudeau a visitar o Canadá. Este foi igualmente convidado a visitar Portugal. Ambos os convites foram aceites.

O primeiro-ministro italiano, Andreotti, conferenciou durante cerca de 45 minutos com o Presidente da República, estando presente à entrevista o ministro dos negócios estrangeiros, Medeiros Ferreira.

Abordado pelos jornalistas, Andreotti começou por manifestar a admiração que lhe mereciam a consolidação da democracia em Portugal e os esforços desenvolvidos por Ramalho Eanes nesse sentido.

Disse, a seguir, que «foram passados em revista assuntos relativos a situação política nos dois países, bem como analisadas as dificuldades económicas que ambos enfrentam».

Andreotti declarou ter renovado ao general Ramalho Eanes «o sentimento preciso da política italiana a favor da entrada de Portugal no Mercado Comum».

Foi ainda salientado o ambiente de cordialidade de identidade de pontos de vista em que o encontro decorreu.

Caramanlis conferenciou depois durante cerca de meia-hora com o general Ramalho Eanes. Antes de abandonar a embaixada, o chefe do Governo grego disse da sua satisfação por ter podido discutir com o Presidente da República Portuguesa problemas relacionados com as instituições nos dois países.

Relativamente à adesão da Grécia e de Portugal ao Mercado Comum, o primeiro-ministro grego afirmou que «sob o ponto de vista do Governo de Atenas não é correcto aplicar aos dois países a integração simultânea».

Concluiu Caramanlis que, tendo a Grécia pedido essa integração em primeiro lugar, deveria entrar primeiro do que Portugal na Europa dos Nove.

ENCONTRO COM SCHMIDT

A finalizar a sua longa sessão de trabalho, o general Ramalho Eanes recebeu o chanceler da República Federal da Alemanha, Helmut Schmidt, com quem conferenciou durante mais de uma hora e um quarto.

À saída, Schmidt não prestou declarações aos representantes dos órgãos de informação, mas um porta-voz da presidência da República comunicou aos jornalistas que a entrevista fora muito positiva e que Schmidt confirmara a decisão da Alemanha Federal e dos Estados Unidos de conceder a Portugal um empréstimo, ao que julga saber-se no montante de 500 milhões de dólares.

Este empréstimo substituiu aquele que deveria ser feito por um consórcio internacional e obedece não só a normas muito mais simples, como o prazo para a sua concretização é sensivelmente mais curto.

Antes, porém, o chanceler fez ao general Ramalho Eanes um relato da cimeira económica que decorreu em Londres e referiu a cooperação luso-germânica tanto no âmbito bilateral como no domínio da «NATO».

Por outro lado, o chanceler Schmidt reafirmou o apoio da Alemanha Federal à entrada de Portugal no Mercado Comum.

À noite decorreu na residência do embaixador de Portugal, em Londres, uma recepção dada pelo Presidente da República a portugueses residentes no Reino Unido.

Mário Soares falou com governadores civis

O Primeiro-Ministro Mário Soares participou ontem numa reunião com governadores civis do Continente que teve lugar no Ministério da Administração Interna. No decurso da reunião, Soares teve oportunidade de fazer uma exposição acerca dos principais problemas da política nacional.

A reunião foi de rotina e a presença de Mário Soares veio corresponder a um pedido que lhe fora feito pelo ministro Costa Brás nesse sentido, segundo o próprio Primeiro-Ministro, no final da reunião, aos jornalistas. Esteve presente igualmente o ministro sem pasta Jorge Campinos.

Muito embora a reunião tenha sido classificada de rotina, é de registar a sua relativamente longa duração: cerca de quatro horas.

Entretanto, continua por resolver o problema do governador civil de Beja, que ainda não foi nomeado.

De acordo com notícias que têm circulado, o Governo tem recebido respostas negativas de várias personalidades sondadas para a possibilidade de ocuparem o lugar deixado vago pela demissão do ten.-cor. Carvalho Figueira.

O último contacto do Governo foi o eng. Aguiar de Carvalho, actual vice-presidente do Município da Figueira da Foz. A resposta do contactado encontra-se suspensa até amanhã.

Todavia, segundo o «Diário de Noticias» na sua edição de hoje, o ministro Costa Brás declarou «muito difícil» a possibilidade de vir a ser este contactado o futuro representante do Governo Central no distrito de Beja.

CIMEIRA DA EFTA

Integração europeia dominará debates

Ir mais além nos esforços para a integração económica da Europa capitalista, partindo do princípio de que a eliminação da maior parte das taxas alfandegárias entre a EFTA e a CEE a vigorar a partir de 1 de Julho deste ano é apenas mais um passo naquele sentido, deverá ser o objectivo perseguido na cimeira da Associação Europeia de Comércio Livre (EFTA), que se inicia na próxima sexta-feira em Viena.

Para além das intervenções declaradas de alguns países membros da organização, a sua concretização apresenta-se problemática dados os graves problemas que as economias capitalistas europeias experimentam, quer ao nível da EFTA, quer da CEE e que gera contradições até agora insolúveis que mantêm a «integração» no domínio dos objectivos muito remotos.

Na cimeira de Viena estarão presentes dos sete países membros — Portugal, Áustria, Islândia, Noruega, Suíça, Suécia e Liechtenstein, além da Finlândia como membro associado —, começando os respectivos chefes de Governo a chegar à capital austríaca na quinta-feira. Entre os primeiros a chegar conta-se o Primeiro-Ministro português, Mário Soares.

A agenda dos debates incluirá, além das relações comerciais da EFTA com a CEE, a revisão do denominado «círculo de Tóquio», do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT), o diálogo Norte-Sul entre países industrializados e subdesenvolvidos, as relações com a Espanha e a Jugoslávia, a situação económica e a crescente tendência que se verifica no sentido de um proteccionismo económico no comércio mundial.

No seu conjunto, os países da EFTA, a despeito de representarem apenas um por cento da população mundial, detêm 7 por cento do comércio mundial.

Ao fim de um dia de vendas as lojas desfazem-se das caixas de papelão, pequenas e grandes, que o consumidor deixou vazias. Atadas, as caixas são empurradas para fora dos estabelecimentos e ficam por ali perto, ou então podem subir até ao cimo de algum marco de correio, como já nos aconteceu ver. Então, a horas certas, surgem os negociantes de papel, uns ágeis, outros arrastando-se, que levam o que lhes interessa e deixam os restos ao vento que tudo espalha sujando o passeio. Acontece regularmente em pontos diversos da cidade: ontem o nosso fotógrafo captou estas imagens na Baixa, junto da Igreja de S. Nicolau

Sindicato promove ciclo de Enologia

O Sindicato dos Engenheiros Técnicos Agrários informou ontem em conferência de Imprensa que se realizará de 4 a 9 de Junho próximo, num hotel da capital, o I Ciclo de Enologia, cujo objectivo principal será o inventário dos principais problemas do sector.

Os engenheiros revelaram que através da análise da problemática da vinha se propõe «reunir o consenso geral dos intervenientes sobre as vias que possam conduzir o País e o sector ao lugar que, por via das suas condições naturais extraordinárias, legitimamente deve ocupar no mundo como produtor de vinhos».

Pensa-se ainda que as conclusões deste ciclo contribuam para que o Governo «possa, decididamente, encarar frontalmente o problema, definir e pôr em execução as medidas que se imponham para o resolver». Durante o encontro serão proferidas 30 conferências sobre temas vitivinícolas e ainda uma mesa-redonda sobre o ensino da Enologia e Viticultura em Portugal.

Fiscalização económica penaliza infractores

Segundo uma nota emitida pelo Ministério do Comércio e Turismo, as brigadas da Direcção-Geral de Fiscalização Económica efectuaram 368 processos de intervenção nas áreas distritais de todo o País durante o período de 26 a 30 de Abril. Salienta-se que das 271 contravenções 97 foram por falta de afixação de preços em bens e serviços, e 49 por falta de documentos de compra.

No domínio dos crimes anti económicos e contra a saúde pública registaram-se 85 casos de especulação (19 em peixe, 9 em carne, 7 em batata, três em vinho, entre outros bens e serviços) e três casos de açambarcamento em batata, tabaco e bacalhau. Deste último produto foram apreendidos 122 quilos em Setúbal. Verificaram-se ainda três casos de matança clandestina, sendo dois em Setúbal e um em Castelo Branco.

Foram presos dois especuladores em flagrante delito no comércio de carne e bacalhau, em Portalegre e Setúbal. A nota informa ainda que a DGFE apreendeu, por impróprios para o consumo, 134 quilos de carne, 562,5 de massa de marmelo e 14,2 quilos de fiambre. Os produtos foram inutilizados e responsabilizados os infractores.

Freguesia da Ajuda: emendas da FEPU aprovadas pelo PS

Após várias reuniões de análise e debate, foi aprovado o regimento da assembleia de freguesia da Ajuda.

Mercê da unidade existente ao nível da freguesia entre a FEPU e o PS, o regimento agora aprovado inclui disposições amplamente democráticas sobre a participação das comissões de moradores legalmente constituídas, a realização de assembleias extraordinárias e a participação do público.

Ficou também estabelecido um ponto prévio para discussão de qualquer tema não incluído na ordem de trabalhos.

As emendas propostas pela FEPU ao documento-base (do PS) foram quase todas aprovadas, tendo o Partido Socialista votado a favor por reconhecer a sua validade e interesse.

Serigrafia na Zona Oriental

A Casa da Cultura da Zona Oriental de Lisboa inicia neste mês de Maio actividades de animação cultural, em que engloba jovens e adultos de todo o concelho de Loures, assim como uma oficina de criação artística para os mais novos, com idades compreendidas entre os 7 e 15 anos.

O primeiro curso (de Serigrafia) começou ontem. Seguir-se-á um curso de fantoches de vários tipos.

A Casa da Cultura da Zona Oriental de Lisboa situa-se em Moscavide, na Rua António Maria Pais, 6-A.

TOIROS DE MORTE EM VILA FRANCA

"Diestros" saíram em liberdade caucionados em 3000$00

Aguardam em liberdade o julgamento, depois de terem sido caucionados em três mil escudos os matadores de toiros José Júlio e Rayito de Venezuela e o novilheiro António de Portugal, que no passado sábado estoquearam seis toiros, infringindo a Lei portuguesa.

Lei essa muito contestada, e que tem sido alvo de debates e contestações. Acérrima lutadora contra os toiros de morte, a Associação Protectora dos Animais reafirmou no passado sábado a sua decisão de continuar a lutar contra a introdução em Portugal das «corridas de morte».

No sábado, em Vila Franca de Xira, foi entretanto o delírio. Praça cheia. Os toureiros levados aos ombros. Em direcção àquela vila, avançava de Lisboa uma companhia de Intervenção que ninguém sabe quem chamou. Assustado com o aparato policial, o novilheiro António de Portugal escapou-se para se apresentar horas depois no Tribunal a fim de prestar declarações.

A Câmara Municipal decidiu abrir um inquérito e divulgou um comunicado em que critica a actuação das forças vindas de Lisboa, pois que as forças policiais do concelho seriam suficientes para a detenção dos três toureiros.

Parece que já estava decidido transformar o espectáculo de sábado numa «corrida integral». José Júlio afirmou:

«A hora também chegou para os toureiros poderem exercer a profissão em liberdade, pois a nossa carteira profissional diz que somos matadores de toiros».

Recordamos que, no Tribunal de Vila Franca de Xira, se encontra em segredo de Justiça o processo dos toureiros portugueses José Júlio, Armando Soares, António de Portugal e Parreirita Cigano, que no dia 31 de Outubro de 1976 mataram quatro toiros na mesma praça e continuam também aguardar julgamento. Esta indecisão na pena a aplicar aos matadores de toiros resulta da falta definição do que deve ser o espectáculo tauromáquico em Portugal.

Agora mais três matadores aguardam decisão judicial.

Mas no sábado há nova corrida na praça de Vila Franca de Xira. Actuarão José Júlio e António de Portugal, e os matadores espanhóis Julio Teruel, Julio Robles e Paco Caminho. Haverá toiros de morte «se o Governo autorizar» — afirmou José Júlio. A receita do espectáculo destina-se à construção do mausoléu do toureiro português José Falcão, que morreu na arena de Barcelona no dia 11 de Agosto de 1974.

Para os espectadores e para os aficionados uma recordação do passado sábado: toiros de morte e a companhia de Intervenção que carregou sobre a multidão, incluindo o próprio presidente da Câmara e um dos secretários da Assembleia Municipal do concelho. Segundo a opinião dos aficionados, o «espectáculo violento» esteve do lado de fora da praça. E houve pessoas «levadas aos ombros» para o Hospital.

Automóveis soviéticos apresentam-se na FIL

Três modelos de automóveis ligeiros soviéticos, «Gaz-24», «Moskvich 2140» e «Zaporozhets», vão estar patentes ao público na Feira Internacional de Lisboa, que decorre a partir do próximo dia 27 e até 7 de Junho. Os modelos expostos são dos mais populares na URSS e têm grande aceitação em muitos países estrangeiros.

«Esperamos que os automóveis soviéticos atraiam também a atenção dos portugueses», disse ao correspondente da Tass um representante da Associação do Comércio Externo da URSS, Boris Kornilov.

Sublinhou ainda que «os carros ligeiros soviéticos, pelo seu conforto e economia, são hoje altamente competitivos no mercado internacional». Durante o ano de 1977, a URSS produzirá mais de dois milhões de unidades destas viaturas.

TV a cores nos Açores

PONTA DELGADA, 10 — Está a ser construído nesta cidade um estúdio de televisão destinado à transmissão de emissões a cores. A aparelhagem necessária começará a chegar aos Açores em fins de Julho.

Entretanto uma equipa da RTP, dirigida por Edmundo Pedro, visitou recentemente os Açores. Os representantes da RTP estiveram nas instalações da NATO e da Força Aérea, nos Cinco Picos, no retransmissor de Santa Bárbara e ainda na TB do destacamento norte-americano nas Lajes. Em encontro com os jornalistas a equipa de Edmundo Pedro afirmou que o complexo da NATO está em definitivo arredado de qualquer hipótese de aproveitamento e os Cinco Picos só numa perspectiva distanciada.

AUTO-ESTRADA DO NORTE

Troço Vila Franca-Carregado abrirá no próximo Verão

Com um atraso de mais de seis meses relativamente ao prazo inicialmente previsto, deverá ser aberto ao trânsito no próximo Verão o novo troço da Auto-Estrada do Norte entre Vila Franca e o Carregado. Isto se as obras em curso (atrasadas devido à invernia, dizem os responsáveis) se mantiverem no ritmo actual).

Presentemente, quase metade da extensão total de oito quilómetros do novo lanço está já asfaltada e encontram-se também montadas placas separadoras para protecção dos automobilistas. O equipamento automático de portagem, de origem italiana, está também comprado, não tendo ainda sido fixado o montante da respectiva taxa, a qual foi proposta, para estudo, pela empresa concessionária, à Junta Autónoma das Estradas, dependendo o parecer final do Conselho de Ministros.

Entretanto, até ao fim do ano deverá ficar concluído o lanço da via-rápida que ligará o Fogueteiro a Coina e, doze meses mais tarde, esta última localidade a Palmela e a Setúbal, enquanto o troço Carvalhos-Vila da Feira, adjudicado o mês passado, se encontra já em fase de construção, com as obras de terraplanagem a iniciarem-se dentro de dias.

Registe-se que o projecto da auto-estrada prevê um prazo de onze anos para a ligação de Setúbal a Vila Nova de Famalição, o que constituirá a «espinha dorsal» dos transportes rodoviários portugueses.

PUBLICIDADE, HOJE

O DIÁRIO DE LISBOA entende que a Publicidade bem utilizada, é uma actividade necessária e útil e considera que as campanhas de publicidade devem ser entregues a boas Agências onde verdadeiros profissionais aceitam e impõem as regras de qualidade e utilidade social que o DIÁRIO DE LISBOA exige e defende.
PUBLICIDADE, HOJE — é mais uma iniciativa do DIÁRIO DE LISBOA, com o objectivo de contribuir para a valorização e dignificação do sector da Publicidade.

A página de hoje é da responsabilidade da Agência ESPIRAL

Pensamos ter entendido o propósito do Diário de Lisboa. Se o jornal é realmente o meio ideal para equacionar a quantidade de questões que se levantam à volta da força poderosa que é a Publicidade, as limitações do espaço, obviamente, conduzem-nos tão somente a levantar algumas delas. Questões que carecem ser aprofundadas, contraditadas, esclarecidas. É tarefa para Agências de Publicidade e Meios. Porque, na nossa interdependência, é mútua a responsabilidade perante os consumidores. A ESpiral estará sempre disposta, sem complexos, a assumir as suas posições!!

Maio de 1977

A. J. Borges

PUBLICIDADE E A INDEPENDÊNCIA DA IMPRENSA

Todos os dias assistimos ao relato por vezes difuso e confuso, da crise da Imprensa, crise financeira sobretudo. Se ao longo de vários meses as soluções excluíram a reflexão sobre Publicidade, noutras ocasiões procurou-se controlar esta actividade para — paradoxo — justamente ocorrer à citada crise!

— Aconteceu que tudo se agravou em cadeia e a verdade é que, apesar de pequena recuperação em relação a 1975, o total dos investimentos nos meios em 1976 (investimentos controlados, evidentemente) é apenas ligeiramente superior ao nível de 1969 (!), em números absolutos, não corrigidos da inflação.

Todavia todos os sintomas para 1977 (sinais a seguir, no entanto, com toda a precaução), são de retomada de um dinamismo em todos os sectores do espectro económico, e tal se deve, sobretudo, à confiança e dinamismo de muitos anunciantes bem como à acção corajosa, permanente, das Agências de Publicidade mais profissionalizadas e responsáveis — que não à dos franco-atiradores da profissão, que os tem, como todas — e condição «sine qua non», à recuperação económica que se começa a sentir.

Pensando na indispensabilidade de ter uma Imprensa pluralista vigorosa, interventora e, portanto, financeiramente independente, à Publicidade interessa analisar as hipóteses de futuro mútuo. Mais ou menos todos os programas partidários falam no problema, a preocupação é extensiva a outros países de regimes parlamentares (vide o «pacote» de medidas que Mitterand propõe, em França, para garantir essa independência), mas a verdade é que a prática tem demonstrado que a zona preferencial de diálogo se situa ao nível dos parceiros directos.

É pois o momento para retomar o diálogo, diálogo que tem muitas frentes — quer com os anunciantes, associações de consumidores, entidades públicas, meios, agências entre si — e que aqui pretendemos situar num ponto sensível e que gerou controvérsias e recuos só recuperáveis a prazo.

Ainda no mês de Maio, a Espiral tenha a oportunidade de contactar mais intimamente os diferentes meios (prevemos a apresentação dos resultados de muito recentes estudos de audiência de meios nacionais, que levámos a efeito com o apoio de vários clientes, os nossos objectivos para 1977, análise da evolução dos investimentos, etc.) antes; deixamos aqui algumas alíneas para ponto de partida.

1. Não é a Publicidade que mata a Informação, que limita a sua independência; a Informação escrita custa caro e é a Publicidade que fornece o complemento das receitas que a permitem chegar ao grande público (chegando a 60/70 por cento das receitas globais dos meios).

2. A criação de novas publicações, dentro do mesmo sector «Imprensa», rarifica a Publicidade nas já existentes

3. A experiência de vários anos — desde a subida da TV como meio forte de Publicidade comercial — mostra a pouca elasticidade dos investimentos destinados à Imprensa (de 37,5 por cento do total dos investimentos em 1961, para 25 por cento em 1965, 38 por cento em 1972, 38 por cento em 1974, 33 por cento em 1976).

4. Num sistema pluralista de informação, com todas as publicações com semelhantes características publicitárias, o jornal ou revista diferencia-se pelo número e qualidade dos seus leitores, dos quais a Publicidade necessita e procura.

5. Mesmo a Imprensa de opinião sabe que, em regime pluralista, é a lei da oferta e da procura que comanda os seus orçamentos: os publicitários não são mecenas (ao contrário, por vezes de alguns anunciantes. E seleccionam os suportes apenas em função da sua eficácia.

6. Assim a independência (e mesmo a hipótese de continuidade de alguns suportes) passa mais por uma relação adulta e profissional sobretudo com Agências, o mais diversificada possível do que por uma concertação mais ou menos política, através de canais únicos de veiculação de grandes orçamentos publicitários (o que poderá ser o caso da empresa pública em formação).

7. Quanto mais a Publicidade for importante na TV mais ela carecerá da Imprensa para a eficácia total das suas campanhas.

8. Mudar um jornal é uma aventura, a Imprensa é uma indústria complexa, os investimentos importantes; mas continua a satisfazer as necessidades vitais de comunicação do meio social e de criação de uma opinião: daqui não só a necessidade crescente que a Publicidade dela terá, como também a oportunidade de a Imprensa se afirmar onde não o pode fazer o audiovisual.

À CONSCIÊNCIA DOS PUBLICITÁRIOS, HOMENS DE COMUNICAÇÃO

1. Numa sociedade em mutações estruturais profundas, em todos os domínios das relações humanas, sociais e económicas, as referências utilizadas na comunicação necessariamente variam e assumem tonalidades inesperadas.

Para abreviarmos a entrada no assunto diremos que a Publicidade, como estratégia de comunicação, tem sido fortemente contestada, posta mesmo em causa. Quer nos seus meios, linguagem, nos seus excessos, nos seus efeitos económicos e sociais.

Sem dúvida que nunca foi tão necessária. Que permite aumentar o conforto e a felicidade. Mas... que forma de felicidade? Que qualidade de vida nós preparamos?

Para nos adaptarmos convém, sem esgotar o tema, interrogarmo-nos perante um conjunto de críticas que a sociedade nos formula, muitas infjustificadas, e tomarmos consciência da nossa responsabilidade de profissionais.

2. É por demais evidente que a Publicidade é parte integrante do diálogo comercial do homem com o homem, com a vocação original de servir o consumidor que, em última análise, procura seduzir.

Este continua a gostar da Publicidade que o informa, o distrai, se aproxima dos seus padrões de vida social e aborrecerá sempre a Publicidade que o violenta, o engana, o deixa indiferente.

Porque o que não parece estar errado no sistema de economia do mercado será, pelo menos, a liberdade de opção do consumidor.

O mundo económico de consumo não é, assim, um assalto do produtor ao consumidor, com a cumplicidade activa do publicitário e até dos meios de comunicação. Um tal quadro de referências, por demais simplista e ignorante, negando a inteligência das partes em presença e a sua capacidade de progredirem, se defenderem e dialogarem, não pode repousar senão num modelo social fechado, secreto, autocrático sem opções — e também sem futuro, já que não está, felizmente, nos horizontes dos modelos fundamentais de sociedade que conhecemos.

3. No equilíbrio da oferta e da procura a Publicidade joga um papel essencial, como factor de democratização e motor económico. Em diferentes sistemas económicos este seu efeito multiplicador e acelerador é cada vez mais reconhecido, alargando-se o espectro da sua utilização.

A Publicidade honesta não é nem desperdício nem geradora de oligopólios: para além de se revelar, por vezes, o mais rápido e mais económico elemento do Marketing-Mix é tantas vezes a arma mais eficaz, e quase única, com que as PME conseguem criar o seu mercado e resistir aos grupos monopolistas.

Como se sabe os consumidores reagem mais aos preços e à qualidade dos produtos concorrentes do que à sua pressão publicitária. No entanto, mesmo sabendo-se como é baixíssima a percentagem dos investimentos em Publicidade em relação ao consumo nacional privado — 0,4 por cento em 1976 — e conhecida a sua função de multiplicador de vendas — permitindo baixar os custos unitários — não deixa por isso de se lhe atribuir um importante efeito inflacionista. Mesmo uma eventual acção nacional de orientação, ou reconversão, de consumos será impensável sem a utilização maciça da Publicidade!

4. A Publicidade, seja qual for a sua acção — e cabe aqui dizer que, apesar de todos os estudos e experiências acumuladas ainda se conhecem mal os seus efeitos — não é senão um elemento do processo económico, uma «correia de transmissão», mesmo que se considere o seu funcionamento em economia socialista.

É uma técnica, não uma panaceia.

Quer por erros próprios, de que urge tomar consciência e ultrapassar com seriedade, quer pelo seu carácter de «guarda avançada» do capitalismo liberal — com o qual adquiriu maturidade profissional — a Publicidade é acusada de responsável pelas disparidades, injustiças e infelicidade de um sistema.

Esquecendo tantos outros elementos de comunicação que influenciam as nossas sociedades — por exemplo o cinema e a televisão — tendem alguns a atribuir mais um «pecado mortal» à Publicidade: o de criar necessidades artificiais, ou levar mesmo a frustrações sociais! Mas levarão os consumidores para casa assim tantas coisas realmente inúteis? E o publicitário que detém a decisão comercial das empresas, seja para novos produtos, seja para alterar os existentes?

Não estará também a Publicidade ao serviço de importantes causas nacionais, de serviços públicos, de acções informativas que interessam o cidadão em geral?

«A IMAGINAÇÃO

É MAIS IMPORTANTE

QUE O CONHECIMENTO»

(Einstein)

5. O nosso papel de publicitários é bem preciso: comunicar. Tarefa que exige, acima do conhecimento, uma grande dose de imaginação. O profissionalismo e a audácia. Os dados concretos, e também os elementos humanos, afectivos, poéticos.

Porque só pondo os conhecimentos a reboque da imaginação poderemos ultrapassar os limites naturais dos anunciantes, nossos clientes, com os quais dividimos as responsabilidades da comercialização. E que nos procuram, sobretudo, para lhes darmos criatividade. Em todos os campos.

E não temos que negar o nosso profissionalismo nos extensos domínios do ofício de comunicar. Sabemos (claro que sim!) em que segmento do mercado vamos colocar o nosso produto. Conhecemos as técnicas de selecção dos «media» e como optimizar os orçamentos que nos confiam. Sabemos medir os resultados das nossas campanhas e acumular experiência incalculável. somos por vezes capazes de nos admirarmos com a nossa capacidade de persuadir com inventiva. Sem sermos chatos ou complicados. Com correcção e verdade.

Aqui se confina — e não vai mais longe — a nossa responsabilidade profissional.

6 E, ao dobrarmos a esquina do futuro (passá-la-emos?), vamos acompanhar, e se possível antecipar, as profundas modificações do nosso meio social. Dos valores, motivações e mesmo da linguagem. Porque só assim a Publicidade dos nossos clientes conseguirá «passar» no exame de que, em última instância, tudo depende: o veredicto dos consumidores.

É juizo que não admite «cunhas», nem mesmo do Partido...

EXIGIMOS BASTANTE DOS NOSSOS CLIENTES. ELES EXIGEM MAIS DE NÓS. SÓ ASSIM, É POSSÍVEL UTILIZAR BEM A PUBLICIDADE

A Espiral em algumas linhas

Formámos equipa em 1968. No ano 9 da nossa actividade sabemos o que ficou para trás: o esforço, o trabalho árduo, o ultrapassar de períodos difíceis, a continuidade. E a consciência de ter feito, muitas vezes, bem. Somos uma equipa de técnicos em publicidade que bombardeia os clientes com perguntas. Exactamente para lhes dar-mos as melhores respostas.

A base da nossa «filosofia de trabalho» é acreditarmos no valor da nossa profissão, na necessidade da comunicação:

— a Publicidade é uma questão de homens, e o seu ingrediente é a qualidade humana dos profissionais;

— o nosso produto é a criatividade, criatividade eficaz, que sirva o posicionamento dos produtos e os objectivos dos nossos clientes, criatividade em todos os campos do nosso trabalho;

— sabemos onde está o consumidor e como comunicar-mos com ele eliminando a sofisticação inútil ou as soluções fáceis;

— respeitamos as leis do país, as normas éticas do nosso ofício e procurarmos jogar um papel importante no meio profissional;

— e utilizamos, naturalmente, algumas regras pois que «as regras não só são para obediência de todos como para guia dos sensatos».

QUADROS TÉCNICOS

Serviço a clientes	9
Criativos	6
Marketing e Media	2
Produção	3
Serviços Comerciais	5
Total (incluindo administrativos e diversos)	32

EVOLUÇÃO DA FACTURAÇÃO

1968	5 000 contos
1972	33 000 contos
1973	44 000 contos
1974	42 000 contos
1976	43 000 contos
1977	60 000 contos (previsão)

REPARTIÇÃO POR MEIOS (1976)

Imprensa (jornais e revistas)	48 por cento
Televisão	41 por cento
Rádio	7 por cento
Publicidade Exterior	3 por cento
Outros	1 por cento

PRINCIPAIS CLIENTES

ALIMENTOS
— BEBIDAS
— TABACOS
CÁLEM
CAVES ALIANÇA
CINZANO
C. U. F. PORTUENSE
F. T. MICAELENSE
KNORR
SORAVIL
U. A. COOPERATIVAS DA ESTREMADURA

TÊXTEIS
— CONFECÇÕES
S. I. L. (WOOLMARK) e licenciados portugueses
SANTIX

SAÚDE
— HIGIENE
— BELEZA
COPER
F. LIMA
JOHNSON E JOHNSON
CERAS JOHNSON
RIA (HENKEL)

SERVIÇOS
BANCO DE FOMENTO
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
IMPRIMARTE (Pág. Amarelas)
M. DO TRABALHO (F. do Desemprego)

VIAGENS
— CULTURA
— TURISMO
BRITISH AIRWAYS
BRITISH TOURIST AUTHORITY

AUTOMÓVEIS
RENAULT

EQUIPAMENTOS — PRODUTOS INDUSTRIAIS
C. I. N.
PHILIPS
UNIVAC
VETLIMA

UTENSÍLIOS DE USO PESSOAL E DOMÉSTICO
BEIERSDORF
PHILIPS
PREVIDENTE
SADO INTERNACIONAL
VIALGA (Parker, Ronson)

A Europa connosco

Somos uma Agência nacional independente na qual as acções estão na posse dos nossos quadros, praticamente desde a nossa implantação. E fomos para a Europa há já vários anos, com muitos benefícios para o nosso trabalho, através do maior Grupo de Agências de Publicidade exclusivamente europeu. As nossas relações são já antigas, sólidas, mutuamente vantajosas, e continuam a desenvolver-se: o Grupo Intermarco-Farner-Publicis está presente em todas as capitais europeias.

Temos ainda um acordo de representação com a Ogilvy Benson &Mather, Grupo americano com Agências na Europa e outros continentes.

E acordos especiais de trabalho com as Agências RAPID de Praga e BULGARREKLAMA de Sofia e VNESHTORGREKLAMA de Moscovo, Agências estatais para a exportação.

ESPIRAL
Marketing & Publicidade

AV. PRAIA DAVITÓRIA, 48-4.º D.to LISBOA 1
Telef: 561168/9; 535052/3; 563169/70; 563124/31

Director da PIDE em Moçambique faltou a julgamento

Não se apresentou ontem no 5.º Tribunal Militar de Lisboa o ex-director da PIDE em Moçambique, Pereira de Castro, tendo apresentado um atestado médico justificativo da sua ausência.

Apesar de ter estado uns dias antes no edifício do Tribunal, para assistir ao julgamento de um dos seus antigos camaradas, o inspector Pereira de Castro resolveu defraudar a expectativa do público que acorreu ao Tribunal para assistir ao julgamento do responsável da polícia política em Moçambique, incluindo a dos ex-inspectores Capela e Gouveia, que abandonaram o Tribunal logo que souberam que o «pide» Pereira de Castro tinha apresentado atestado médico.

No mesmo 5.º Tribunal Territorial foram julgados dois agentes da sinistra corporação fascista. O primeiro, Cândido de Sousa Abegão, entrara para a PIDE em 1972, depois de fazer várias comissões de serviço na guerra colonial e foi depois colocado na Guiné. Apanhou doze meses de prisão, que já tinha cumprido durante a prisão preventiva, logo saiu em liberdade.

O segundo agente a ser julgado tinha 20 anos de profissão, dedicados aos ramos de investigação e fronteira. Enquanto membros das brigadas de investigação, o «pide» — Américo Coelho de Brito — só fora utilizado segundo afirmou para transportar presos de e para Caxias e, ainda para guardar o capitão Henrique Galvão, enquanto este esteve preso num hospital. Sobre torturas e outras actividades desenvolvidas pela PIDE durante os interrogatórios dos antifascistas que tinham a má-sina de lhe cair nas mãos, o «pide» Américo não sabia de nada, de nada tinha ouvido falar.

Resultado final :— dezassete meses de prisão, pena que será averbada no cadastro criminal do «pide», e a liberdade, já que o tempo de prisão preventiva foi superior à pena.

Cardeal brasileiro vai ao Funchal

FUNCHAL, 10 — O cardeal-primaz do Brasil, D. Avelar Brandão Vilela, estará presente nesta cidade durante as festas do Corpo de Deus, que tem lugar em Junho.

Estas festas, concorridíssimas, reuniram nos últimos anos as maiores multidões até agora vistas na Madeira.

C. P. — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E. P.

Faz-se público que os Caminhos de Ferro Portugueses, recebe propostas para a venda de cortiça, proveniente de sobreiros de sua propriedade, a extrair por conta do comprador e situados nos seguintes locais:

LOTE N.º 1

Linha de Vendas Novas	— toda a linha
Linha do Norte	— do Km 88,000 ao Km 112,300
Linha do Oeste	— toda a linha

LOTE N.º 2

Linha do Norte	— do Km 269,115 ao Km 328.300
Linha do Vouga	— do Km 3,000 ao Km 95,600
Linha do Douro	— do Km 9,30 ao Km 130,415
Ramal de Sernada a Aveiro	— toda a linha
Linha do Minho	— toda a linha

A abertura das propostas realiza-se nos dias 13 e 12 de Maio, respectivamente para os lotes n.os 1 e 2, nos locais indicados em anúncios, que se encontram afixados nas Estações das linhas indicadas e no Serviço de Domínio e Exploração Agrícola, do Departamento de Instalações Fixas em St.ª Apolónia, onde, igualmente, serão prestadas todas as informações.

MADEIRA

por somente Esc. 4.500$00
já pensou poder ter :

- 5 dias de viagem
- Transp. aeroporto/hotel/aeroporto
- Hotel de 4 estrelas c/ banho
- **PENSÃO COMPLETA**
- Excursão a Porto Moniz c/ almoço
- Excursão a Cabo Girão e Eira Serrado
- Jantar típico (espetada)
- Guia permanente da nossa Agência

Pois acredite que é verdade !...

Inscreva-se já nas nossas partidas regulares de 28.05 até 15.07.

Av. Liberdade 233
Tel. 536121
Lisboa 2
Europeia

"UM CRIME MONSTRUOSO"

PS condena incidentes de Adis-Abeba

O Secretariado Nacional do PS tomou posição pública acerca dos recentes incidentes registados em Adis-Abeba, quando e onde — diz — «centenas de estudantes que se manifestavam pacificamente (...) contra o regime militar» foram mortos a tiro pelas autoridades da Etiópia. Foi — classifica o PS — «um crime monstruoso, só comparável aos que as tropas nazis cometeram durante a Segunda Guerra Mundial, um crime contra a Humanidade, que nenhuma fraseologia, pseudo-revolucionária poderá disfarçar e muito menos justificar».

O comunicado do SN do PS, ontem emitido, «exprime a sua indignação e o seu protesto» pelos factos registados e consignados nas notícias que as agências oportunamente difundiram, e aproveita a oportunidade para dizer que «o socialismo e a liberdade são indissociáveis e não há liberdade nem socialismo sem respeito pelos direitos do homem»; «a luta pelos direitos do homem — acrescenta-se — é una e indivisível». Por isso, «O massacre de Adis-Abeba vem tornar mais urgente a necessidade de intensificar essa luta e de denunciar os atentados contra os direitos humanos onde quer que eles sejam cometidos».

Lembra-se que a Etiópia está actualmente a viver um processo político idêntico ao desencadeado em Portugal em 25 de Abril de 1974, e iniciado, aliás pouco tempo depois desta data. Os militares derrubaram o regime corrupto do velho imperador Hailé-Selassié, e tomaram o Poder, provocando desde logo profundas mudanças estruturais. As actuais autoridades etíopes têm levado por vezes até extremos antes imprevistos — e por vezes chocantes para a opinião pública europeia e ocidental — este processo de transformações desencadeado.

A generalidade dos observadores internacionais, sem deixar de reconhecer a violência que tem caracterizado o processo etíope, têm criado um certo consenso à volta deste processo, considerado geralmente como a tentativa de concretização dum projecto de esquerda socialista, antes e depois das suas contradições, das suas hesitações e perplexidades.

C.E.R.P E ARGENTINA

Por outro lado também o grupo Cristãos em Reflexão Permanente, emitiu um comunicado alertando a opinião pública portuguesa para «as gritantes violações dos direitos humanos que se praticam na Argentina, assim como para o clima de opressão e terror que se vive nesse país sul-americano».

O grupo denuncia as perseguições movidas a cristãos, designadamente sacerdotes, pelo regime militar de ultradireita dirigido pelo general Videla. Mas — diz — «os cristãos perseguidos são apenas o topo dum «iceberg» muito maior. Muito maior é a massa anónima dos seus companheiros de luta que sofrem; políticos de esquerda, trabalhadores, sindicalistas, estudantes».

«Clínico fardado» à porta de Belém, à espera que lhe resolvam o problema: ter aulas que ainda não teve este ano lectivo. E com ele 490 alunos dos Hospitais Civis de Lisboa

Alunos dos Civis continuam sem aulas

Não começaram ontem, como estava determinado por despacho conjunto do MEIC e do MAS, as aulas nos Hospitais Civis de Lisboa, para os estudantes dos anos clínicos do curso de Medicina.

Os estudantes, contudo, continuam a comparecer nos locais das aulas. Os médicos recusam-se a leccionar enquanto o decreto que institucionaliza o ensino médico nos Hospitais Civis não for revogado. Os estudantes, embora compreendam algumas das razões que possam assistir aos médicos, não podem no entanto aceitar estarem sem aulas. De um lado o Governo do outro os médicos e os estudantes como bola de «ping-pong» sujeitos ao que consideram uma espécie de chantagem dos médicos que põem em causa o ano lectivo de 920 alunos.

Ontem à tarde concentraram-se frente à Presidência da República, tendo depois sido recebidos pelo ministro da Educação e Investigação Científica Sottomayor Cardia. Hoje, estarão presentes à entrada do Conselho de Ministro para protestarem contra a situação que consideram de impasse.

Na opinião de um estudante responsável pelos contactos com a Imprensa, a partir de agora estão esgotadas todas as formas legais de resolver o problema.

Cardia recebe AAC

O ministro da Educação e Investigação Científica, Sottomayor Cardia, recebeu esta manhã uma delegação da Direcção-Geral de Associação Académica de Coimbra. Em audiência a greve da Universidade de Coimbra que se prolongará até à próxima quinta-feira.

Recorda-se que na origem da greve está a suspensão, por parte do MEIC das aulas da Faculdade de Ciências e Tecnologia. Por seu turno, na origem da medida do MEIC, está a determinação dos alunos daquela Faculdade em não aceitarem a reintegração de seis professores saneados.

PSICOLOGIA (PORTO)

Fraca comparência aos testes

PORTO, 10 — Apenas sete alunos têm vindo a cumprir a determinação do MEIC fazendo os testes de reavaliação sobre matéria avaliada durante o ano passado, marcados para o Governo Civil, junto ao Comando da PSP. Esta manhã foi feita uma prova, enquanto dezenas de alunos, contrários aos testes foram mantidos à distância por forças da PSP, armadas de capacetes com viseira.

A circunstância de terem comparecido tão poucos estudantes — sete dos 208 — contraria, de certa forma, a posição daqueles que invocam a coacção para justificar a fraca adesão dos alunos à decisão, considerada «arbitrária e anticonstitucional» do MEIC.

Segundo um comunicado distribuído à população «o ministro calca aos pés a Constituição que jurou cumprir, lançando-se numa ofensiva generalizada contra o ensino em Portugal». Apelando à mobilização da população dizem os Portugal». Apelando à mob zação da população dizem depois os alunos de Psicologia: «Demonstremos ao MEIC a nossa disposição de não ceder um palmo relativamente aos direitos legalmente adquiridos (frequência do curso, pré-inscrição já realizada em Setembro de 1976, exames já efectuados, propinas pagas, trabalhos realizados, etc.»).

A prova de Epistemologia da Psicologia, marcada para ontem às 10 horas, começou com hora e meia de atraso, devido ao impedimento pacífico de que foram alvo os professores e um membro da Comissão Instaladora, prof. Machado Cruz, que, tal como outros dois, pediu a demissão, encontrando-se todavia no activo.

Recorda-se que os testes estiveram inicialmente marcados para o Instituto Abel Salazar, acabando por não se efectivar devido ao boicote dos alunos. É a segunda vez que exames são marcados para fora das estruturas académicas. A primeira foi com Bioestatística no ano passado, cujas provas decorreram também no Governo Civil.

Entretanto, na mira de conseguir mais adesões ao seu despacho, o MEIC tem vindo sucessivamente a ceder no prazo de pré-inscrição e na prestação de provas. Com efeito, depois da prorrogação das inscrições, ontem foi prorrogado o prazo de realização das provas.

Quanto aos alunos que estão pré-inscritos para o 1.º ano, temos conhecimento, sem confirmação oficial, de que pouco ultrapassam a vintena. Frise-se que estão presentemente matriculados no 1.º ano 139 alunos.

Matrículas no Ensino Primário

Os pais e encarregados de educação dos alunos que pretendem matricular-se pela primeira vez no Ensino Primário oficial, terão de dirigir-se à escola mais próxima, que estará aberta para o efeito todos os sábados, das nove às 12 horas, de 21 de Maio até 18 de Junho — determina um despacho da Secretaria de Estado da Orientação Pedagógica.

Recorde-se que são abrangidas pela escolaridade obrigatória todas as crianças que completem sete anos até Março de 1978. No entanto, os pais e encarregados de educação das crianças que completem seis anos até dia 31 de Dezembro de 1977, poderão, se o desejarem, inscrever condicionalmente os seus educandos, que serão matriculados desde que as escolas tenham condições que o permitam. Quanto às matrículas dos restantes alunos do Ensino Primário elas realizam-se de oito a 15 de Julho.

Candidatos não querem aptidão

Cerca de quinhentos estudantes candidatos à Universidade, reunidos há dias em plenário, na Faculdade de Letras de Lisboa, aprovaram uma proposta em que recusaram, em bloco, o exame de aptidão e o «numerus clausus» e o ano propedêutico.

Os estudantes consideram estas medidas como «propriciando a eletização das faculdades, fechando-as aos filhos das classes trabalhadoras».

No final da reunião, foi eleita uma Comissão de Luta do Distrito de Lisboa para levar à prática as propostas aprovadas.

NO PINTO DE MAGALHÃES

Governo pretende reintegrar antigo accionista da banca privada

— os trabalhadores opõem-se a tal "precedente"

Os trabalhadores da zona de Lisboa do Banco Pinto de Magalhães reunidos ontem em plenário, decidiram exigir a imediata revogação do despacho do subsecretário de Estado do Tesouro que determina a readmissão naquele Banco, do ex-administrador e sócio Crispim Alberto Pinto Teixeira da delegação do Porto.

O despacho baseia-se num abaixo-assinado promovido por trabalhadores da zona Norte do BPM, a favor da readmissão de Pinto Teixeira, em Agosto de 75, acção que no despacho vem descrita como «a posição assumida em 11.8.75 e reiterada em 13.2.76 pelas estruturas representativas dos trabalhadores do BPM». Cita ainda o despacho os seguintes factos determinantes da readmissão: «das averiguações conduzidas pela subdirectoria do Porto da PJ nada se apurou quanto à existência de responsabilidades por parte do sr. Crispim Alberto Pinto Teixeira enquanto desempenhou funções no BPM; dos 4 administradores do BPM que pediram a reintegração, o sr. Crispim Alberto Pinto Teixeira foi o único que não demandou judicialmente aquela instituição; o reconhecimento por parte do Conselho de Gestão do BPM detido pelo sr. Crispim o valor simbólico do accionista do BPM detida pelo sr. Crispim Alberto Pinto Teixeira que nunca lhe conferiu de facto verdadeiro estatuto de representante do capital».

A moção aprovada pelo plenário dos trabalhadores da zona de Lisboa do BPM rebate ponto por ponto estes argumentos, esclarecendo que, encontrando-se o processo da PJ relativo a este caso ainda em fase de instrução preparatória (e secreta) não se podem tirar conclusões como as expressas no despacho. Por outro lado, o ex-administrador Pinto Teixeira não demandou judicialmente o banco porque o facto de, desde a fundação da Casa Bancária Pinto de Magalhães, Ldª, sempre ter tido a posição de sócio, lhe retira qualquer suporte legal para o fazer, sendo assim a sua posição de administrador absolutamente diferente da dos outros três administradores que, sendo antigos empregados, a certa altura foram nomeados para as funções de Administração.

Afirma-se na moção que é falso que o CG do BPM tenha reconhecido a justiça da admissão no banco do caso em questão visto que na carta a que o despacho faz alusão não é tomada qualquer posição, antes se deixa a resolução do assunto às entidades governamentais. «Aliás», acrescentam os trabalhadores «nem de reintegração se pode falar já que, como atrás se disse, este senhor nunca teve no banco o estatuto de trabalhador».

Quanto ao «valor simbólico da posição do accionista» invocado no despacho, afirmam os trabalhadores que este pressuposto é falso «tendo em conta não a percentagem da sua posição de accionista mas o valor desta em termos absolutos em função do capital social a da dimensão da empresa, para além do que foi sempre considerado pelos trabalhadores como um dos patrões».

Esclarecem ainda os trabalhadores que é imprecisa a alínea do despacho em que se invoca o «reconhecimento pelas estruturas dos trabalhadores», pois não se trata de posições assumidas por essas estruturas mas de um abaixo-assinado de alguns trabalhadores da Zona Norte que a respectiva comissão de delegados daquela zona canalizou para a Secretaria de Estado do Tesouro. «De resto», acrescentam, «não pode este facto ser levado em linha de conta visto estar ultrapassado. Com efeito nesse abaixo-assinado, solicitava-se a admissão do sr. Crispim Alberto Pinto Teixeira nos quadros do banco ou em qualquer empresa do grupo o que veio a ter satisfação com a admissão daquele senhor na Sogin, onde se encontra actualmente, com ordenado mensal de 28 contos».

Os trabalhadores, conscientes do precedente que representa este regresso, (do primeiro patrão do banco) invocando o catácter de inferioridade de um despacho em relação a um decreto-lei e salientando, por outro lado, a inconstitucionalidade do despacho ao colidir com o decreto-lei das nacionalizações, exigiram a imediata revogação do documento do subsecretário de Estado do Tesouro.

Decidiram além disto, promover as medidas necessárias para impedir a admissão no BPM, de Pinto Teixeira, e repudiar junto do Governo actos como este, que «põem em causa não só a nacionalização da banca como a democracia neste País, o que os trabalhadores não poderão permitir».

Na reunião de amanhã dos delegados sindicais bancários será discutido este assunto.

Aspecto do cerco policial, ontem

DURANTE UM QUARTO DE HORA

Distrito de Setúbal paralisa em apoio à Auto-Reconstrutora

As comissões de trabalhadores representadas na Cintura Industrial de Setúbal decidiram, em reunião que decorreu esta madrugada, fazer hoje às 15 horas, uma paralisação de quinze minutos a nível de todas as empresas do distrito, como forma de protesto pela ocupação policial da Auto Reconstrutora do Barreiro.

As forças policiais abandonaram esta manhã, cerca das 7 horas, as instalações da ARB, que permanecem no entanto encerradas.

Entretanto, os elementos da comissão de trabalhadores da ARB receberam hoje uma contra-fé do Comando da PSP do Barreiro para se apresentarem naquele Comando, às 15 horas de hoje. Estes trabalhadores tinham sido, juntamente com os delegados sindicais da empresa, suspensos pela entidade patronal, que regressou à firma desintervencionada a partir de 1 de Abril.

A solidariedade da população do Barreiro e de outras localidades e empresas do distrito de Setúbal tem aumentado, sendo o montante da recolha de fundos, promovida pela Cintura Industrial de Setúbal, a favor dos trabalhadores da ARB de 500 contos. Ainda ontem, o MDM do Barreiro conseguiu recolher cerca de 17 contos também a favor dos trabalhadores da ARB.

A situação no Barreiro é calma, mas ontem, em consequência de provocações de um grupo que se juntou aos trabalhadores e elementos da população concentrados junto da fábrica, a Polícia disparou várias rajadas de balas de borracha e carregou à bastonada, causando alguns feridos, entre eles duas crianças de 4 anos, ficando uma delas com costelas partidas. Segundo apurou a CIS, 15 feridos deram entrada no hospital do Barreiro e dois no de Setúbal.

A Polícia ocupara na madrugada de ontem as instalações da ARB, data determinada pelo patrão António Abreu para férias dos trabalhadores e encerramento das instalações Os trabalhadores não aceitaram a decisão, permanecendo na empresa até a Polícia chegar.

A CIS promove amanhã às 19 horas, no parque Catarina Eufémia, do Barreiro, uma concentração para esclarecimento da população.

PORTO

Horários de 12 horas no Lar do Comércio

Acusados pela Direcção de «O Lar do Comércio» de terem alterado «abusivamente o horário que vinham a praticar — dez horas no Inverno e doze no Verão — para oito horas por dia com 'semana inglesa'», dois trabalhadores agrícolas foram obrigados pela GNR de Matosinhos a abandonar as instalações daquela casa, em Catassol (Maia).

Efectivamente, os dois trabalhadores, à volta dos quais se gerou um movimento de solidariedade por parte dos outros, entendem que estão abrangidos, como os restantes empregados, pelos vencimentos e regalias das instituições particulares, de acordo com a recomendação da Direcção-Geral de Assistência Social e como tal com direito a uma semana de 48 horas e ao vencimento de 5300 escudos.

Acontece, porém, que a Direcção de «O Lar do Comércio» pôs àqueles trabalhadores duas alternativas: ou trabalham as dez horas de Inverno e doze de Verão e têm direito a 5300 escudos, ou, no caso de pretenderem o horário de oito horas, o salário ser-lhe-á reduzido para 3500 escudos. Uma vez que os trabalhadores não aceitaram nenhuma das alternativas a Direcção daquela instituição de apoio à terceira idade resolveu despedi-los. Como se recusassem a fazê-lo foi solicitada a intervenção da GNR de Matosinhos.

Entretanto, a Comissão de Trabalhadores de «O Lar do Comércio» procedeu a um abaixo-assinado que já conta com assinaturas de cerca de 50 por cento dos trabalhadores da instituição, de apoio aos colegas despedidos. Por outro lado foi solicitada ao governador civil do Porto uma audiência com vista a resolver o problema e que terá lugar hoje ao fim da tarde.

Limitado o direito de reunião nas instituições de Previdência

«Não é lícito ao Governo impôr aos trabalhadores da Previdência quaisquer medidas discriminatórias relativamente aos demais trabalhadores», afirma o secretariado da CGTP-Intersindical Nacional, em comunicado onde se aprecia um recente despacho do secretário de Estado da Segurança Social, segundo o qual não é permitido aos trabalhadores das instituições de Previdência realizarem reuniões durante as horas de serviço.

A central sindical considera tal despacho ilegal, já que a lei sindical assegura o exercício do direito da reunião durante as horas de serviço (até ao limite máximo de 15 horas anuais) e a Constituição impede qualquer discriminação no que respeita ao exercício da actividade sindical no local de trabalho. Garantia idêntica é consagrada pela Convenção n.º 87 da OIT já ratificada pela Assembleia da República — lembra ainda a CGTP-IN

CONVERSAÇÕES ARRASTAM-SE

Metalúrgicos vão parar

Novo impasse surgiu na elaboração da portaria de regulamentação do trabalho para o sector metalúrgico e metalomecânico, levando a comissão negociadora sindical a marcar uma paralisação de quatro horas em toda a indústria, na próxima sexta-feira, como forma de luta destinada a desbloquear a situação.

A decisão foi tomada ontem à tarde e dá cumprimento a directrizes adoptadas no plenário a nível nacional realizado na passada sexta-feira. Como causa próxima da paralisação agora decretada os sindicatos apontam a recusa dos secretários de Estado do Trabalho em receber uma delegação dos metalúrgicos, que pretendem expor as razões que assistem às suas reivindicações. Estas gravitam em torno de questões como o âmbito e vigência do contrato, tabelas salariais e enquadramento profissional, e constituem o núcleo da matéria controversa da regulamentação colectiva em estudo.

MADEIRAS: «PERSPECTIVAS FAVORÁVEIS»

«Há perspectivas favoráveis à rápida publicação de nova regulamentação colectiva de trabalho» para as indústrias das madeiras, segundo afirma a respectiva comissão negociadora sindical em comunicado que nos fez chegar.

Na próxima reunião da comissão técnica que está a elaborar a portaria de regulamentação do trabalho para o sector, prevista para amanhã, será discutida uma nova proposta de grelha salarial, apresentada pelo Ministério do Trabalho.

Metalúrgicos finlandeses visitaram Portugal

A convite da Federação dos Sindicatos Metalúrgicos, uma delegação da sua congénere finlandesa visitou o nosso País durante quatro dias. As duas federações mantiveram conversações sobre a situação política, económica e sindical em ambos os países, tendo emitido um comunicado conjunto.

A delegação finlandesa informou da situação sociopolítica existente no seu País, e dos problemas com que se defrontam os trabalhadores finlandeses. «O Governo minoritário formado pelos partidos do centro e apoiado pelos partidos conservadores tem prosseguido uma política contra os interesses dos trabalhadores; com as suas medidas tem aumentado o desemprego e acelerado a inflação, causando problemas económicos graves na sociedade finlandesa», lê-se no comunicado final.

Por seu turno, a Federação portuguesa expôs os principais traços característicos da actual situação no nosso País, com destaque para a ofensiva do capital e dos agrários, as «medidas e legislação antioperária do Governo», e o papel do movimento sindical unitário.

«Analisando a crise mundial do sistema capitalista ambas as delegações entendem que a mesma é fruto da política económica e social dos grupos monopolistas que tentam impor a limitação salarial e o desemprego», adianta o comunicado final, que prossegue:

«Esta situação atinge igualmente os países em vias de desenvolvimento e os próprios sectores antimonopolistas dos países capitalistas. Assim, ambas as delegações entendem que se reveste de grande importância a luta da classe operária, de todos os trabalhadores e povos contra o domínio dos monopolistas e pela instauração de uma nova ordem económica que possibilite uma alteração das relações económicas internacionais».

Durante a sua estadia a delegação finlandesa teve oportunidade de visitar duas grandes empresas do sector da metalomecânica pesada, a Mague e a Construtora Moderna, tendo contactado com os órgãos representativos dos trabalhadores.

No final, a Federação portuguesa aceitou um convite para visitar a Finlândia no próximo ano.

QUESTÃO SALARIAL

Greve da mala nos transportes do Porto

Como forma de obrigar o Ministério do Trabalho a publicar o seu ACT, já negociado e assinado há bastante tempo, os trabalhadores dos Serviços de Transportes Colectivos do Porto decidiram não proceder à cobrança de bilhetes. Assim esta manhã os eléctricos, autocarros e tróleis circulavam pela cidade sem que nos mesmos fossem cobradas as tarifas. A adesão a esta forma de luta, segundo nos informaram, é *da ordem dos 90 por cento*. Os membros da comissão de luta fizeram esta manhã diligências junto da administração que embora tivesse contacto com o MT, não obteve qualquer resposta concreta.

Entretanto, no caso de se manter o silêncio do Ministério, admite-se que a situação venha a agudizar-se nas próximas 24 horas, segundo um membro da comissão de luta.

Os trabalhadores exigem que o ACT seja publicado na íntegra no próximo Boletim do MT e que tenha efectividade desde 29 de Abril, data em que o Ministério dos Transportes se comprometeu a fazê-lo publicar.

CORAÇÃO DE JESUS

Quem resolve os problemas da freguesia ?

Quatro meses decorridos sobre a realização das eleições para os órgãos das autarquias locais, são as populações confrontadas, em muitos casos, e com evidente surpresa, com a manifesta inactividade e ausência de espírito de iniciativa de alguns desses órgãos, desde agora mandatados pelo voto popular. Tal se passa, por exemplo, na Freguesia do Coração de Jesus, cuja presidência foi ganha pelo PS, sendo a composição da autarquia PS-CDS. A Frente Eleitoral Povo Unido (FEPU) procedeu à entrega, nos últimos dias, à presidência da Junta de um documento intitulado «A autarquia local e os problemas da nossa freguesia: contribuição para um plano de actividades democrático na perspectiva constitucional do socialismo». Relativamente à actividade acima mencionada, afirma a FEPU que essa problemática se desdobra em dois planos: «o daqueles aspectos acerca dos quais consideramos ser desde já possível (e já tinha sido possível no decorrer destes quatro meses) desencadear algumas iniciativas de encorajadora repercussão nas populações e nomeadamente na da nossa freguesia; e toda a rede vasta e complexa de necessidades e aspirações profundas, acumuladas e agravadas ao longo de décadas de total desprezo pelo povo trabalhador, e que apontam para a indispensabilidade de uma Lei das Atribuições e Competências, instrumento da sua resolução autêntica, que o mesmo é dizer uma lei conforme ao espírito e à letra da Constituição».

Lê-se no documento:

«Interrogam-se, aliás, as populações (que viveram já a situação de eleger homens para funções e o exercício de poderes que se encontravam regulamentados apenas genérica e provisoriamente) sobre o porquê do atraso da discussão e promulgação dessa lei. E sentem a importância que assume a tomada de iniciativas por parte dos órgãos das autarquias no sentido de fazer claramente sentir ao poder central a sua extrema urgência e as características de que é absolutamente indispensável revestir-se. Que um tal atraso, e o silêncio que envolve a questão do poder local, seja o sintoma de uma disposição para deixar cair os órgãos das autarquias na letargia das tarefas rotineiras e das funções meramente burocráticas que foram as suas até muito recentemente, eis o que não se pode admitir no quadro de um regime democrático e diante do panorama, em tantos aspectos verdadeiramente angustiante, das condições de vida da população trabalhadora.»

HABITAÇÃO SAÚDE EDUCAÇÃO

Dentro desta ordem de ideias, «e tendo conhecimento de que a nossa Junta de Freguesia se encontra elaborando o seu plano de actividades e se prepara para a convocação de uma reunião extraordinária, a Comissão Eleitoral Unitária (Frente Eleitoral Povo Unido) entendeu contribuir com um memorando, coerente com o seu Programa de Acção e com as aspirações da população trabalhadora da Freguesia do Coração de Jesus».

Eis, em síntese, o memorando a que nos vimos referindo:

Habitação — No sector da habitação, verifica-se na freguesia, entre outras questões, o seguinte: o subaluguer, em certos casos assumindo formas de degradante exploração humana ou constituindo instrumento de discriminações inaceitáveis; edifícios de habitação na maioria antigos, alvo da ambição dos senhorios, concretizada na tendência para a sua demolição e substituição por prédios de rendas elevadas, bem como a existência de outros em mau estado, ou desabitados, em cuja venda por preços especulativos apostam normalmente os proprietários. Estes problemas apontam para a premente necessidade de a autarquia local intervir nos seguintes campos: fiscalização sobre o subaluguer e controlo de habitações devolutas e seu aluguer; e participação nas decisões relativas a demolições, bem como à recuperação ou demolição de prédios em mau estado.

Equipamento social — A Freguesia tem sido agredida nos últimos anos por uma tendência de carácter anárquico e incontrolado no sentido de uma transformação em zona comercial e de escritórios, injustificada e artificial porque sem correspondência com as suas características habitacionais, ao mesmo tempo que as necessidades básicas da população em matéria de equipamentos sociais continuam por satisfazer. Assim sendo, é de extrema importância que a autarquia, no sentido de salvaguardar a criação de equipamentos sociais, intervenha nos seguintes campos: controlo do parque imobiliário; e apreciação dos projectos de urbanização da zona.

Como ocupar o tempo livre das crianças?

Outro problema agudo: o lixo nas ruas

Saúde — A ligação dos Serviços de Saúde à comunidade e a participação organizada dos utentes na gestão dos estabelecimentos hospitalares são condições indispensáveis para a sua democraticidade e a sua progressiva melhoria e eficiência. Se este é um princípio inegavelmente justo, acontece que a sua concretização até já foi ensaiada em moldes que importa reincentivar, verificando-se actualmente um acentuado movimento nesse sentido a que importa estar atento. A autarquia não se pode alhear desse movimento, pelo que se entende ser seu dever «a exigência da partidipação dos órgãos das autarquias e das organizações populares de base (bem como das organizações sindicais) na gestão democrática dos estabelecimentos de Saúde».

Educação — Também neste campo a ligação com a comunidade é de importância determinante. Por outro lado, «não pode o Estado furtar-se à sua obrigação, estabelecida constitucionalmente, de criação de um sistema público de educação pré-escolar». Impõe-se, por conseguinte, reivindicar o direito de «participação na gestão dos estabelecimentos de ensino locais; e participação na criação do sistema público de educação pré-escolar».

Abastecimentos e preços — Como é óbvio, este é um problema particularmente sentido pela população trabalhadora. Para além de um certo número de opções recentes no campo económico, que tiveram como consequência uma escalada inflacionista sem precedentes desde o 25 de Abril e o injusto e brutal aumento do custo de vida que reduziu o poder de compra dos trabalhadores a níveis inferiores aos de antes daquela data, «acontece que o consumidor foi progressivamente desapossado, desde fins do ano de 75, dos poucos mecanismos de que dispunha para a sua defesa contra o açambarcamento e a especulação». Sendo certo que esses mecanismos nunca se revestiram de um carácter verdadeiramente prático e acessível, «a institucionalização do Poder Local veio, no entanto, abrir uma importante perspectiva neste campo, que não pode ser desprezada». Entende, por isso, a FEPU que a autarquia «se não deve furtar à reivindicação de que nos órgãos de Poder Local sejam delegados poderes de fiscalização e intervenção no que respeita à especulação e ao açambarcamento».

ACÇÃO NO IMEDIATO DA JUNTA

Entende a Comissão Eleitoral Unitária que a acção no imediato da autarquia local terá de ser a seguinte: **Habitação** — estudo da situação dos moradores ocupantes; e urgente sensibilização do Governo central, no sentido de que a lei sobre os despejos, actualmente em preparação, não venha a resultar numa flagrante injustiça social. **Saúde** — diligências junto da Câmara Municipal de Lisboa para a distribuição na Freguesia de um número considerado suficiente de recipientes para a recolha do lixo; estudo de formas de sensibilização da população local para a sua conveniente utilização e para a observação de regras elementaras de higiene pública; exigência aos Serviços Camarários de um eficiente serviço de recolha de lixos e limpeza das ruas e bem assim a desinfecção e desratização de zonas infestadas; e colaboração com outros departamentos nas campanhas de prevenção da doença. **Infância** — medidas tendentes a minorar o problema da ocupação dos tempos livres das crianças, tendo em conta que assumem certa gravidade as situações decorrentes das actividades laborais dos pais; desdobramento das aulas da Escola local por turnos, implicando o desenquadramento das crianças durante grande parte do dia; o nível cultura e as disponibilidades económicas, em regra modestos, de grande parte dos pais da Freguesia, que não favorecem o exercício e a fruição, por parte das crianças, de actividades extra-escolares que contribuem decisivamente para o seu desenvolvimento educativo, psíquico e afectivo. Neste campo, entende-se ser necessário «o relançamento de actividades desportivas, com utilização dos recursos existentes, nomeadamente no que respeita a instalações, e exigindo à Direcção-Geral dos Desportos os apoios que lhe competem; e diligências junto de todas as demais entidades oficiais competentes no campo do apoio à infância e utilização plena e imaginativa das facilidades que proporcionem. **Convívio, cultura e recreio** — organização periódica e convenientemente publicitada de encontros com os moradores, para auscultação e debate dos problemas locais e nacionais; realização a que também deverá ser assegurado um carácter de continuidade e de ampla divulgação, de sessões de esclarecimento, orientadas por pessoas de reconhecida posição democrática, sobre os grandes temas de interesse para os portugueses, como forma de promoção político-cultural; e realização de pequenos espectáculos e nomeadamente projecção de filmes, etc. **Abastecimetos e preços** — organização de encontros com os pequenos comerciantes da Freguesia, como forma de auscultação dos seus problemas e estudo e incentivo às suas formas possíveis de organização, nomeadamente no que respeita à necessidade de defesa perante os intermediários; estudo de iniciativas tendentes a uma abordagem dos vendedores ambulantes, no sentido de uma auscultação e discussão frutuosas dos seus problemas e necessidades; e apoio activo a todas as formas de organização da população na defesa dos seus interesses como consumidores, nomeadamente no que respeita ao custo de vida. **Associações locais** — auscultação das carências e problemas da Liga de Cegos João de Deus e da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses e estudo das medidas viáveis em seu apoio; e diligências junto dessas instituições no sentido da sua presença e participação nas reuniões públicas da Junta de Freguesia e nas da Assembleiaede Freguesia.

C.M.L.

COVAIS A DESOCUPAR E ANUIDADES EM ATRASO

Avisam-se as famílias dos falecidos inumados em Maio de 1972, nas sepulturas seguintes, de que devem comparecer na Administração dos cemitérios respectivos, para conhecimento das exumações a efectuar em Junho de 1977.

Alto de S. João	1306 a 1600 adultos e	31 a 38 menores
Prazeres	32 adultos	
Ajuda	352 a 446 adultos e	10 a 13 menores
Benfica	696 a 841 adultos e	5019 a 5026 menores
Olivais	2892 a 2914 adultos e	510 e 511 menores
Lumiar	7994 a 8177 adultos e	3438 a 5544 menores

Avisam-se os interessados de que os serviços cemiteriais não poderão ser responsabilizados pelo desaparecimento ou descaminho de valores que porventura tenham seguido à terra com os restos mortais a exumar, pelo que terão conveniência, quando assim tenha acontecido, em que por si ou por quem os possa representar, seja presenciada a abertura dos covais para efeito das exumações. Caso pretenda assistir a essa abertura, deverá o interessado nos restos mortais ou quem o possa representar, expressamente declará-lo quando, para tratar da exumação, comparecer na Administração do cemitério respectivo.

Avisam-se também os interessados nos compartimentos de jazigos e ossários municipais, cujas anuidades estão em atraso, de que devem actualizar o respectivo pagamento. O não pagamento dentro dos prazos indicados implicará a desocupação dos aludidos compartimentos e os restos mortais neles contidos considerados abandonados.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DE SETUBAL

CONCURSO PÚBLICO PARA A AQUISIÇÃO DE VIATURA A GASÓLEO, CARRINHA MISTA OU AUTOMÓVEL

As propostas deverão ser entregues até ao dia 17 do corrente na Sede desta Caixa, na Praça da República — Setúbal, até às 16h 45m.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

LISNAVE APOIA REFORMA AGRÁRIA

Da bigorna à enxada, "aquele abraço"

Em três anos o apoio dos trabalhadores da Lisnave à Reforma Agrária cifrou-se, embora faltando uma estrutura adequada na hora do arranque, em mais de três mil contos de produtos escoados. E não ficou por aqui. Há que registar a entrega às cooperativas do Barcouço e «Companheiro Vasco» de maquinaria no valor de 730 contos, colhidos no esforço e na mobilização voluntária de milhares de trabalhadores da empresa.

Decerto já ninguém ignora que o apoio das cinturas industriais à Reforma Agrária é um apoio efectivo, que se realiza todos os dias na prática e com uma força, não só deliberada, como ainda inteligente. Trata-se de muito mais do que demonstrar uma simples adesão ao processo. É um elo definitivo, um abraço virtual entre a oficina e o campo, entre a bigorna e a enxada. Prova-se assim e eloquentemente, que a divisão de trabalhadores, seja qual for o seu quadrante profissional, não existe à partida. E la é fomentada por interesses e pessoas que nada têm a ver com o mundo do trabalho — bem pelo contrário. Quando se criam condições para que esses interesses e pessoas não possam interferir na unidade dos trabalhadores, todas as dicotomias desaparecem para dar lugar à simbiose criativa e poderosamente actuante.

Embora desde o início da arrancada no Alentejo os trabalhadores da Lisnave — e não só — tratassem de fazer chegar aos campos da Reforma Agrária a sua incondicional adesão, foi só no ano passado, com a criação duma Comissão de Apoio à R.A. (CARA), que este esforço se começou a realizar em termos substancialmente definidos.

Surgindo com o «Encontro de Évora», em Outubro de 1976 a CARA da Lisnave, que teve na C.G.T. da empresa uma base essencial para substanciar os seus objectivos, conseguiu dinamizar o interesse dos trabalhadores em torno dos objectivos para que tinha sido criada. É assim que, mesmo antes de se poder falar em estruturas físicas indispensáveis ao seu funcionamento (para começar, armazém de produtos e posto de venda), a CARA consegue começar a colocar produtos agrícolas vindos não só do Alentejo como igualmente de cooperativas das mais variadas regiões do País, permitindo deste modo que certas Unidades Colectivas e Cooperativas se sentissem bastante aliviadas do «boicote» sistemático a que estavam (e ainda estão) a ser sujeitas. No ano passado, por exemplo, venderam-se na Lisnave mais de mil contos de azeite (vendido aos trabalhadores, entenda-se). Este ano, já com a CARA a funcionar em pleno e não apenas em Cacilhas, porque as secções da Lisnave na Margueira e na Rocha Conde de Óbidos dão um alto contributo a este trabalho, este ano, dizíamos, o escoamento de produtos agrícolas e hortícolas atingiu já um volume bastante apreciável: 40 mil litros de azeite, 36 mil quilos de maçã, 30 mil de laranja, 6.200 de amêndoas, 12.500 de batata, 1500 de ervilha, 559 de frango vivo e 300 de queijo. No total de quase três anos de actividade, movimentaram-se mais de três mil contos de produtos. E isto note-se, sem as tais estruturas físicas de apoio que estão agora prestes a ser terminadas e que serão inauguradas muito em breve.

No plano de entrega de maquinaria para a Reforma Agrária tudo foi feito na base da quotização entre trabalhadores, que entregaram para isso meio dia ou um dia de trabalho, foi enviado para Barcouços e «Companheiro Vasco» o seguinte material: dois tractores, duas escarificadoras, duas charruas mecânicas, uma grade de discos, uma gadanheira, uma moto-serra, uma enfardadeira e... duas vacas leiteiras. Como já dissemos, o valor desta oferta orçou pelos 730 contos.

A Comissão de Apoio à Reforma Agrária da Lisnave engloba neste momento à volta de 70 trabalhadores, entusiastas e plenos de espírito de sacrifício, pois para se manter a «máquina» a funcionar são necessários muitos esforços, muitas horas de entrega absoluta, tempos de descanso «queimados» (os componentes da C.A.R.A. pensam que são horas ganhas apesar de esforço) e por aí fora. Tudo trabalho voluntário incluindo o arranjo do edifício que vai servir de armazém e posto de venda, e que se situa mesmo frente à Lisnave, em Cacilhas.

«Sacrifício, sim, mas também imensa satisfação» — dizem-nos os elementos da C.A.R.A. com quem contactámos. Estavam presentes, na altura, os amigos Matos, Pepe, Pepito, Cabaças e Firmino, do Secretariado da C.A.R.A..

Na Rocha, o funcionamento da C.A.R.A. deve-se a um outro grupo de muito entusiasmo e boa vontade, coordenado pelo operário Fontinhas, um autêntico dinamizador.

Como a Lisnave conta neste momento com 9.817 trabalhadores, mais os empreiteiros, pode calcular-se que andam à volta de 11 mil os assalariados que beneficiam da venda dos produtos agrícolas a um preço sempre inferior ao do mercado, visto que estão excluídos os intermediários.

«As Unidades Colectivas do Alentejo e as cooperativas do Norte e Centro do País colocam aqui os seus produtos e só recebem depois da venda dos mesmos, uma vez que nós não teríamos dinheiro para investir no pagamento imediato. Mas» — adiantam os elementos da C.A.R.A. — «nunca há problema. Isto passa-se entre trabalhadores, os do campo e os daqui, e tudo corre na perfeição. Mal vendemos o produto, entregamos o dinheiro.»

..« Pensam vir a estender esse serviço de venda de produtos directamente do produtor ao consumidor, e nas condições já especificadas, à população local, mesmo que nada tenha a ver com a Lisnave?»

..«Por enquanto» — respondem-nos — «ser-nos-ia muito difícil. Ainda não daríamos conta do recado. As nossas estruturas são demasiado simples e escassas. Mas a médio prazo supomos que poderemos chegar aí e dar oportunidade às populações locais de adquirirem os produtos no nosso posto de vendas. Não queremos exclusivos.»

..«Como regra, de onde vêm os produtos que vocês distribuem?»

..«Da área da Reforma Agrária, como é óbvio, mas não só daí. Vêm produtos da Cova da Beira, de Sanfins do Alto Douro, Tarouca, Montalegre; Castelo Branco, Malpica do Tejo, etc.. Para nós, e também já hoje para muitos trabalhadores do campo, a Reforma Agrária não é só o Alentejo De resto, após a conclusão do armazém e posto de venda incrementaremos o escoamento e apoio às mais variadas zonas do País.»

Visitámos o futuro armazém e posto de vendas. Com uma área de cerca de 600 metros quadrados, parece capaz de estabelecer o mínimo de garantia para esta fase de arranque da CARA da Lisnave que, como vimos, anseia por mais largos voos neste serviço aos trabalhadores. Há quem nos descreva um pouco da «odisseia» que constituiu a restauração do velho barracão

«Não eram só os trabalhadores da Lisnave a dar a sua contribuição. Gente de fora, que nada tinha a ver com a Lisnave, veio e vem trabalhar «de borla». Houve até um caso que nos sensibilizou imenso: veio para aqui um rapaz africano trabalhar com uma betoneira. Quando ele soube (ele chama-se Henrique) que o seu trabalho teria de ser pago pelos operários da Lisnave, recusou-se pura e simplesmente a receber o salário. Teimámos com o rapaz e ele respondeu-nos: Toda esta alegria com que trabalhamos aqui também é minha. Não quero salário é a minha contribuição».

Agora põe-se um problema: dinheiro não há. E vão ser precisos balcões frigoríficos, balanças, máquinas registadoras, etc. Em princípio a CGT da Lisnave e a CARA pensam iniciar uma recolha de fundos para preencher este vazio. Mas espera-se que, diante dum trabalho como este, verdadeiramente ao serviço do povo, surjam outras adesões e ajudas. Que valerão a pena.

Josué da Silva

O futuro armazém e posto de vendas de apoio à Reforma Agrária

Elementos da CARA falam ao nosso redactor

A BARRACA
R. Alexandre Herculano, 70
«BARRACA CONTA TIRADENTES»
M/13 anos
ENCENADOR · Augusto Boal
elenco · «A Barraca»
Dias úteis 21H15
Folga 2.ª feira
MATINEES:
SAB · 16H00
DOM. 18H00

Pinochet não gosta que lhe chamem sanguinário

Numa nota ontem publicada na sede da Organização das Nações Unidas, em Nova Ior que, o Chile comunicou não participar na próxima conferência da ONU a realizar no Maputo, capital de Moçambique, devido aos qualificativos que o presidente Samora Machel aplicou, recentemente, ao regime ditatorial de Pinochet.

Segundo a nota, o presidente Samora Machel teria falado «em termos ofensivos» do Governo chileno e do general Pinochet. Embora a nota não especifique, é provável que os chilenos se queiram referir à passagem do comunicado conjunto emitido no Maputo no final da visita de Fidel Castro, em 23 de Março, onde se continha uma referência ao «regime sanguinário de Pinochet».

Sessenta e sete países anunciaram a sua intenção de participar na conferência internacional de Moçambique em solidariedade com os povos do Zimbabwe (Rodésia) e da Namíbia (Sudoeste Africano), para cuja realização contribuiram, além de outros países, a União Soviética, Cuba, a Austrália, o Canadá, A Áustria, Portugal, A Dinamarca, a Noruega, a Suécia e a Jugoslávia.

Andrew Young já está em África

O embaixador norte-americano na Organização das Nações Unidas, Andrew Young, iniciou uma viagem de doze dias à África e a Portugal.

Young partiu ontem de Washington num aparelho da Força Aérea, rumo a Abidjã, na Costa do Marfim, onde hoje conferencia com os embaixadores dos Estados Unidos no continente africano.

Na próxima semana, vai ao Maputo, para uma conferência das Nações Unidas sobre a Rodésia e a Namíbia. E daí deve dirigir-se a Joanesburgo.

Entretanto, Young visita o Ghana, a Nigéria, o Gabão e Portugal, onde no dia 14 conferencia com o vice-presidente dos Estados Unidos, Walter Mondale, antes de se dirigir a Moçambique.

O correspondente político do «The Citizen», Jaap Theron, escreve hoje: «Depois das polémicas observações de Young no fim-de-semana, de que o Governo sul-africano correspondia às legislaturas racistas brancas dos estados do Mississipi e da Georgia de há 20 anos, é mais forte do que nunca a possibilidade de que Young não só veja recusada a sua entrada na África do Sul como também sejam revistas as relações entre a república e os Estados Unidos».

E acrescenta: «Bastaria uma meia frase proferida no contexto e no lugar errados por Young para poder causar um motim sangrento na África do Sul».

Confidente íntimo do presidente Carter e o primeiro negro a ocupar o mais alto cargo americano nas Nações Unidas, Andrew Young, deve assistir a uma conferência sobre a Namíbia e a Rodésia em Maputo, capital de Moçambique, em 16 de Maio, antes de se deslocar à África do Sul a fim de falar aos homens de negócios e estudantes, em 20 de Maio.

Notícias mais recentes, contrariando previsões de importantes jornais sul-africanos de ontem, dizem que a África do Sul estará disposta a receber Young, mas numa data mais tarde do que a planeada pelo embaixador. A seguir a um pedido oficial dos Estados Unidos ao Governo do primeiro-ministro John Vorster, apresentado há três dias, para que seja permitida a deslocação.

PUB

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS SINDICATOS METALÚRGICOS

COMUNICADO

CONQUISTAS DO 25 DE ABRIL AMEAÇADAS COM A RECUPERAÇÃO CAPITALISTA

A aprovação na Assembleia da República da proposta de lei 27/1 (de limitação dos sectores público e privado), com votos favoráveis da maioria dos deputados do PS, que mais uma vez cederam à pressão e chantagem das forças reaccionárias, representadas nesta Assembleia pelo PPD e CDS, é um insulto aos trabalhadores portugueses, põe em causa as conquistas do 25 de Abril e abre as portas ao restabelecimento do poder económico do grande capital, além de desrespeitar frontalmente a Constituição da República Portuguesa.

Esta proposta de lei põe em causa as nacionalizações, permitindo a entrega de dezenas de empresas nacionalizadas ao capital privado e, a possibilidade da restauração do capitalismo monopolista no nosso país.

Esta acção antioperária e antipatriótica, que representa uma cedência ao capitalismo internacional e seus lacaios nacionais, segue-se às outras ofensivas de recuperação capitalista e latifundiária, tais como, as desintervenções de empresas salvas pelos trabalhadores e que haviam sido sabotadas pelo patronato; a desagregação das unidades colectivas de produção, com o fim de destruir a Reforma Agrária; a lei dos despedimentos; o Decreto-Lei 49-A/77, que congela a contratação colectiva; o aumento desenfreado do custo de vida; além do permanente adiar das soluções económicas preconizadas pelas organizações dos trabalhadores.

O Governo deve encetar o diálogo com os trabalhadores, através das suas estruturas representativas, e dar uma resposta ao Caderno Reivindicativo dos Trabalhadores Portugueses, aprovado no Congresso de Todos os Sindicatos, pois só com as forças internas e com a participação e mobilização dos tralhadores portugueses se conseguirá recuperar o País.

A Constituição aponta para o «desenvolvimento das relações de produção socialistas, mediante a apropriação colectiva dos principais meios de produção e solos, bem como dos recursos naturais, e o exercício do poder democrático das classes trabalhadoras». O futuro pertence a quem trabalha!

O capitalismo nacional e internacional tenta impôr medidas antioperárias e antipopulares, através dos seus representantes na Assembleia da República, mas estas medidas estão destinadas ao fracasso, pois encontrarão pela frente a unidade, combatividade e firmeza dos trabalhadores que, organizados em torno do Movimento Sindical unitário e da sua central, a CGTP Intersindical Nacional, levarão à derrota todos aqueles que pretendam impedir o desenvolvimento da sociedade portuguesa para a meta apontada na Constituição — o Socialismo.

Já bastaram os longos quarenta e oito anos da rapina monopolista latifundiária.
BASTA DE EXPLORAÇÃO!

Não à recuperação capitalista-latifundiária!
Não às cedências ao capitalismo internacional!
Pela defesa das conquistas do Povo português consagradas na Constituição!
Por uma economia virada para os interesses dos trabalhadores!

A LUTA CONTINUA!

UNIDOS VENCEREMOS!

Lisboa, 9 de Maio de 1977

Aprovado em Plenário dos Sindicatos Metalúrgicos, por unanimidade. Os Sindicatos de : Alentejo, Aveiro, Braga, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu, e Secções de Famalicão e Guimarães.

NA RODÉSIA

Massacre de população civil provoca 35 mortos e 30 feridos

O Exército racista de Ian Smith surpreendeu uma reunião política dirigida por guerrilheiros nacionalistas, no Sueste da Rodésia, tendo provocado um autêntico massacre entre a população civil. Morreram pelo menos 35 pessoas e há também 31 feridos. As vítimas eram quase todas civis e segundo declarou o próprio superintendente da polícia especial foi «um dos incidentes mais infelizes que jamais vi». Ainda nenhum outro choque na guerra da libertação da Rodésia provocou tantas baixas como este verificado na sexta-feira passada na aldeia de Dabwa, no Sueste do país.

Um grupo de guerrilheiros encontrava-se em plena aldeia, rodeado da população, dirigindo um dos habituais «meetings» políticos próprios das lutas de libertação nacional. A dada altura a população foi surpreendida pelo fogo de uma patrulha de 15 soldados que atingiu grande número de elementos da população. Os guerrilheiros em número de cinco reagiram mas foi impossível evitar tão elevado número de mortos, a maior parte provocada pelas primeiras rajadas do exército racista e outros na troca de tiros entre os dois grupos armados quando a população de Dabwa Kraal tentava escapar-se a coberto da escuridão.

Cinco minutos foi quanto durou o tiroteio. Segundo informações da polícia rodesiana morreram cinco raparigas, seis rapazes, sete homens e 16 mulheres. Apenas um guerrilheiro perdeu a vida.

Apoio da UNESCO à Guiné-Bissau negociado por Mário de Andrade

A UNESCO vai apoiar o lançamento da Casa da Cultura na Guiné-Bissau e outras iniciativas que o Conselho Nacional de Cultura daquela antiga colónia portuguesa está a desenvolver sob orientação do escritor e ensaista africano Mário de Andrade.

Este intelectual passou há dias por Lisboa, no regresso de Paris e a caminho de Bissau, onde reside há cerca de um ano, levando a certeza do apoio diversificado da UNESCO. Segundo nos informou, esse apoio consistirá na formação de quadros e investigadores científicos, no equipamento de biblioteca e outros centros culturais, seminários e edição de livros.

Em Lisboa, onde o contactámos, Mário de Andrade encontrou-se com alguns editores e livreiros para a troca de publicações. Sabemos, nomeadamente, que vai ser distribuido em Portugal o primeiro livro de poesia editado na Guiné-Bissau, a pequena antologia «Mantenhas para quem luta». Simplesmente, a primeira edição de dois mil exemplares já esgotou e deverá ser necessário fazer segunda edição para enviar, depois, exemplares para distribuição no nosso País.

Mário de Andrade, sendo embora de nacionalidade angolana, como se sabe, foi o principal responsável pela divulgação da obra teórica de Anilcar Cabral no Mundo, nomeadamente pela tradução e supervisão que assegurou da edição das obras completas do fundador do PAIGC na editora Maspero. Actualmente, Mário de Andrade reside em Bissau exercendo as funções de coordenador do Conselho Nacional de Cultura.

Ex-prisioneiro na África do Sul denuncia situação local

«A situação dos africanos na África do Sul é comparável à dos detidos» — afirma Hugh Levin, combatente activo contra o «apartheid» que passou anos nas prisões do regime racista de Vorster. «Sou um homem branco, mas conheci, directamente, o que significa ser um negro na África do Sul» — escreve Levin no seu livro «Sete anos numa prisão sul-africana».

Na sua prisão, a Prisão Central de Pretória é o símbolo da realidade sul-africana. «Os carcereiros aproveitam a mais pequena oportunidade para humilhar a dignidade humana dos detidos políticos. Eu vi de dentro, por assim dizer, a situação em que se encontram os africanos na África do Sul.»

Filho de um padre inglês, Hugh Levin cedo se tornou participante activo na luta contra o «apartheid». Em 1964, foi preso em virtude da lei sobre as actividades subversivas. Passando por diversas prisões da África do Sul, conheceu muitos presos políticos, entre os quais Bram Fischer, Durban David Evans, conhecido jornalista, e outros. Todos eles foram presos por terem erguido a voz contra os actos arbitrários e violências das autoridades sul-africanas.

«O livro de Levin — escreve o «Sunday Times of Zambia» — é um documento que testemunha a situação angustiante da população que se encontra sob o regime racista de Vorster».

Por sua vez, o jornal tanzaniano «Sunday Times» afirma que «a economia da Rodésia está em franca recessão». E pormenoriza: «No primeiro semestre de 1976, a produção industrial diminuiu 9 por cento em relação ao mesmo período de 1975, a procura do tabaco (principal artigo de exportação) baixou consideravelmente, e o número de turistas estrangeiros registou uma diminuição que alcança os 40 por cento.»

Segundo o jornal, a principal causa desta situação é a recusa obstinada de Smith em resolver o problema rodesiano. «Os novos créditos para o reforço do aparelho de repressão atinge já 20 por cento do Orçamento» — informa o «Sunday Times».

Receosos das operações militares dos patriotas do Zimbabwe e da difícil situação económica, os colonos rodesianos abandonaram o país como se se tratasse de um navio naufragado. Só no ano passado o número de brancos que abandonou a Rodésia atingiu 15 mil pessoas» — conclui o jornal

Estado palestiniano tem uma proposta de criação

A Síria, o Egípto, a Jordânia, a Arábia Saudita e a Organização de Libertação da Palestina (OLP) concordaram quanto a uma proposta para a criação de um estado palestiniano.

O plano foi apresentado pelo presidente da Síria, Hafez Assad, ao presidente dos Estados Unidos, James Carter, com o qual conferenciou ontem em Genebra.

O plano fora elaborado depois de o secretário norte-americano de Estado, Cyrus Vance, haver anunciado, no fim da sua viagem ao Médio Oriente, em Fevereiro, que os Estados Unidos consideravam difícil formular uma política quanto ao Estado da Palestina por causa das divergências árabes a esse respeito.

Antes de Assad haver ido a Genebra conferenciar com Carter, a Síria teve contactos de alto nível com o Egípto, a Jordânia e a Arábia Saudita. No sábado horas antes de partir para a Europa, também conferenciou com o líder da OLP, Yasser Arafat, e obteve o seu consentimento.

Não são conhecidos pormenores do plano, mas sabe-se que resolve divergências quanto à forma final do proposto Estado Palestiniano a criar na margem ocidental do rio Jordão e na faixa de Gaza.

Por outro lado, Carter revelou ontem, à noite, que a ideia geral de «zonas tampão» entre Israel e os vizinhos árabes fora aceite por todos os dirigentes do Médio Oriente com quem se encontrara.

Fez essa revelação a repórteres após regressar de Genebra, depois da sua conferência de cinco horas com Assad. Carter travara já conversações com o primeiro-ministro israelita demissionário Yitzhak Rabin, o presidente Anwar Sadate, do Egipto e o rei Hussein, da Jordânia.

Carter mencionara antes a possibilidade de tropas sionistas ficarem estacionadas, pelo menos temporariamente, fora das fronteiras geográficas do país.

Ontem à noite falou em «forças de manutenção de paz» que poderiam ficar estacionadas em «zonas tampão» em cada lado das futuras fronteiras no Médio Oriente.

BRASIL

Aumenta a pressão sobre os generais

Uma certa inquietação vai-se espalhando nos meios parlamentares e na opinião pública depois das recentes manifestações de estudantes no Rio de Janeiro e em São Paulo, e a proibição futura de qualquer demonstração semelhante em todo o território brasileiro pelo Governo, embora este se tenha declarado pouco «preocupado» com estas manifestações.

Ao mesmo tempo oficiais superiores do exército brasileiro conferenciaram recentemente com ministros do último presidente civil e constitucional, o já falecido João Goulart, derrubado pelos militares em 1964 — afirma-se em círculos políticos citados por Robert Sullivan, da UPI.

A petição dos 54 coronéis para «maiores liberdades» e os contactos com os ministros do antigo regime constitucional inserem-se num quadro em que o jornalista norte-americano Sullivan diz estar o Brasil «a ser ameaçado por todos os lados».

Pela primeira vez em quase dez anos, os estudantes voltam para as ruas a defender as liberdades cívicas, a Imprensa opõe-se abertamente ao Governo, fala-se de divergências entre os militares e ambos os lados da dividida Igreja Católica criticam abertamente o regime presidido por Geisel.

O ministro da Justiça, Armando Falcão, distribuiu um comunicado a anunciar a proibição e a dizer que manifestações de qualquer espécie são «basicamente subversivas». Por sua vez, o ministro da Educação, Ney Braga, denunciou a infiltração nos meios estudantis de «agitadores interessados em perturbar a ordem e a tranquilidade do país».

O ministro da aeronáutica, Araripe Macedo, de extrema-direita, também censurou «esta agitação intempestiva de natureza política» visando a preparação de «uma subversão armada», e acrescentou: «Não podemos ser tolerantes para com esta fase preparatória de guerras revolucionárias».

Apesar de tudo isso, hoje, ao meio-dia, os estudantes reuniram-se na Universidade Católica do Rio de Janeiro e as suas palavras de ordem foram «liberdade para os presos políticos» e «fim à repressão, à tortura e aos assassinios».

FRANÇA

Anunciada a maior greve dos últimos vinte anos

. Acaba de ser decidida uma greve interprofissional de um dia, a ser observada em toda a França.

A decisão pertenceu à CGT (Confederação Geral do Trabalho, próxima do Partido Comunista), CFDT (Confederação Francesa dos Trabalhadores, solicalista auto-gestionária) e FEN (Federação da Educação Nacional).

Georges Seguy, secretário geral da CGT, que anunciou a decisão, acrescentou que a data da greve apenas será revelada dentro de 24 horas, a fim de permitir que a organização «Força Operária», actualmente em congresso, em Vichy, se possa pronunciar também.

«Desejamos vivamente que esta precaução permita aos nossos camaradas da «Força Operária» decidirem juntar-se a nós, aceitando uma acção sindical sem precedentes nos últimos 20 anos», declarou Seguy.

A greve, segundo esclareceu, por seu turno, o secretário geral da FEN, André Henry, visa constituir um sinal de protesto e um aviso contra a política de austeridade «que atinge todos os trabalhadores franceses».

Os planos para essa greve de 24 horas coincidiram com um novo agravamento das divergências entre o presidente da república e o antigo primeiro-ministro Jacques Chirac, líder dos «gaulistas».

Em círculos políticos de Paris dizem que se a actual maioria não conseguir sarar as suas feridas e resolver as divergências que a dividem, o presidente Giscard D'Estaing poderá convocar eleições gerais antecipadas.

Algumas sondagens demonstram que quaisquer eleições gerais a efectuar agora em França seriam ganhas pela esquerda, lançando na oposição os partidários de Giscard D'Estaing e de Chirac.

ESPANHA

Seis mil candidatos para 557 lugares

Seis mil homens políticos representando cerca de 25 coligações ou partidos legalizados, disputarão um mandato no Congresso dos deputados ou de senador, com um total de 557 lugares.

Em Madrid, onde foram apresentadas 25 listas para a Câmara Baixa, a luta anuncia-se extremamente dura e a campanha difícil. A maior parte dos «tenores» da política espanhola disputarão os sufrágios dos eleitores da capital. O primeiro-ministro, Adolfo Suarez chefia a lista da União do Centro Democrático, Felipe Gonzalez, a do Partido Socialista Operário Espanhol, Santiago Carrillo, a do Partido Comunista Fraga Iribarne, a da Aliança Popular, Ruiz Gimene, a da Federação Democrática e Tierno Galvan a do Partido Socialista Popular.

Todos os espanhóis com 21 anos ou mais designarão 350 deputados segundo o sistema da representação proporcional e 207 senadores, segundo um sistema maioritário restrito. A província foi escolhida como circunscrição eleitora, dependendo o número de eleitos em cada província do número de habitantes.

Desta forma, serão eleitos 33 deputados em Barcelona, 32 em Madrid e 8 em Cadiz e Saragoça, por exemplo.

A campanha oficial será aberta a 23 do corrente. Entretanto, Dolores Ibarruri «La Pasionaria» será possivelmente rejeitada pela Junta Central Eleitoral como candidata do Partido Comunista Espanhol, por Oviedo por não reunir os requisitos necessecários, anunciaram círculos políticos de Madrid.

Contudo, tudo indica que o mesmo não acontecerá ao poeta Rafael Alberti, que foi apresentado pelo PCE, pela província de Cadiz.

No que respeita a «La Pasionaria», que conta actualmente 82 anos, sucede que não está recenseada pelo seu distrito eleitoral pelo que, segundo as normas eleitorais, não pode nem votar nem ser votada.

AMESTERDÃO

Ainda há desaparecidos no incêndio do hotel

Ainda não tinham sido encontradas ontem à noite dezoito pessoas, entre elas dezassete suecos, após o rescaldo do incêndio que devastou completamente o Hotel Polen, de 80 quartos, durante a madrugada.

Depois de haver anunciado doze mortos, a Polícia referia ao princípio da noite quatro mortos e 26 feridos de diversas nacionalidades.

A confusão causada por este trágico sinistro explica, sem dúvida, as contradições nas indicações dadas pelas autoridades.

Clientes do Hotel, cujos nomes talvez figurem entre os considerados desaparecidos, correram para o Aeroporto de Amsterdão a fim de tomar qualquer avião. Ignora-se quantos eram e para onde foram.

O fogo surpreendeu boa centena de pessoas em pleno sono. Pouco depois das 6.30, chamas que pareciam vir do rés-do-chão, onde estava em curso uma exposição de móveis, invadiram os andares superiores. Acordados em sobressalto, os hóspedes, com a fuga cortada pelo fumo, viveram momentos de pesadelo. Alguns saltaram das janelas para a rua, ferindo-se por vezes seriamente. Outros rebentaram todas as portas que encontraram à frente e saíram para os telhados. Um inglês fez uma escada com os lençóis e desceu do segundo andar para a rua. Entretanto a fachada do Hotel ruia sobre uma autobomba.

"Bundeswehr" suicida-se

Os suicídios e tentativas de suicídio multiplicam-se no exército da RFA (Bundeswehr), indicou ontem o secretário de Estado parlamentar da Defesa, Andreas Von Buelow, precisando que 940 militares tinham tentado por termo à sua vida em 1976, contra 874 em 1975 e de 819 em 1974.

O número de suicidas elevou-se a 94 em 1976 na «Bundeswehr», contra 97 em 1975 e 87 em 1974.

Buelow não revelou os motivos destes actos de desespero.

Entretanto, um novo escândalo de «escuta telefónica» está em vias de eclodir na RFA. O semanário de informação «Quick» afirma na sua última edição que o telefone de Wolfgang Kassebohm, presidente da Federação dos Controladores Aéreos da RFA (VDF), esteve sob «escuta» por ordem da Polícia Federal durante o primeiro trimestre de 1974. Segundo o «Quick» a acção da polícia baseava-se num artigo do código penal condenando «a criação de associações criminosas».

Patrícia Hearst libertada

O tribunal de Los Angeles decidiu ontem colocar Patrícia Hearst em liberdade vigiada, durante cinco anos, pois agora é «boa menina».

Recorda-se que Patrícia, filha do magnata da Imprensa norte-americana Randolph Hearst, foi acusada de assalto e roubo armado contra uma casa de artigos de desporto de Los Angeles, em Maio de 1974 tendo usado de duas metralhadoras para cobrir a fuga dos seus camaradas do «Exército Simbiótico de Libertação».

Patrícia Hearst arriscou-se a passar o resto da vida em prisão perpétua, mas acabou por beneficiar da «clemência» do juri que, segundo declarou um dos respectivos elementos, não pode esquecer-se de que «não existe ninguém nos Estados Unidos que não esteja cheia de pena dos seus pais». O tribunal decidiu, ainda, que «Patrícia já não representa qualquer perigo para a sociedade».

Com 23 anos de idade, a rica herdeira de Randolph Hearst fora condenada o ano findo, em São Francisco, a sete anos de prisão por também ter atacado um banco da cidade, tendo sido libertada em Novembro passado, depois de seu pai ter pago uma caução de 1,25 milhões de dólares, mais ou menos de 48 750 000 escudos.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

MARROCOS

Viagens de qualidade por preços económicos

2.980$ desde

TANGER
▪mini semana
▪maxi fim-de-semana
▪uma semana
▪férias na praia

CASABLANCA
▪maxi fim de semana

O MELHOR DE MARROCOS
▪cidades imperiais

Avioes BOEING 737 da royal air maroc
+Bons hoteis com banho+alojamento ou alojamento e refeiçoes+transferes +assistência

Partidas todas as Segundas e Quintas de Abril a Outubro

Programas VIAGENS Reservas RAWES

Lisboa-Correspondência R. Bernardim Costa 47 Expediente Trav. do Corpo Santo 15 Tel. 370231
Faro-Rua Conselheiro Bivar 72 Tel. 23195/6

Saber uma língua é uma arma de trabalho

- Matricule-se escolhendo a hora mais conveniente
- Cursos Individuais (domicílio ou escola)
- Classes reduzidas de Formação de Pessoal de Empresa
- Cursos Acelerados

BERLITZ®

Sistema de Ensino Directo

Informações detalhadas e matrículas
Largo de S. Domingos, 14 - 2 Lisboa
(Entrada pelas Escadinhas da Barroca, 2)
Tel: 874656

Paris - Londres - Madrid - Genebra - Dusseldorf - N. Iorque, etc.

PUBLINTER

TEATRO Tel. 366745

ABC

Não acons. a menores de 18 anos

Hoje, 20.30 e 22.45 horas

Domingos e Feriados há «matinées» às 16 horas

Descanso às 4.as feiras

SÉRGIO AZEVEDO apresenta

A NOVA E GRANDE REVISTA POPULAR DE LISBOA

EM ÁGUAS DE BACALHAU

com um super-elenco

Heidi (em grande). Uma grande criação de Nicolau Breyner

FLORBELA
NICOLAU BREYNER
OCTÁVIO DE MATOS
(actor convidado)
VERA MÓNICA
(actriz convidada)
SIMONE DE OLIVEIRA
VICTOR MENDES
ABC DANCER'S

Aviso: Devido à grande afluência de público e a empresa não poder-se satisfazer todos, pede-se o favor de adquirirem antecipadamente os vossos bilhetes.

A Gerência

TRINDADE-INATEL

1383

GRUPO de CAMPOLIDE

Às 21.30 (todas as noites — excepto ao domingo e à segunda). Domingo tarde às 16 (N. acons. a m. 13)

50 por cento de desconto para os sócios do INATEL, dos Sindicatos, CCD's e CPT's

Um dos mais importantes espectáculos do actual Teatro Português!

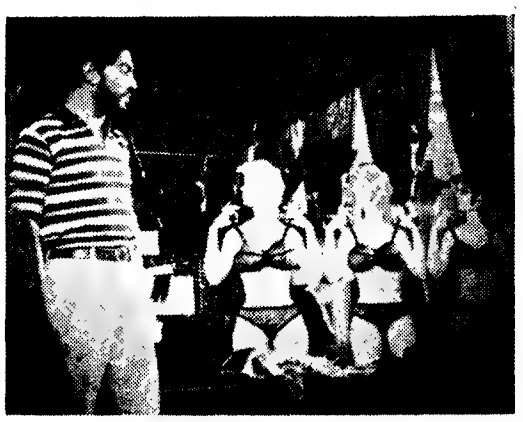
2.º MÊS DE ÊXITO

ROMA

ESTREIA HOJE
Às 21.15 h.

O AMOR BATEU-LHE À PORTA...
E ADEUS CASTIDADE!

NINO MANFREDI
MARIANGELA MELATO



POR OBRA E GRAÇA...
per grazia ricevuta

uma comédia de NINO MANFREDI

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS
EASTMANCOLOR DOPERFILME

estudio 444

ESTREIA — HOJE
Às 21.15 h.

fragilidade do amor e do destino
num filme de grande classe dirigido por

EDOUARD MOLINARO

A IRONIA DA SORTE
L'IRONIE DU SORT

Pierre Clementi · Brigitte Fossey

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS
COLOR DOPERFILME

"CONTRAPONTO" FEZ UM ANO

"Não somos oposição, mas alternativa de análise"

A actual equipa do programa «Contraponto» fotografada no Quelhas

«Não somos uma oposição mas uma alternativa de análise dos temas que nós pensamos serem importantes para o grupo social em que nos inserimos», afirmou ao «Diário de Lisboa» o realizador José Manuel Nunes, no momento em que o seu programa na RDP, «Contraponto» comemora o primeiro aniversário de efectivo interesse e nítida preponderância na programação radiofónica. «A posição de alternativa que procuramos» acrescenta o realizador do «Cntraponto», é assumida na perpectiva da Constituição que funciona assim como um prisma entre nós e o ouvinte». Desde 3 de Maio de 1976, todos os dias (excepto domingo) no horário entre as 21 e as 24 horas, no Programa 1 da Radiodifusão Portuguesa uma equipa de profissionais apresenta o «Contraponto», seguramente o mais ouvido dos programas recentes da RDP. É também dos mais controversos e talvez o único seguido com atenção política por muitas das forças que se movimentam no xadrez partidário. Os outros profissionais que sob a direcção de José Manuel Nunes preparam o programa são: Ana Maria Jean Batiste (redactora especializada em assuntos económicos), Maria Manuela Gomes (assistente musical), Maria Teresa Silva, que secretaria a equipa, João Coelho (redactor-locutor) Carlos Carvalho, Lopes Rodrigues (redactor dos assuntos culturais), Serra Morais (sonorizador) e, já depois da celebração do I Aniversário, Aniba Cabrita e João Manuel Alves. Do grupo inicial apenas se afastaram Mário Figueiredo requisitado para realizar o programa «O mundo é a nossa casa», Cipriano Correira, requisitado para a Comissão Coordenadora da Reestruturação da RDP, e Adelino Gonçalves, que foi estudar.

Todos estes elementos faziam já parte dos quadros da Emissora Nacional, exceptuado José Manuel Nunes que entrou directamente para realizador do «Contraponto» quando deixou a Rádio Voz da Alemanha. Mas, como muitos outros funcionários inaproveitados, definhavam no autêntico caixote de burocratas que era a EN.

Aliás tudo neste programa é elucidativo da rádio que se poderia fazer e não se faz entre nós. Por exemplo: só se utilizam os meios disponíveis na RDP, o pessoal recebe os seus salários correntes do funcionalismo e as despesas para pôr no ar durante três horas diárias este programa são efectivamente mínimas. Compare-se isso com o interesse suscitado, façam-se paralelos com outros programas lá na casa e conclua-se.

INFORMAÇÃO CONTROLO CRÍTICA

«Para nós, são cinco as funções dos meios de comunicação social: recreação e formação, como geralmente se aceita, e mais três funções políticas de informação, controlo e crítica».

José Manuel Nunes, que nos fala pela equipa do «Contraponto», desenvolve esta ideia, aplicando-a à situação concreta do seu programa:

«À mesma hora em que é transmitido o «Contraponto» o canal 2 da RDP transmite música erudita, o canal 3 música ligeira (quando o telefone toca) e o canal 4, música ligeira mais elaborada.

«Assim, considerámos que quatro das funções da Rádio não estavam a ser tomadas em conta naquele horário. Daí o carácter intencionalmente formativo e informativo sem carácter noticioso. Também a crítica porque utilizamos a perspectiva da intervenção social, viabilizada pelas pessoas que aqui vêm falar. A função de controlo efectiva-se através das opiniões emitidas pelas personalidades convidadas que veiculam tomadas de posição opostas, divergentes, diferentes, que muitas vezes se traduzem em crítica às instituições ou a outros aspectos da vida social portuguesa. Note-se que ao utlilizarmos uma perspectiva de «Contraponto» fazemo-lo com o pressuposto de que a nossa informação é incompleta tendo de ser avaliada e comparada com as informações de que o ouvinte já dispõe, de modo a que possa formar a sua própria opinião. Os meios de comunicação social são uma praça pública em que a tolerância e a capacidade de diálogo deveriam ser as características mais evidentes».

Não há dados estatísticos sobre a audiência deste programa, que utiliza uns 40 por cento do tempo com a transmissão de música e 60 por cento à conversa. Segundo nos informaram no Quelhas, onde o programa é realizado e de onde é transmitido, dentro de 15 dias deverão estar prontos índices de amostragem da audiência para se agir de acordo, em relação ao futuro. «O que se sabe — acentua José Manuel Nunes —, é que a audiência da RDP aumentou bastante à noite».

E as reacções que vos têm chegado, sobretudo reacções de organizações políticas, como são?

São mais numerosas as favoráveis. Mas acredito que as desfavoráveis vão directamente à Direcção de Programas e à Comissão Administrativa. Temos informações seguras de que tem havido pressões diversificadas dos mais diferentes círculos políticos. Serão forças que não gostarão da Constituição ou são adversas ao carácter de interventivo dos meios de comunicação social».

DIRIGENTES PARTIDÁRIOS E MEMBROS DO GOVERNO

Pelo «Contraponto» têm passado os líderes dos Partidos 1o nosso convite ao dr. Freitas do Amaral foi 100 por cento positivo e a sua intervenção fez-se sem quaisquer restrições e com referências elogiosas posteriores à participação no programa»), os membros do Governo (treze secretários de Estado e vários ministros), para além de dirigentes partidários, deputados, personalidades diversas da política, das artes e da Comunicação Social.

É um programa para durar? Ou ao fim do primeiro ano as perspectivas não são optimistas?

. «Pensamos ter demonstrado à evidência ser possível à Radiodifusão estruturar-se segundo um modelo ligeiro, baseado em queixas fixas e numa grelha de programas com as seguintes vantagens: economia de produção, rejeição da burocracia, racionalização do funcionamento, viabilidade da liberdade da criação responsável, que esteja de acordo com as leis da República portuguesa».

Perguntámos, finalmente, a José Manuel Nunes como têm sido as relações da equipa do

José Manuel Nunes, realizador do programa

«Contraponto» com a Direcção de Programas da RDP e com a Administração. Disse-nos:

«Enviamos previsões antecipadas dos programas ao Director de Programas e até hoje não interferiu uma única vez antes da respectiva transmissão. De vez em quando chama-nos a atenção para aquilo que ele considera incorreções. O Presidente da Comissão Administrativa manifestou-nos no dia do aniversário o seu apreço pelo nosso esforço».

José Manuel Nunes afirmou ainda ao «DL» que a equipa de realização e produção tem recebido total apoio dos elementos dos serviços técnicos da RDP.

Durante este mês e para comemorar o Primeiro Aniversário, «Contraponto» vai dedicar os seus programas a três questões candentes da actualidade nacional: o Plano a Médio Prazo para 1977/80, o grande empréstimo dos mil e quinhentos milhões de dólares e o Pacto Social.

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

A MELHOR BARRACA DA TV NOS ÚLTIMOS TEMPOS

A transmissão de **Histórias de Fidalgotes e Alcoviteiras**... (que durante tantos e tantos meses esteve em cena, a cargo da **Barraca**) serviu, quanto mais não fosse, para provar uma data de coisas.

Primeiro, que os autores clássicos estão vivos, capazes de conviver connosco, de pensar connosco, de sofrer, protestar, resistir connosco. O necessário é que haja quem, como a **Barraca**, se disponha a fugir dos preconceitos e dos temores **comerciais** — palavra com que, muitas vezes, se veste a mediocridade e a impotência.

Segundo, que temos artistas e encenadores de qualidade com obra feita, dignamente feita, depois de 25 de Abril, ao contrário do que algumas **boas** almas apregoam.

Terceiro, que a falta de «estruturas condignas» não passa de desculpa de mau pagador para justificar a ausência do Teleteatro em Portugal. Lembremos: desde o despedimento de Artur Ramos, praticamente não houve programação teatral. Pro... **gramamos** outras «peças» diariaaamente, em contrapartida.

Não há teatro mais «pobre», mais desprovido de tudo do que este da **Barraca**. Mais «pobre» só mesmo a mão estendida à esmola.

E no entanto, que dignidade, que riqueza, que forma de estar ali com todos os sentidos! E que força para resistir às incomodidades, às pressões, aos obstáculos que encontra quem quer remar contra a maré!

. Não há teatro na Televisão porque os responsáveis da Televisão não amam suficientemente o teatro para buscar uma saída das dificuldades. Mais nada.

Pobreza? Riqueza? Deixem-se de lérias, meus senhores. A questão é outra e vocês (e nós) sabem qual é...

QUESTÃO DE DISCIPLINA

Vamos ter novo concurso. Encarregam-se dele o Solnado e o Fialho. Já agora, dava-se um jeitinho, mandava-se vir o Carlos Cruz das Américas e ficava completa a equipa do **Zip-Zip**.

Para falar da melancia, só depois de aberta. Para já, o aspecto é atraente. O concurso assenta fundamentalmente na participação activa dos concorrentes directos e também na grande massa de telespectadores que podem proporcionar-lhe, como é hábito dizer-se agora, uma larga base de apoio.

Certamente a sua mecânica parece extremamente complicada, mas também, na prática, tudo se simplifica. Parece ter havido a preocupação louvável de abrir ao máximo o leque das opções dos concorrentes. Deste modo, corre-se o perigo de se transformar em máquina pesada, muito perigosa em especial quando se tem apenas a carta de ligeiros.

O primeiro sinal deste perigo, tivemo-lo ontem: destinado a acabar pouco depois das nove e meia, o programa de apresentação veio a terminar em cima das dez!

. O rigor no cumprimento dos horários é uma lei básica em Televisão. Não é bom que a RTP nos dê lições de indisciplina desta grandeza.

AUTOMOBILICES

Uns nascem, outros morrem. Diga-se, com o indispensável suspiro: é a lei da vida.

Ontem morreu **Teledesporto**. Paz à sua alma. Quase nada que era, levará muito menos tempo a transformar-se em cinza, em pó, em nada mesmo.

As últimas imagens que viram os olhos do defunto foram as de umas corridas de automóveis. Está certo.

Como se sabe, o automobilismo é o grande desporto nacional por excelência. A sua tradição, entre nós, remonta aos lusitanos. Supõe-se que foi introduzido por Sertório, grande campeão das **quadrigas**, um **quatro cavalos** de excelente qualidade, conforme se pode ler no **Automobilisticus Tratactus & Tractantes**, publicado no século V a.C. da autoria de Cassius Brutus Serqueira. Se nos lembrarmos dos **dois cavalos** que andam para aí, é motivo para concluir que, em automobilices e em automoburrices, adiantamos pouco desde os romanos.

Em louvor de tradição, acho pois que tudo deve ser feito na RTP para promover as corridas de automóveis. Está pois de parabéns aquela estação por ter mandado à corrida de Madrid um repórter especial. Por via disso deliraram de entusiasmo milhões de portugueses na tarde de domingo.

Acho bem. Acho bem que não se olhem a sacrifícios quando está em jogo o interesse... ai como é... o interesse... ai já sei: **o interesse nacional**.

(Desculpem, fui eu que arrotei).

Quanto ao enviado especial da RTP, apesar da hora tardia a que terminou a corrida, já ontem estava no seu posto. Isto é o que se chama andar na gasosa. De quantas octanas será a essência que ele consome?

EFEMÉRIDES SEM VALOR

O aniversário do fim da guerra desencadeada pelo nazi-fascismo mereceu da parte do Telejornal meia dúzia de palavras geladas.

O mesmo aconteceu com o aniversário da libertação da Checoslováquia. Os telespectadores portugueses teriam apreciado conhecer os inauditos sofrimentos do povo checoslovaco e a resistência que opôs aos ocupantes da sua pátria e o muito que trabalhou para construir uma sociedade justa e fraterna, uma sociedade socialista. Miroslav Hruza, embaixador daquela República socialista no nosso país, teria certamente muito gosto nisso — ele até fala um português correctíssimo.

Quanto à Roménia, que comemorava os 100 anos de independência, os ecos em Telejornal cifraram-se numa reportagem à exposição fotográfica e na recolha de meia dúzia de palavras do seu embaixador em Lisboa, Marin Iliescu. Palavras que falavam de cooperação. Palavras que falavam de amizade.

Comemoração das efemérides, no Telejornal? Bem, para tudo se quer simpatia...

Hoje

O Violoncelista Arto Noras

I PROGRAMA

1.º Período
13.30 **Ciclo Preparatório TV**
18.05 Fecho
2.º Período
18.30 **Abertura e Vem ver como se faz espelhos** — **Vem ver como se faz olaria.**
18.55 **Peço a Palavra** — «A Leitura».
19.20 **E em toda a parte aprendemos** — «Nucleo Musical de S. Caetano».
19.50 **Telecinema** — Magazine de actualidades cinematográricas.
20.30 **Telejornal**
21.05 **Colditz** — Policial — 5.º Episódio. «Máxima Segurança».
22.05 **Programa da Direcção de informação**
23.05 Fecho.

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

21.02 **Baviera à espera do Mundo.**
21.30 **Arto Noras** — Um programa sobre o célebre violoncelista finlandês, no qual exporá as suas ideias sobre a música e também interpretará algumas obras que lhe deram êxito.
22.30 **Telejornal**
23.05 Fecho

Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período; **13.30**: Ciclo Preparatório TV. **18.05**: Fecho. **2.º Período**; **18.30**: Abertura e A Catarina — Pippo — Dobra e Desdobra; **19.00**: Vamos jogar no Totobola. **19.10**: Eurovisão — Futebol — Final da Taça dos Vencedores das Taças. **21.20**: Telejornal. **21.55**: Espora de Aço — filme de grande metragem realizado em 1953 por Antony Mann. **23.40**: Fecho.

II PROGRAMA

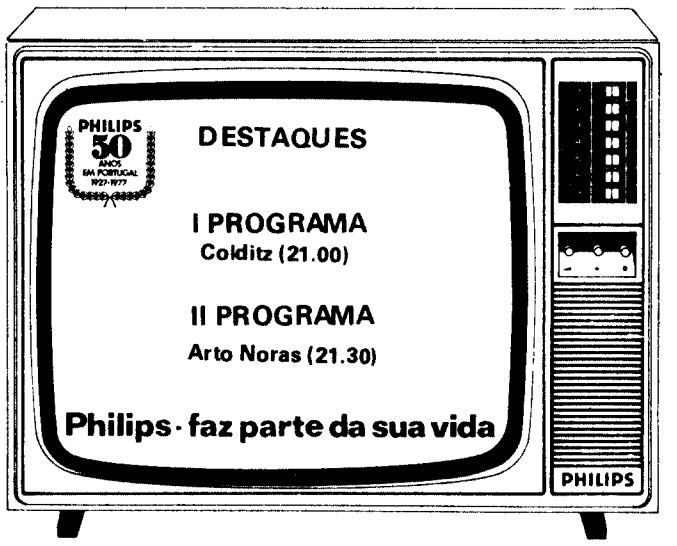
21.00: Abertura e o Ciclo da pedra. **22.00**: A vida de Nijinsky e Requiem para um bailarino. **23.00**: Telejornal. **23.30**: Fecho.

FROU FROU
CAFÉ-CONCERTO
Av. Gen Norton Matos, 2
Hoje e todos os dias às 00.45
numa
prod. de Sérgio Azevedo
com coreog. Marilyn Clark
MONSIEUR TRAVESTI

UM ESPECTÁCULO AO NÍVEL DAS MELHORES CAPITAIS DA EUROPA
Reservas pelo telef. 79 01 77

teatro do bairro alto
R. Tenente Raúl Cascais 1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15. 66 92 05
os cómicos
APRESENTAM
«Matinée Mágica»
Encenação de: **Ricardo Pais**
com: **Sérgio Godinho, Teresa Madruga, António Solmer e Marília Gama.**
SÓ ATÉ 15 DE MAIO
(Maiores de 18 anos)
Todos os dias, às 21 e 30 horas
2.ª Feira: dia de descanso
SUBSIDIADOS PELA SEC

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
A PATOTA
UMA REVISTA DE PAPO CHEIO
ADÓQUE teatro
NO MARTIM MONIZ - TEL 87 44 76
TODAS AS NOITES
DUAS SESSÕES: 20.30 e 22.30
FOLGA ÀS QUARTAS-FEIRAS
Um grande manguito nas tristezas
«MATINÉES» AOS DOMINGOS, ÀS 16 HORAS
Não aconselhável a menores 18 anos



IMPERIO
COLOR NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS DOPERFILME
ESTREIA AMANHÃ
EM ITÁLIA COMO NO CHILE, UM ASSASSINATO QUE LIQUIDOU A DEMOCRACIA!
MORTE DE UM DEPUTADO
FRANCO NERO
MARIO ADORF
DAMIANO DAMIANI
VITTORIO DE SICA
um filme de Florestano Vancini

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP a que se refere o processo 8/59 478, arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia de S. Teotónio, concelho de Odemira, de uma linha aérea a 15 kV, com 120 metros do poste n.º 7 da linha para S. Teotónio ao posto de transformação da Serração de S. Teotónio.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 2 de Maio de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Olhão em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP a que se refere o processo 8/58 967, arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia de Quelfes, concelho de Olhão, de uma linha mista a 15 kV, com 1247 metros, constituída por um troço aéreo com 1167 metros e um troço subterrâneo com 80 metros, do poste n.º 1 da linha para Marim ao posto de transformação e de seccionamento de Golfe-Mar.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 28 de Abril de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na R. de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Beja em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP a que se refere o processo 8/59 479, arquivo 5460, para o estabelecimento nas freguesias de S. Salvador e Santa Maria, concelho de Beja de uma linha mista a 15 kV, com 525 metros constituída por um troço aéreo com 523 metros e um troço subterrâneo com 2 metros.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 28 de Abril de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Beja em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-CEAL) a que se refere o processo 8/59 482, arquivo 5460, para o estabelecimento nas freguesias de Albernoa e Santa Vitória, concelho de Beja, de uma linha aérea a 15 kV com 9724 metros, do poste n.º 147 da linha Beja-Albernoa ao posto de transformação de Mina da Juliana n.º 15.09.37.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 27 de Abril de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

Prémios do CNID

O tenente-coronel Rodolfo Begonha, director-geral dos Desportos, esteve presente, encerrando a sessão com um discurso que a RTP não cobriu, na tradicional distribuição de prémios atribuídos pelo CNID (Clube Nacional de Imprensa Desportiva), por votação entre os seus sócios, aos atletas que mais se distinguiram (e revelaram) na época passada nas várias modalidades. Na foto, ostentando os prémios com que foram galardoados, vemos Chalana, Paulo Frischnecht (natação) João Campos (revelação do nosso atletismo), Carlos Lopes (sem qualquer referência, dados ou louros conquistados, nacional e internacionalmente, na época passada) e João Alves, o homem das «luvas pretas», que veio expressamente de Salamanca para estar presente na cerimónia, que decorreu, ontem, num hotel de Lisboa, entre um jantar a propósito promovido. Durante o acto foi também prestada homenagem ao jornalista Alves Teixeira, director do nosso prezado colega «O Norte Desportivo», que não pôde comparecer, pelos seus seus cinquenta anos de profissão dedicados à causa desportiva. Os jornalistas Vítor Santos, David Sequerra, Manuel Mota, Alfredo Farinha e Alves dos Santos receberam diplomas de sócios honorários do CNID.

"Esperanças" amanhã no Jamor

José Luís e Alberto, Benfica; Gomes e Teixeira II, F.C. Porto; Valter Onofre e Barão, Sporting; Amaral e Isidro, Belenenses; Sousa e Garcês, Beira-Mar; Formosinho, Vitória de Setúbal; Festas, Varzim; Jorge, Portimonense; Rodrigues Dias e Fonseca, Montijo; Eduardo Luís, Marítimo; Folha, Leixões e cardoso (Atlético), são os jovens (menos de 21 anos) convocados pela Comissão Técnica da FPF para o treino da selecção nacional de «Esperanças» a efectuar amanhã, no Estádio do Jamor (16 horas).

Os jogadores convocados deverão comparecer, duas horas antes (14) na Praça da Alegria, munidos de botas com pitons de alumínio. Após a sessão, que deverá prolongar-se até às 18 e 30, voltam aos seus clubes.

BELENENSES

Colocado numa situação difícil, o futebol belenenses prepara-se para um safanão: fala-se em que Severiano Correia e António Gama tomarão conta da equipa, tendo o prof. António Poupino como preparador físico. Simultaneamente, talvez o guarda-redes Barrigana (Leixões) transite para o Restelo.

OTTO GLÓRIA

O conceituado técnico brasileiro Otto Glória parece estar nas congeminações do Sporting de Braga, que já terá feito, telefonicamente, no propósito de o contratar, a primeira sondagem. Mário Lino não fica na «cidade dos arcebispos» (ponto praticamente assente), pelo que os dirigentes bracarenses, que tiveram na sua agenda Jimmy Hagan, volvem-se agora para o mercado brasileiro.

RESERVAS

O Benfica-Atlético, para o «Regional» de Reservas da Associação de Futebol de Lisboa, é esta noite, às 21 horas.

SALVADOR

Afastado há alguns domingos dos campos de futebol por lesão (presentemente em convalescença), o brasileiro Salvador, principal artilheiro do Boavista, está a ser cobiçado, como o ano passado (lembre-se que chegou a assinar pelo Braga), por diversos clubes, entre os quais o F.C. do Porto e o Sporting. Mas uma outra equipa entra na corrida: o Salamanca, onde pontifica Alves. Salvador, no entanto, tem ainda contrato com o Bessa por mais um ano.

SEGUROS

Organizado pelo Sindicato dos Trabalhadores de Seguros do Sul está a processar-se um campeonato de futebol de cinco, que já proporcionou os seguintes desfechos: «O Trabalho»-«Seguradora Industrial»: 3-0; «Império/Sagres/Universal»-«Ourique»: 2-3; Grupo Segurador»-«Gan»: 3-1; «La Preservatrice»-«A Pátria»: 2-3; «Northern»-Atlas: 0-v.f.c.; «A Nacional»-«Garantia Funchalense»: 9-1; «A Social»-«Ultramarina»: 5-0; «Comércio e Indústria»-Sindicato.

VOLTA A ESPANHA VAI A MEIO

Maertens insaciável reforça lideranças

Enquanto na Europa da velocípedia o momento é dominado pela perspectiva de Freddy Maertens, duas vezes campeão do mundo e actual líder incontestado da «Vuelta», ser multado e suspenso (um mês) pela Federação Internacional de Ciclismo, por terem sido considerados positivos os resultados dos testes «antidoping» a que as suas urinas foram submetidas após a «Flèche Wallone» e as duas clássicas provas por etapas do calendário do seu país, a Volta à Flandres e a Volta à Bélgica, prossegue a Volta à Espanha, sem alterações significativas no topo da classificação.

Freddy Maertens (os outros cinco acusados de terem ingerido um produto que infringe a lei: Michel Pollentier, da equipa de Maertens e Driessens, Eddy Merckx, Willy Tirlinck, Walter Planckaert e Karl Rottiers) voltou a impor a sua pedalda sobre o risco de chegada, averbando deste modo a sua décima vitória nesta prova que vai na sua trigésima segunda edição. A etapa de ontem a 13.ª, percorrida entre Igualga (La Tosa de Montbui) e Lérida (Séo de Urgel), na distância de 135 quilómetros, foi coberta em 3 horas, 51 minutos e 52 segundos. Depois de Maertens e vencidos pela sua ponta final, entraram os belgas Marc Demeyer e Benny Schepmans, o italiano Tinchela e o germânico Peter Thaler, bem como o grosso do pelotão, no qual se encontravam os portugueses Joaquim Agostinho e Fernando Mendes, que conservam, assim, os seus postos de ontem na geral.

Mendes mantém, facto que convirá assinalar, a despeito da etapa de ontem ter sido palmilhada em terreno plano, o quinto lugar na «montanha», classificação que é comandada por Pedro Torres, com 95 pontos, seguido de Andrés Oliva, Loos (Bélgica), o português da Teka e José Viejo.

Classificação na etapa: 1.º Fredy Maertens (Bélg.) 3.51,52; 2.º Marc Demeyer (Bélg.); 3.º Benny Schepmans (Bélg.); 4.º Danielle Tinchella (It.); 5.º Peter Thaler (RFA) 6.º Geerd Malfait (Bélg.); 7.º Javier Elorriaga (Esp.); 8.º Jean Pierre Baert (Belg.); 9.º Dirk Ongeane (Bélg.); 10.º José Viejo (Esp.); 21.º Joaquim Agostinho (Port.) e 26.º Fernando Mendes (Port.) Todos com o mesmo tempo do vencedor.

Classificação Geral: 1.º Fredy Maertens (Bélg.) 51.34,23; 2.º Miguel Lasa (Esp.) 51.36,20; 3.º Peter Thaler (Ale.) 51.37,10; 4.º Domingo Perurena (Esp.), 51.37.44; 5.º José Luís Viejo, (Esp.), 51.38.51; 6.º Michel Pollentier (Bélg.) 51.39,26; 7.º Gerry Clively (Aust.), 51.40,25; 8.º José P e 51.41,47; 9.º Gonzalez Linares (Esp.), 51.41,47; 10.º Agustin Tamames (Esp.), 51.43,23; 11.º José Garcia Roxo (Esp.), 51.44,24; 12.º Pedro Torres, (Esp.) 51.44,45; 13.º Fernando Mendes (Port), 51.45,25; 14.º Ludo Loos (Bélg.), 51.48,18 e 15.º Joaquim Agostinho (Port.), 51.50.50.

PORTUGAL

ATLETISMO

Os campeonatos nacionais de juniores de atletismo (masculinos e femininos) disputam-se nos próximos dias 14 e 15. A Federação marcou para o Estádio Nacional o campeonato masculino, com provas no dia 14 (a partir das 16 horas e 30) e no dia 15 (com início às 9 horas e 30). O campeonato feminino será disputado no Estádio da Luz no dia 14 (às 16 horas e 30) e seguinte (às 9 horas).

AUTOMOBILISMO

Disputa-se na rampa da Covilhã, nos próximos dias 28 e 29, o «Prémio Internacional da Serra da Estrela», em automobilismo, prova que contará para o campeonato da Europa de montanha (Grupos 1, 2, 3, 4, 5 e 6) e para o campeonato nacional de velocidade. (grupos 1, 2, 3, 4, e 5).

Os treinos oficiais terão lugar no dia 28 (das 14 às 19 horas):

Este prémio internacional, organizado pelo Automóvel Clube de Portugal, conta com a colaboração da Câmara Municipal da Covilhã e da Comissão Regional de Turismo.

GINÁSTICA

A equipa portuguesa feminina concorrente aos campeonatos europeus de ginástica, que decorre em Praga de 10 a 15 do corrente, parte amanhã para a capital checoslovaca. As ginastas portuguesas, Avelina Alvarez, Filomena Palma e Luísa Miranda, todas do Lisboa Ginásio Clube, são acompanhadas pelo presidente da direcção da Federação Portuguesa de Ginástica, prof. Robalo Gouveia, pela treinadora nacional, Paulina Seara Cardoso, e por dois juizes, Clotilde Bugarim e Helena Vilalva. A competição, propriamente dita, realiza-se nos dias 12, 13 e 14, estando reservado o dia 11 para os treinos. A 15, as atletas participantes regressarão aos respectivos países.

LEIXÕES

Vão disputar-se ao largo de Leixões, nos próximo dias 14 e 15, quatro regatas de embarcações da classe «optimist», para disputa do troféu Atlantico-Bayona. A prova, aberta a todos os clubes, conta com a presença de velejadores portugueses e espanhóis, estes de Bayona e de Vigo.

PESCA

Cerca de 700 pescadores desportivos, incluindo dezenas de estrangeiros, participarão no XIV Concurso de Pesca D esportiva de mar de S. Pedro de Muel, que (a nível internacional) se realiza em 14 e 15 de Maio próximo. A prova, organizada pelo clube dos Amadores de Pesca Desportiva da Marinha Grande, será dividida em três zonas: S. Pedro de Muel, Nazaré e S. Martinho do Porto. Haverá 100 taças em disputa, medindo 1,20 o troféu a atribuir ao 1.º classificado. A distribuição dos prémios será feita em S. Pedro de Muel, onde haverá na noite de 14 um convívio entre os concorrentes e seus familiares destinado a fortalecer os laços de amizade e fraternidade que unem os pescadores desportivos.

VALENCIA

O Benfica (campeão de Portugal) foi eliminado pelo Valência (campeão de Espanha) no jogo da primeira eliminatória da Taça dos Clubes Campeões Europeus de bilhar, a três tabelas, que se disputou no Ginásio do Estádio da Luz. A equipa espanhola venceu o Benfica por 4-3, tendo-se verificado ainda um empate. Foram os seguintes os resultados: Carrillo (Valência) Mário Ribeiro (Benfica), 60-52; Vítor Hugo (Benfica)-Aljaba (Valência), 50-36; Ilídio Gomes (Benfi-

PORTUGAL

ca)-Canellas (Valência), 50-44; Velez (Valência)-Cardoso Pereira (Benfica), 50-50; Canellas (Valencia)-Ilídio Gomes (Benfica), 50-40; Velez (Valên-(Valência)-Ilidio Gomes (Benfi-50-40; Carrillo (Valência)-Mário Ribeiro (Benfica), 60-40 e Vítor Hugo (Benfica-Aliaba (Valência), 50-36.

VELA

Decorrerá de 14 a 22 do corrente, ao largo da baía de Cascais, a regata de selecção para o campeonato da Europa da classe «470«. O Clube Naval de Cascais (organizador da regata) aceita inscrições de velejadores até meia hora antes de se disputar a 1.ª das provas.

O próximo campeonato da Europa de barcos da classe «470», disputa-se em Portugal, ao largo da baia de Cascais, de 15 a 22 de Agosto de 1978.

XADREZ

São já conhecidas as selecções que Portugal defrontará, na fase perliminar na 9.ª Olimpíada de xadres, por correspondência, prova organizada pela Federação Internacional de Xadrez por Correspondência, que terá início no próximo dia 1 de Junho, prolongar-se por cerca de dois anos. Portugal jogará no grupo um, com as representações do Uruguai, Suécia, Honduras, Bélgica, Itália, Filândia, União Soviética, Suíça, Hungria, Canada, Eire e Roménia para esta olímpiada, apresentará a seguinte selecção: Álvaro Pereira, Luís Santos, Raul Soares Nobre, Vítor Silva, António Pereira dos Santos, Raul Soares Nobre, Vítor Silva e António Pereira dos Santos. Renato Vasconcelos e Carlos Pires são os seleccionados suplentes.

O «mestre internacional» de xadrez Fernando Silva, campeão de Portugal, participará no «XIII Torneio Memorial de Capablanca (Cuba), que se disputará de 15 de Maio a 10 de Junho. Com o desenvolvimento do xadrez, em Cuba, após a revolução, o nome de José Raul Capablanca (campeão do mundo de 1921 a 27), passou a estar associado a esta importante competição, que se realiza todos os anos com a participação de alguns dos melhores xadrezistas do mundo.

Inicialmente, a Federação de Xadrez de Cuba convidou, tal como em algumas edições da prova, o «mestre internacional» Joaquim Durão que, por não poder estar presente, foi substituído por Fernando Silva.

EM MESA-REDONDA NO MÓNACO

Delegados da FIFA defendem árbitros

. A quarta mesa-redonda sobre futebol (reunião de carácter internacional que contou com a participação de 150 delegados) terminou os seus trabalhos com a aprovação de moções tendentes a promover o papel do árbitro e a dar-lhe um estatuto semiprofissional. João Havelange presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA), sublinhou no fim da reunião que as moções não têm carácter de obrigatoriedade, e mostrou-se satisfeito com o interesse que a questão dos árbitros despertou entre os participantes durante os dois dias de sessões. «Proferiram-se 110 discursos e considero isso espantoso» disse Havelange.

Os delegados declararam que o fundamental das moções adoptadas é a ideia de que os àrbitros devem ser procurados e encorajados entre os jovens, tal como os jogadores, e que para manter o interesse na arbitragem deve ser elaborado um código de semiprofissionalismo.

Os delegados decidiram igualmente, por voto, que a mesa-redonda patrocionada pelo principe Rainer do Mónaco — deve realizar-se de dois em dois anos. A primeira foi efectuada em 1967. Por outro lado, João Havelange furtou-se a comentar a questão do pedido conjunto do Brasil Peru e Bolívia para que seja escolhido um campo neutral para a disputa da fase final Sul-Americana do Mundial de Futebol em que participam as três equipas até que o executivo da FIFA se reune, o que aconteceu ontem.

Foi ainda anunciado que a comissão organizadora da primeira Taça do Mundo da Juventude, que decorrerá na Tunísia entre 27 de Junho e 10 de Julho já elaborou o calendário e repartiu os 16 participantes por quatro grupos.

O melhor da "Vuelta" entre os belgas que "adoram doping"?

Seis destacados ciclistas internacionais, entre os quais o campeão mundial Freddy Maertens e Eddy Merckx, da Bélgica, tomaram drogas proibidas pelos regulamentos «antid o ping», durante as principais competições, e enfrentam uma s u s pensão de um mês, com multa de 1000 francos suíços — **anunc**iou um informador da Federação Belga de Ciclismo em Bruxelas. As análises das amostras de urina recolhidas depois da «Fleche Wallone» e das voltas à Frandres e à Bélgica, foram positivas. As cartas a informar os respectivos ciclistas do facto e das penalidades foram ontem enviadas.

Os seis ciclistas, nomeadamente Maertens, Merckx, Michel Pollentier (que faz parte da equipa de Maertens), Walter Planckaert, vencedor da recente Volta à Bélgica, Willy Tairlinck, antigo campeão, e Karel Rottiers, pertencente à equipa de Merckx, serviram-se dum medicamento designado por «stimul» cujos efeitos são semelhantes à cafeína, mas que contém «pemolina» (produto químico incluído da lista das drogas proibidas pela Federação Internacional de Ciclismo).

Os ciclistas poderão apelar da decisão, devendo a Direcção de Apelos da Federação de Ciclismo reunir-se no próximo dia 16 para examinar os casos que lhes forem apresentados.

Segundo o infomador da Federação Belga de Ciclismo, não estão ainda completas as análises relativas ao sètimo ciclista, o ex-campeão holandès Hennie Kuiper.

LÁ FORA

AUTOMOBILISMO

A Comissão Desportiva Internacional (CDI) anunciou o cancelamento da prova de Fórmula 2, a contar para o Campeonato Europeu que se devia disputar em Hockenheim (Alemanha Federal), em 5 de Junho. Um informador da CDI precisou que os regulamentos restrigem o circuito a seis corridas por época, e que a prova agora anulada («Taça do Reno») foi marcada muito tarde para ser incluída. O «Prémio das Nações», para carros do Grupo 5, marcado para 4 de Setembro na mesma pista, foi concelado por igual motivo.

Billie Jean King, seis vezes reconhecida como a melhor tenista do mundo, derrotou, no recente URSS-EUA, a sua principal adversária soviética, Olga Morozava, reafirmando toda a sua perícia e categoria

BOIT

O queniano Mike Boit fez a melhor marca mundial do ano nos 800 metros, ao correr a distância em 1 minuto 45,87 segundos.

O tempo — longe do seu máximo mundial de 1.43,5 — foi obtido sob chuva, durante o torneio anual de atletismo da Universidade de Oregon.

CELTIC

Uma controversa grande penalidade transformada, aos vinte minutos, por Andy Lynch, proporcionou ao Celtic a sua vigésima quinta vitória na Taça da Escócia, em futebol, disputa em Hampden Park, e mais uma vez o vencido foi o Glasgow Rangers.

Esta vitória deu ao Celtic a «dupla» (a conquista do Campeonato e da Taça), mas este feito foi presenciado por apenas 54 mil espectadores — a mais baixa assistência de sempre numa final entre os velhos rivais.

LODZ

Alexei Avierin, da União Soviética, ganhou ontem a segunda etapa da prova velocipédica anual Varsóvia-Berlim-Praga, percorrida entre Varsóvia e Lodz. Em segundo lugar classificou-se o seu compatriota Pikkuus, que comanda a classificação geral. Por equipas, a classificação geral é comandada pela União Soviética, seguida da República Democrática Alemã e da Polónia. Na etapa de ontem percorrida, a Itália alcançou o segundo posto por equipas.

KARPOV

O campeão mundial de xadrez, Anatoly Karpov, da União Soviética, partilha com o argentino Roberto Debarnot, e com o dinamarquês Bent Larsen, o comando do Torneio Internacional de Xadrez de Las Palmas, após a segunda jornada, que forneceu os seguintes resultados: Karpov, URSS-Walter Browne, EUA, 1-0; Debarnot, Argentina-José Garcia, Espanha, 1-0; Larsen, Dinamarca-Stefan Tatai, Itália, 1-0; Anthony Miles, Grã-Bretanha-Roman Hernandez, Cuba, 1-0; Angel Martin, Espanha-Sérgio Cabrera, Espanha, 1-0; Mikhail Tal, URSS-Andras Adorjan, Hungria, 0,5-0,5 e Arturo Pomar, Espanha-Manuel Bellon, Espanha, 0,5-0,5.

MORTOS

Três futebolistas morreram no espaço de 48 horas em Itália, no decorrer dos jogos que disputavam.

Primeiro foi o veterano Italo Bonatti, de 33 anos, que dez minutos após o início do encontro, sofreu um colapso cuja causa a autópsia determinará, mas que os médicos afirmam ter sido um enfarte do Miocárdio ou uma embolia cerebral. Quase ao mesmo tempo, em Caprileone (Sicília), acontecia o mesmo a Sebastiano Parafiorito, de 19 anos, jogador do Mamertina.

Xadrez em Urbas

O xadrezista húngaro Zoltan Ribli continua no comando do Torneio Internacional de Urbas, (Jugoslávia).

A oitava jornada forneceu os seguintes resultados: Ribli, Hungria-Matulovic, Jugoslávia, 0,5-0,5; Meikal, Checoslováquia-Andersson. Suécia. 0,5-0,5 Radulov, Bulgária-Gligoric, Jugoslávia, 0-1; Govedarica, Jugoslávia-Sax, Hungria, adiado; Rajkovic, Jugoslávia-Uhlmann, RDA, adiado e Sahovic, Jugoslávia-Barle, Jugoslávia, adiado.

Classificação: 1.º, Ribli, 5,5 pontos; 2.º, Uhlmann, 5 (um adiado); 3.º, Gligoric, 5; 4.º, Sax, 4,5 (um adiado); 5.º, Matulovic, 4 e 6.º, Andersson, 3,5.

"Mundial" de juniores na Tunísia

Disputa-se na Tunísia, de 27 de Junho a 10 de Julho, a fase final do Campeonato do Mundo de futebol de juniores, cujo sorteio foi ontem realizado em Zurique (FIFA). As selecções ficaram distribuídas pelos diversos grupos desta forma: Grupo A: Tunísia, México, França e Espanha — jogos a disputar no Estádio Olímpico de Tunes, em 27 e 30 de Junho e 3 de Julho; Grupo B: Honduras, Marrocos, Uruguai e Hungria — jogos a disputar em Sfax, nos dias 27 e 30 de Junho e 3 de Julho. Grupo C: Costa do Marfim, Itália, Brasil e Irão — jogos a disputar em Sousse, nos dias 27 e 30 de Junho e 3 de Julho. Grupo D: Iraque, URSS, Áustria e Paraguai, jogos em Sfax, em 28 de Junho e 1 e 4 de Julho. As meias finais disputam-se entre os vencedores dos grupos A e C no dia 6 de Julho, e entre os vencedores dos g r u pos B e D no dia 7 de Julho, ambos no Estádio Olímpico de Tunes. A final disputa-se no mesmo Estádio, no dia 10 de Julho. O encontro para apurar os terceiro e quarto classificados realiza-se também no Estádio Olímpico de Tunes, em 9 de Julho.

TOTOBOLA

Jogue connosco

1	Leixões - Portimonense	2
2	Beira-Mar - Guimarães	1
3	Montijo - Benfica	2
4	Porto - Belenenses	X
5	Atlético - Boavista	2
6	Sporting - Setúbal	X
7	Braga - Académico	2
8	Estoril - Varzim	1
9	Paredes - Salgueiros	1
10	Riopele - Espinho	2
11	Fafe - Paços de Ferreira	
12	U. Leiria - Portalegrense	1
13	Juventude - Barreirense	X

PUB.

UNIÃO DOS SINDICATOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

C.G.T.P.-INTERSINDICAL

Convocam-se todos os dirigentes, delegados sindicais e comissões de trabalhadores a fim de participarem em plenários concelhios que esta União vai levar a cabo, pelas 21 horas (vinte e uma horas), nos seguintes locais:

Dia 10/5 — Almada – Sindicato dos Metalúrgicos
Setúbal – União dos Sindicatos (INATEL)

Dia 11/5 — Barreiro – Sindicato dos Metalúrgicos
Montijo – Sindicato das Carnes

Dia 12/5 — Sines – Sindicato dos Metalúrgicos

Dia 13/5 — Santiago do Cacém – Casa do Povo
Grândola – Casa do Povo

ORDEM DE TRABALHOS:

1 — REESTRUTURAÇÃO SINDICAL
2 — LEGISLAÇÃO DE TRABALHO
3 — SITUAÇÃO POLÍTICO-SOCIAL

Setúbal, 6/5/77 *O Secretariado*

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE TORRES VEDRAS

ABASTECIMENTO DE ÁGUA À POVOAÇÃO DO BARRO, CASAL DA CANTONEIRA E ZONA INDUSTRIAL SUL, DA VILA DE TORRES VEDRAS — RESERVATÓRIOS

CONCURSO PÚBLICO

Pelas 15 horas do dia 20 de Junho de 1977, realiza-se na sede dos Serviços Municipalizados, em Torres Vedras, o concurso supra, com recepção e abertura de propostas.

Base de licitação ..... **1 095 880$00**
Depósito provisório ..... **27 397$10**

O programa de concurso e caderno de encargos, estão patentes na Secretaria dos Serviços Municipalizados e na Direcção Hidráulica do Tejo, todos os dias úteis, durante as horas regulamentares.

Torres Vedras, 5 de Maio de 1977

O Presidente do Conselho de Administração
Alberto Manuel Avelino

CENTRO ESTUDANTIL DE FOTOGRAFIA E CINEMA «17 de Novembro»

Rua D. Estefânia, 16

CICLO — Cinema de Intervenção
FILME — «Quando o Povo Acorda»
PRODUÇÃO — Frente Nacional dos Trabalhadores Revolucionários do Cinema Latino Americano (Chile, 1972/73)
SESSÕES — 18.00 e 21.30 horas
BILHETES — Esc.: 10$00

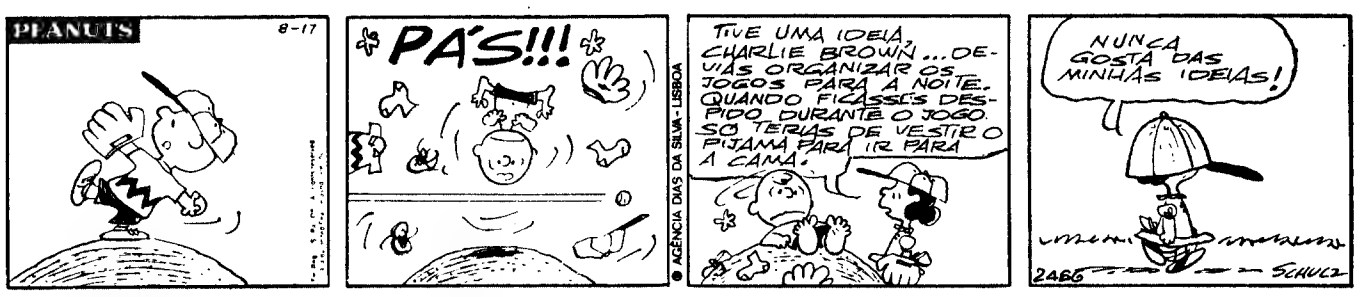
Não aconselhável a menores de 13 anos
Apoio da Secretaria de Estado da Cultura.

Mulheres do Norte fazem conferência

PORTO, 10 — Tendo por objectivo uma ampla participação da mulher na vida económica, cultural, política e social do País, vai realizar-se no próximo dia 29 no liceu Rodrigues de Freitas a primeira Conferência de Mulheres do Norte. Esta iniciativa organizada por uma comissão constituída por cerca de 300 mulheres de vários distritos do Norte e das mais variadas profissões tem em conta o papel crescente que as mulheres desempenham, nomeadamente no Norte, na luta pelos seus direitos e pela resolução dos seus problemas específicos, na actividade sindical, na luta por melhores condições de vida e de trabalho, nas empresas e estabelecimentos de ensino, na arte e na cultura, na resolução dos problemas locais e em toda a vida local, na defesa da paz, da liberdade e da democracia.

Haverá quatro secções durante a conferência cujos temas a debater são a mulher em relação à família e ao trabalho, à vida local, à arte, cultura e desporto e perante a Constituição. A apresentação das teses termina no próximo dia 23, devendo ser enviadas para a comissão organizadora, sita na Travessa do Carregal 87, Porto. Durante os trabalhos da conferência funcionará um serviço de apoio às crianças dos 3 aos 6 anos cujas mães os não possam deixar em casa.

As conclusões da conferência serão dadas a conhecer durante um comício festa que a comissão organizadora levará a efeito no próximo dia 29 de Maio, às 21.30 em local a designar oportunamente.



Intoxicação no S. João foi salmonela

PORTO, 10 — Depois de exaustivos e demorados trabalhos de investigação, o caso de intoxicação verificado no passado dia 2 de Março no Hospital de S. João, foi na realidade provocado por salmonelas, existentes nos ovos da maionese.

Naquela data, foram servidas 1592 refeições de maionese aos funcionários nos refeitórios dos dois pisos, nos Lares e na Unidade de Convalescença.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral limpo; o vento era fraco e havia neblina ou nevoeiro em litoral a norte do Cabo Carvoeiro.

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima *29,5º*

FIGUEIRA C. RODRIGO

Mínima *0.6º*

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco soprando moderado de Noroeste na costa ocidental durante a madrugada e princípio da manhã no litoral a norte do Cabo Carvoeiro.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	12º
PENHAS D.	17º
COIMBRA	13º
PORTALEGRE	22º
LISBOA	18º
SAGRES	18º
ARO	22º
PONTA DELG	16º
FUNCHAL	17º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.51	3,4 m	2.14	1,5 m
21.17	3,6 m	14.42	1,7 m
DIA 11			
10.06	3,4 m	3.36	1,6 m
22.31	3,5 m	16.04	1,7 m
DIA 12			
11.15	3,5 m	4.47	1,6 m
23.36	3,6 m	17.10	1,6 m

AMANHÃ

NASCER ÁS 6.29
OCASO AS 20.38

Dia 10 Dia 18 Dia 26 Dia 1

EM "JACK, O ESTRIPADOR"

Ana Zanatti e Zita Duarte dirigidas por Carlos Avilez

Ana Zanatti e Zita Duarte serão as protagonistas da peça de teatro «A verdadeira história de Jack, o estripador», da autora francesa Isabelle Huppert, a levar à cena no final deste mês no cinema quarteto. A encenação da peça, cujos ensaios começaram há quinze dias, é da responsabilidade de Carlos Avilez e tem música original de Fernando Guerra.

«Logo que a Secretaria de Estado da Cultura nos deu um subsídio de cem contos para a realização deste espectáculo, começamos imediatamente a trabalhar nele — declaram à ANOP Ana Zanatti e Zita Duarte — pois há muito que queriamos actuar em conjunto em qualquer coisa de novo no panorama teatral português».

Aquelas duas actrizes explicaram ainda que o tema da peça é a «História de duas prostitutas, do abandono e da miséria em que vivem em Londres, na época de Jack, o estripador, e que fazem amor entre si devido à necessidade de carinho que procuram e não têm».

«Trata-se de uma peça muito profana. Até há uma missa para Jack, o estripador, que uma de nós imita, porque sente necessidade de matar» — acrescenta Ana Zanatti, que faz questão de sublinhar que «não queremos é que os homens venham aqui só para verem o aspecto da homossexualidade».

ESPANCADA PELA MÃE

Morreu Sandra Cristina

Faleceu a meio da madrugada de ontem a Sandra Cristina, de quatro anos, que há dias dera entrada no IHospital D. Estefânia. Tal como noticiámos na altura, a criança dera ali entrada com fortes traumatismos, entre os quais fractura do crânio, e nunca deixou de estar em estado de coma.

Sandra morreu vítima dos espancamentos da mãe, que viria a ser detida no próprio hospital, após a médica de serviço ter alertado a Polícia Judiciária.

A autópsia foi feita ainda esta manhã e o funeral está marcado para a tarde. Aguarda-se a conclusão do processo-crime contra a mãe de Sandra. Que morreu vítima de espancamentos. Aos qua -nos...

Dentes Postiços

que se soltam não necessitam causar vergonha.

Muitos portadores de dentaduras, postiças têm sofrido verdadeiros aborrecimentos, porque a placa caiu, soltou-se ou moveu-se justamente no momento menos indicado. Não viva no constante receio de que isto lhe possa acontecer. Polvilhe a sua placa apenas com um pouco de DENTOFIX. Ampara os dentes postiços mais firmemente, de modo que os mesmos proporcionam maior conforto. Não magoa. DENTOFIX elimina o mau hálito das dentaduras. Peça DENTOFIX em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 1.ª Vara

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Proc.º 9814

Pela 2.ª secção da 1.ª Vara Cível da comarca de Lisboa, correm éditos de trinta dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando a ré IBERAGRO-AGROTÉCNICA COMÉRCIO E INDÚSTRIA, L.ª, que teve a última sede conhecida na Travessa da Pereira, n.º 16-A, em Lisboa, para, no prazo de vinte dias, posterior ao dos éditos, contestar, querendo, o pedido feito nos autos de acção ordinária que lhe move Gel-Mar — Empresa Distribuidora de Produtos Alimentares, L.ª, pelos fundamentos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra patente nesta secção e, ainda, para dentro do mesmo prazo, contestar também, querendo, o pedido feito pela autora, para concessão do benefício da assistência judiciária.

Lisboa, 29 de Abril de 1977.

O Juiz Corregedor,
(Victor Manuel Leite Marreiros)
O Escrivão de Direito,
(Carlos da Costa Leitão)

A LUTUOSA DE PORTUGAL — A.S.M.

ÉDITOS DE 30 DIAS

AVENIDA DOS ALIADOS, 168 - PORTO

2.ª Publicação

De harmonia com o § 2.º do Art.º 20.º dos estatutos, são convocadas as pessoas que se julguem com direito ao subsídio deixado pelo Sócio n.º 21.164, Sr. João de Freitas Figueiredo Mascarenhas, que residiu na Rua Cândido dos Reis, 24, em S. Bartolomeu de Messines, e faleceu em 28 de Fevereiro de 1977, sem deixar testamento nem Declaração, a procederem à sua habilitação perante a Direcção desta Mutualidade.

Porto, 4 de Maio de 1977

O PRESIDENTE DA DIRECÇÃO
a) Custódio Augusto de Araujo Teixeira

Descubra Portugal viajando de comboio

NÃO SÃO SALDOS

SÃO VENDAS A PREÇOS DE OCASIÃO

Rádios c/ reprodutor e GIRA-DISCOS de sala e T.V. a preços sensacionais.

Rádios e Whiskys de todas as marcas a preços de sensação

FERREIRA ALVES & ALVES

Praça da Figueira, 11-3.º-Dt.º — Lisboa

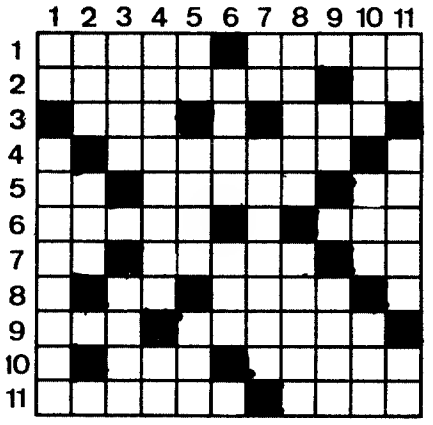
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11 738

HORIZONTAIS:

1 Covas pouco profundas e com água. Alcance.
2 Esbarrar. Amónio (s. q.).
3 Espádua. Tempo do verbo ser. Nobre.
4 Arejares.
5 Medida itinerária do Japão. Fitas. Nota musical.
6 Levar à toa. Amargura (fig.).
7 Pronome pessoal. Cidade da África ocidental, sobre o Níger. Apelido.
8 Bário (s. q.). Rezar.
9 Nome de homem. Poisas no mar (o avião).
10 Coragem. Bolsas.
11 Ecoaria. A escolha.



VERTICAIS:

1 Platina (s. q.). Cultivaras.
2 Rezo. Pau-ferro.
3 Lago de Itália. Artigo definido. Suíno.
4 Ancorara. Sufixo que designa estado.
5 Catedral. Espécie de gato bravo. Apelido.
6 Comer à cela. Bondoso.
7 Aqui. Trituraras.
8 Cidades. Marcar o peso da tara em.
9 Artigo definido. Casta.
10 Figura que simboliza o povo americano. Rente. Chiste.
11 Preposição. Nome de fruto. Pronome reflexo.

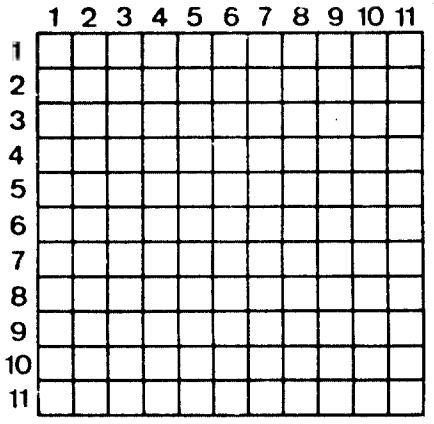
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7798

HORIZONTAIS:

1 Catedral. Em má hora (ant.). Apelido.
2 Pedra de altar. Ave pernalta. Mágoa.
3 Acreditas. Regaço.
4 Repetirias.
5 Freguesia do concelho do Seixal. Remara para trás.
6 Abala.
7 Pequena bigorna de aço sem hastes. Prefixo que designa ar. Reles.
8 Brisa. As duas juntas. Letra grega.
9 Soluço. Planta aceráceа.
10 Um dos Estados da Federação da Malásia. Para barlavento. Espaço de doze meses.
11 Preposição e artigo definido. Prendera. Érbio (s. q.).



VERTICAIS:

1 Feminino de sacro. Ilha pertencente à província de Macau.
2 Vaguelem. Jogo dianteiro das carretas de artilharia.
3 Cantor entre os gregos. Rio de Itália.
4 Bebida do Peru. Preposição e artigo.
5 Nota musical. Derrotem. Átomo.
6 Gostar muito de. Rola.
7 Mirrare. Assanha. Sufixo que designa estado.
8 Educa. Saudável.
9 Magoava. Cálcio (s. q.).
10 Deitar solas em. Imperatriz de Bizâncio morta no exílio.
11 Freguesia do concelho de Guimarães. Irmã.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 737

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Crinas Bara	1 CHORA Casca
2 Marotas	2 Cega Cora
3 Oc Opiar Mu	3 Im Sarna
4 Res Ata Soa	4 NÃO Ruarias
5 Agar OUEM	5 Arpa Mota
6 Arum Turi	6 Soito Cm
7 NÃO Aer	7 Taá Tal
8 Acarta Ramo	8 Bar Querias
9 Só Ia Girar	9 As Surrar
10 Croa Má	10 Moei MAMA
11 Aa Somos As	11 Acuam Noras

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7797

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Tessalónica	1 Tito Cai AS
2 Iriar Aires.	2 Era Previna
3 Tampa Camus	3 Simeão Acho
4 Eon Ura	4 Sapos Aos
6 Pás Ion	5 Aran Amas
7 Cró Aar Som	6 Má Ob
7 Ea Mm Ia Io	7 Oacu Ripa
8 Ivá Previ	8 Niari Armar
9 Iças Âmbar	9 Irmãos Be
10 Anho Dó	10 Céu Noivado
11 Sãos Barros	11 Assa Moiros

PROVÉRBIO: QUEM NÃO CHORA, NÃO MAMA.

farmácias de serviço

LISBOA

AÇOREANA — Largo Conde Barão, 2. Tel. 661330.
ALB — Rua Santana à Lapa, 156. Tel. 663562.
BRANQUINHO — Rua Sapadores, 87. Tel. 842725.
CONDESTÁVEL — Rua Coelho da Rocha, 119. Tel. 666206.
DILENA — Rua Aliança Operária, 49. Tel. 636620.
ESPERANÇA — R. Carlos Mardel, 101-B. Tel. 722868.
ESTADOS UNIDOS — Av. E. U. da América, 16-B. Tel. 725859.
c **FÁTIMA** — Av. 5 de Outubro, 147-A. Tel. 763107.
GÓIS, LDA. — Rua Silva Carvalho, 232-C. Tel. 650760.
LATINA — Av. António Augusto de Aguiar, 17-A. Tel. 42312
LAVINHA — R. Eng.º Paulo de Barros, 28-A. Tel. 708242.
LEAL DE MATOS — Rua Neves Costa, 33-35. Tel. 780181.
LUSITANA — Av. de Roma, 18-A. Tel. 725453.
MARLUZ — C.ª da Picheleira, 140-B-C. Telefs. 720703-728395.
MATOS VIEGAS — Av. Rainha D. Amélia, 34-B. Tel. 794174.
MORÃO — Rua da Assunção, 17-19. Tel. 321285.
NEOTERÁPIA — Campo Grande, 138. Tel. 774682.
NOVA LUZ — Rua D. Domingos Jardo, 28-A. Tel. 843439.
NOVAIS — Av. Luís Bivar, 11-13. Tel. 44324.
PALMA — Av. Duque de Ávila, 25-31. Tel. 547088.
PARIS — Rua Reinaldo Ferreira, 5-A. Tel. 890131.
PÁTRIA — C.ª dos Mestres, 30-A. Tel. 680627.
PROBIDADE — Rua Alcântara, 15-A-B. Tel. 638589.
ROMANA — Rua Actor Augusto de Melo, 7-A. Tel. 383800.
SACRAMENTO — Rua Actriz Palmira Bastos, lote 42, Tel. 384904.
S. TOMÉ — Estrada do Desvio, lote 12-C. Tel. 790704.
SOUSA — Estrada de Benfica, 429-431. Telefs. 780027-789985.
ZILER — Rua S. Tomé, 54-56. Tel. 862835.
ZIRA — P.ª Casas Novas, lote 66 (B.º Encarnação). Telefs. 311216-310172

PERMANENTE

CONDESTAVEL — Rua Coelho da Rocha, 119, Tel. 666206
SOUSA — Estr. de Benfica, 429-431. Tel. 780027-789985.
SOUSA — Estr. de Benfica, 429-431. Tel. 780027-789985.
LATINA — Av. António Augusto de Aguiar, 17-A. Tel. 42312.
MATOS VIEGAS — Av. Rainha D. Amélia, 34-B. Tel. 794174.
MORÃO — Rua Assunção, 17-19. Tel. 321289.
PALMA — Av. Duque de Ávila, 25-31. Tel. 547088
PROIBIDADE — Rua Alcântra, 15-A-B. Tel. 638589.
ZIRA — Praça Casas Novas, lote 66. (B.º Encarnação). Telefs. 311216-310172.
LUSITANA — Av. de Roma, 18-A. Tel. 725443.
GÓIS, LDA. SUCR. — Rua dos Anjos, 12-C-D. Tel. 840101.

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. Com. G. Guerra, 64 (Telf. 2112070).
ALCABIDECHE
Carvalho, Até às 21 horas.
PORTO SALVO
Ferreira Bastos. Até às 21 horas.
CARCAVELOS
Central. Até às 24 e das 0 às 9 horas.
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (Telf. 260085). Até às 21 horas.
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (Telf. 2435147). Até às 22 horas.
OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Telf. 2430485).
NOVA OEIRAS
Leal, Até às 21 horas.
PAREDE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (Telf. 2471785). Até às 24 e das 0 às 9 horas.
Junqueiro Mendes. Até às 21 horas.
AMOREIRA
Amoreira. (Telf. 262313-267314). Até às 22 horas.
MONTE ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (Telf. 260391). Até às 21 horas.
CASCAIS
F)!)
Nova, Est. de Alvide-Fontainhas (Telf. 281044). Até às 21 horas.
Marginal, Av. Marginal (Telf. 280078). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Igreja, P. da Igreja, 22-A (Telf. 937740). Serviço permanente.
Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120-Reboleira (Telf. 938424). Até às 22 horas.
Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (Telf. 932210). Até às 22
DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Telf. 971121).
MERCÊS
Claro Russo.
QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (Telf. 950045).
CACÉM
Guerra Rico-Agualva.
MEM MARTINS
Rodrigues Rato (telf. 2912038).
RIO DE MOURO
Riomouro, Av. Óscar Torres, 8 (Telf. 2960194).
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telf. 980456).
COLARES
Abreja (Telf. 299088).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telf. 234137).
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telf. 204250).
BAIXA DA BANHEIRA
Teixeira, B.º de Moçambique, 84-B (Telf. 2040946).
BARREIRO
Pimenta, R. Cons.º Joaquim António Aguiar, 259 (Telf. 2073012).
ALMADA
Central, R. de Olivença, 11 (Telf. 2750504).
COVA DA PIEDADE
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Telf. 2764466).
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telf. 239029).
MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Telf. 2310156).
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (Telf. 2233028).
SETÚBAL
Normal do Sul, P. do Bocage (Telf. 22216). Permanente.
Moreira Martins, P. D. Olga M. Sarmento, 14 (Telf. 26051). Até às 22 horas.
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Telf. 2218580).

PORTO

FOZ — Rua Senhora da Luz, 380. Foz. Tel. 680127.
ALÍRIO DE BARROS — Rua de Costa Cabral, 240. Tel. 480593.
MAGALHÃES — Rua de Serralves, 566. Tel. 63561.
NOVA DE MONSANTO — Rua de Monsanto, 148. Tel. 490889.
CORREIA — Praça Mousinho de Albuquerque, 78. Tel. 60869.
CORUJEIRA — Rua S. Roque da Lameira, 1473. Tel. 51928.
COUTO — Largo de S. Domingos, 106. Telfs. 25963-311965.
LUSO-FRANCESA — Rua Sá da Bandeira, 140. Tel. 26134.

(De dia e toda a noite)

LAPA — Rua Antero de Quental, 211. Tel. 480697.
GOMES CARNEIRO — Rua de Cedofeita, 348. Tel 23420.
CENTRAL — Rua de Santo António, 203. Tel. 21684.

COIMBRA

FERRAZ — Rua do Brasil, 70. Tel. 71526; **MACHADO** — Rua Bernardo de Albuquerque, Tel. 23767.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

BARRACA
R. Alexandre Herculano, 70
21.15 (13 anos)
«Barraca Contra Tiradentes»
ABC
20.30, 22.45 (18 anos)
«Em Águas de Bacalhau»
ÁDÓQUE
20.30. 22.30 (18 anos)
«A Paródia»
MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«O Bombo da Festa»
TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.30 (18 anos)
Os Cómicos «Matinée Mágica»
TRINDADE
21.30 (13 anos)
Grupo de Campolide «1383»
MONUMENTAL
21.30 (13 anos)
«Aqui Quem Manda Sou Eu»

LISBOA/Cinemas

EUROPA
21.15 (13 anos)
«Ben-Hur»
LUMIAR
21.30 (18 anos)
«Obrigado . Avó»
CINEARTE
21.15 (18 anos)
«O Dragão de Ouro»
PARIS
21.15 (18 anos)
«O Segredo Inquietante»
PROMOTORA
21 15 (14 anos)
«Amor de Mãe»
CAPITOLIO
21 00 (13 anos)
«Marylin e o Senador»
JARDIM
21.15 (13 anos)
«Tudo a Postos Nada em Ordem»
OLIMPIA
Ses permanentes (18 anos)
«Machissimo»
SATÉLITE
21.15 (13 anos)
«Pedido de Divórcio»
CINEBOLSO
21 30 (18 anos)
«Os Grandes Calores»
ROYAL
21.15 (18 anos)
«O Duelo das Águias»
MONUMENTAL
21 15 (18 anos)
«Os Bons e os Maus»
CALEIDOSCOPIO
21.15 (6 anos)
«Abbot, Costello e os Monstros»
VOX
21.15 (18 anos)
«Que Ricas Tias»
CINE AUDITÓRIO
21.15 (13 anos)
«A Mulher da Jamaica»
ARCO
21.30 (10 anos)
«O Extravagante dr. Dolittle»
RESTELO
21.30 (18 anos)
«S. Francisco Cidade Nua»

LINHA DE CASCAIS

ALGES
Stadium
21.30 (13 anos)
«O Colaboracionista»
PAÇO DE ARCOS
Chaplin
21.15 (18 anos)
«Harry o Vigarista»
PAREDE
Royal
21.15 (18 anos)
«Os Violinos do Baile»
CASCAIS
Oxford
16-21.15 (18 anos)
«Memórias Íntimas de Miss Aggie»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«A Agressão»
AMADORA
Lido
21.15 (6 anos)
«O Corsário Negro»
AMADORA
Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«Uma Mulher Sensual»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (18 anos)
«Os Viciados»
SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«A Última Mulher»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«No Calor de Júlia»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«O Campeão dos Boxeures»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (13 anos)
«O Homem que Matou Billy Kid»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21.30 (13 anos)
«Os Preços»
SÁ DA BANDEIRA
21.30 (13 anos)
«Desculpa ó Caetano»
SIND. DOS FERROVIÁRIOS
21.30 (13 anos)
Seivatrupe «Os Cornos de D. Gaita»

PORTO/Cinemas

BATALHA
21.15 (18 anos)
«Aquela Vermelha Manhã de Junho»
TRINDADE
21.15 (13 anos)
«Malone»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Partidas Dobradas»
ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«O Atentado»
COLISEU
21.15 (13 anos)
«Sofrimento de amor»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«O Caso Valachi»
ÁGUIA DE OURO
21 15 (13 anos)
O [illegible] N[illegible]gro
S. JOAO
21 00 (13 anos)
[illegible] fam[illegible]ção
VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«O Triunfo da Casta Susana
ESTÚDIO FOCO
21 15 (13 anos)
«Os Homens do Presidente»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«A Mulher criou o Amante»
SALA BÉBÉ
21.30 (13 anos)
«O Ás de Espadas»
PASSOS MANUEL
21.30 (13 anos)
«O Relojoeiro»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«O Intruso»

COIMBRA

GIL VICENTE
21 15 (13 anos)
«Jovens Leões»
S. TEOTONIO
21 15 (18 anos)
«O Homem da Sorte»
AVENIDA
21 15 (18 anos)
«O Mistério do Organismo»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Fantasia Azul»
SOUSA BASTOS
21.15 (18 anos)
«Dois Homens e uma Arma»

cinemas

ALVALADE
Tel. 897480 — 15.30. 18.30 e 21.15

Não acons. men. 13 anos
«AS NOVAS AVENTURAS DE TRADER HORN»
Um filme de Deza S. Badiyi

CASTIL
Tel. 630194 — Às 15, 17, 19, 21.15h

Tecnicolor
UM CASAL EM APUROS
Sydne Rome/António Salines
Um filme de
Pasquale Festa Campanile
Interd. m/ 18 anos

PATHÉ
Tel. 821933 — 14,15, 16,30, 18,45, 21.15

Int. men. 18 anos
OS PRAZERES DISCRETOS DA ALTA RODA

APOLO 70
Tel. 763319 — 14.15, 17.45 e 21.15

N. Acons. men 13 anos
BARRY LYNDON
11.ª Semana
um filme de Stanley Kubrick
As 0.30h - Grupo D. m. 18 anos
UM AMOR SIMPLES

CONDES
Tel. 322523

14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
Kalur Redi é
O CORSÁRIO NEGRO
5.ª semana

POLITEAMA
Tel. 326305 — 14.15, 16.30, 19 e 21.30

Int. men. 18 anos
O MAIS QUENTE ESPECTÁCULO DO MUNDO!
em 3.ª semana
O único circo sexy do Mundo

RESTELO
Tel. 610375 — Às 21.15

Não acons. men. 18 anos
em 9.ª semana
S. FRANCISCO CIDADE NUA

AVIS
Tel. 47163 — 15.30, 18.30 e 21.15

Para todos (M/6 anos)
MAS QUE TROPA!
Franco Franchi. Ciccio Ingrassia
2.ª semana

EDEN
Tel. 320768 — 14, 16,30, 19,00 e 21.15

Roy Scheider, Robert Shaw, Richard Dreyfuss
TUBARÃO
(JAWS)
7.ª semana
Um filme de Steven Spielberg
Não acons. a men. de 13 anos
Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

ROMA
Tel. 727778 — Estreia às 21.15

Não acons. m/ 13 anos
POR OBRA E GRAÇA
Uma comédia c/ Nuno Manfredi

BERNA
Tel. 776098

14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h
Nao acons. men. 13 anos
JESUS CRISTO SUPERSTAR
um filme de Norman Jewison

ESTÚDIO
Tel. 535134 — 15.30, 18.30 e 21.15

Int. men 18 anos
DIÁRIO DE UMA ADOLESCENTE
4.ª semana
um filme de Karl Karlsson

ROXY
Tel. 48560 — 14,15, 17.45, 21.15

Da India uma bela história de amor e aventura!
PASSADO INESQUECÍVEL
Um filme de Nasir Hosain
7.ª Semana
Não acons. a men. de 13 anos

CALEIDOSCÓPIO
Tel. 795093

14, 16,30, 19 21.15
Para todos
Clássicos do Cinema Americano
ABBOT, COSTELLO E OS MONSTROS
c/ Abbot e Costello

ESTÚDIO 444
Tel. 779095 — Estreia às 21.15

Não acons. men. 13 anos
IRONIA DA SORTE
Um filme de Eduardo Molinaro

S. JORGE
Tel. 554153/4 — 15.15, 18.15 e 21.15

Marlon Brando/ Jack Nicholson
3.ª Semana
DUELO NO MISSOURI
Um filme importante de Arthur Penn
Não acons. a men. de 18 anos

IMPÉRIO
Tel. 555134/5 — 15.15, 18.30 21.30

Não acons. m/ 13 anos
Gene Hackman/ Condice Bergen
DESAFIO À CORAGEM
3.ª semana
um filme de Richard Brooks

STADIUM (Algés)
Tel. 2112544 — 15 00 e 21.30

M/ 13 anos
O COLABORACIONISTA
Às 18. h.
A ÚNICA SAIDA
Guarda de crianças durante as sessões

LONDRES
Tel. 801313 — 14.15, 16.30, 19 e 21.15

O INTRUSO
c/Laura Antonelli
7.ª Semana
um filme de Lucino Visconti

TIVOLI
Tel. 570595 — 15.15, 18.30 e 21.15 h

1930-1950
Toda a magia de Hollywood no mais espectacular musical de sempre!
HOLLYWOOD HOLLYWOOD!
PARA TODOS

MUNDIAL
Tel. 538743 — 15.15, 18.15, 21.30

Int. a men. 18 anos
TAXI DRIVER
Palma de ouro - Grande Prémio Festival de Cannes
4.ª semana

UNIVERSAL
Tel. 774402 — 15, 18 e 21

CINEMA DO CINEMA SOCIALISTA
DE 6 A 10 DE MAIO INCLUSIVE
3 FILMES DIÁRIOS — DIFERENTES

NIMAS
Tel. 574362 — 14.15, 16.30 18.45 e 21.15

Não acons. men. 13 anos
Um documento único, real e importante
HOMENS E TUBARÕES
o filme de Bruno Vailati
À Meia-Noite
A BATALHA DAS ARDENAS
(Para m/ 10 anos)

D. JOÃO V — DAMAIA
Tel. 971794 — Às 21.15

Grupo D M/18 anos
ABUTRES NA CIDADE

ODEON
Tel. 326283 — 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. men. 18 anos
A MÃO IMPIEDOSA DA LEI
c/Philippe Leroy
Acção-romance e suspense
(colorido)

rádio

1º Programa

16.00 Noticiário - Musivária; **17.00** Música portuguesa; **18.00** Música variada; **18.10**: Hoje respondemos por música, p/ António Vitorino de Almeida - música variada; **19.00** Poemas e poetas - música variada; **20.00** «Jornal da noite»; **20.30** Melodias; **21.00** 10.º episódio do folhetim «os emigrados», de Judite Navarro; **21.12** «Contraponto»; **00.00** «Último jornal»; **00.30** Vozes na noite; **01.00** «Música na noite»

2.º Programa

16.10 Uma obra de Beethoven - Septeto, em mi bemol maior, op. 20; **16.55** Música de Dvorak - sinfonia n.º 8, em sol maior, op. 88; **17.32** Música sacra de Mozart - Requiem, em ré menor, K. 626; **18.30** «Música ao fim da tarde no teatro S. Luís»: **1.ª parte**: Sonata p/ violino e piano op. 105, de Schumann, **intervalo**: músicas em forma de antífona, de Gabrieli, **2.ª Parte**: Interpretações do grupo de música contemporânea de Lisboa; **20.00** Conjuntos de câmaras - concerto, em mi maior «L' Amoroso», de Vivaldi, concerto, em mi maior «Il Riposo», de Vivaldi, divertimento n.º 7, em sol maior, de Kaydn, trio, em si bemol maior, K. 498, de Mozart, **21.00** Programa pela orquestra sinfónica do Porto; **21.44** Trio-sonata, em dó maior, de Telemann; **22.00** Canções de Tchaikovsky; **22.30** O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; **23.00** Intercâmbio musical - Temporada de concertos da Radiodifusão-Televisão Húngara — sonata, em dó menor, p/ viola e piano, de Mendelssohn; **01.00** Fecho.

3.º Programa-Local
(187,5 m)

18.00 «Entardecer»; **18.15** Sal e pimenta (repetição); **19.10** Musical antigo; **20.15** Música e poesia; **21.00** Fecho.

4.º Programa-Emissão Total em Estereofonia

19.00 «Em órbitra»; **20.00** Programa da noite; **22.00** «Auditório»; **24.00** «Prima»; **02.00** Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário; **16.05** Sequência da Tarde; **18.08** Apelos; **18.15** Igreja em Notícia Palavra do Dia; **18.30** Transmissão do Terço da Igreja de S. João de Brito; **19.00** Programa da Liga dos Amigos de RR; **20.00** Objectivo; **20.53** Apelos; **21.05** Pentagrama; **21.30** Tríduo Preparatório para a Peregrinação a Fátima; **22.30** Temas Vivos; **23.05** Última Hora; **23.30** Dicionário de Economia; **23.55** Meditando. No final-Actualidade Internacional-Voz da América; **01.00** Rotação; **02.00** Encerramento da Estacão.

circular é viver

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.°, 2.°
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TECNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Mondale e Young avistam-se em Lisboa

O vice-presidente dos Estados Unidos, Walter Mondale, e o representante permanente daquele país, na ONU, Andrew Young avistar-se-ão em Lisboa, no próximo dia 14, durante a visita oficial que o primeiro efectuará ao nosso país.

A notícia sobre o encontro foi ontem divulgada em Washington e adianta que Young interromperá a visita que se encontra a fazer a diversos países africanos a fim de conferenciar com Mondale. O encontro decorrerá exactamente cinco dias antes da reunião que o vice-presidente americano terá em Viena com o primeiro-ministro sul-africano, John Vorster.

Young deixou ontem Washington para uma viagem que o conduzirá sucessivamente a Abidjan, Acra, Lagos e Maputo. Nesta última cidade, onde chegará já após a sua entrevista em Lisboa com Mondale, representará os EUA, na Conferência de Solidariedade com os povos do Zimbabwe e da Namíbia, organizada sobre a égide da ONU entre 16 e 21 do corrente.

Antecedendo imediatamente o seu encontro de Lisboa, o representante norte-americano nas Nações Unidas presidirá em Abidjan, a partir de hoje, a uma reunião dos embaixadores dos EUA em África.

A leitura do comunicado distribuído à população de Lisboa

"ABRIGO DE CHELAS"

Câmara cancela cedência de quatrocentos fogos

Associados do «Abrigo de Chelas» (Cooperativa Popular de Habitações Económicas) concentraram-se hoje junto dos Paços do Concelho, no intuito de serem recebidos pelo presidente da Câmara, eng. Aquilino Ribeiro e protestarem contra o despacho da Câmara de Lisboa que cancela a cedência de 408 fogos para a Cooperativa, concedidos por despacho do secretário de Estado da Habitação e Urbanismo.

A luta por estas casas desenvolve-se já há um ano. Fundada em 1975, a cooperativa tem 1460 associados na maioria da zona de Marvila, do «Bairro Chinês», o maior bairro de lata de Lisboa com cerca de quatro mil famílias.

A Câmara prometeu em Março de 1976, por escrito, terreno para 408 fogos a serem construídos pelo Fundo de Fomento de Habitação. Esta cedência ficou pendente do acordo do FFH, que acabou por se concretizar. Aceite a cedência, o secretário, de Estado da Habitação e Urbanismo confirma-a em oito de Novembro de 1976.

Tudo a andar sobre rodas, uma cooperativa de consumo que entretanto surgiu nos terrenos onde iriam ser construídos os 408 fogos, gastos mil contos, um despacho da Câmara Municipal de Lisboa, vem de súbito anular um despacho do Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo.

Passaram-se 13 meses desde o início das «démarches» dos associados da Cooperativa «Abrigo de Chelas». A Câmara anula assim uma promessa que fizera e vai contra o estabelecido num artigo do Código Administrativo que informa a Câmara só poder voltar a trás nas suas próprias decisões durante um período de três meses. Ora já são passados 13.

O problema que se levanta é que, enquanto a aquisição dos terrenos para as casas da cooperativa estava prometida por cedência directa, agora a posição da Câmara aponta para a aquisição através de concurso.

Registou-se, aliás, a CML já abriu uma excepção nesta sua posição ao ceder directamente terrenos a uma cooperativa de habitação de retornados, «A Casa É Sua».

FILHA DA REVOLUÇÃO
JOHN REED

O México e a revolta popular de Pancho Villa, a frente russa durante a Guerra de 14-18, a Broadway e a vida intensa que a rodeia, são outros tantos ambientes em que decorrem os contos que formam este magnífico livro do autor de OS DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO

AU
colecção
AUTORES UNIVERSAIS

LIVRARIA BERTRAND
1732-1977

Carter: paz e armamento

Continuação da pag. 1

troca, comprar-lhes poucas armas. Carter, que tanto fala de paz, prometeu fomentar um comércio transatlântico de armas, nos dois sentidos...

Pelo seu lado, o secretário-geral da Organização para o Tratado do Atlântico Norte, Joseph Luns, disse que este primeiro dia de trabalho será dedicado à «revisão da situação internacional e ao estado da Aliança Atlântica, mantida hoje como a concretização da nossa independência e o baluarte da nossa segurança colectica». Luns disse ainda que, amanhã, o trabalho dos ministros de Negócios Estrangeiros tratarão dos seguintes assuntos: preparar a reunião de Belgrado; estudar outras facetas das relações entre o Ocidente e o Leste e a situação no Médio Oriente. Ainda: fazer uma revisão do equipamento militar e considerar o que está a ser feito neste sentido, inclusive na construção de novas armas. Luns referiu-se também às divergências entre a Grécia e a Turquia.

O primeiro-ministro do Reino Unido James Callaghan que inaugurou esta manhã a cimeira da NATO, apelou para a União Soviética no sentido de gastar menos em auxílio militar e mais em ajuda económica.

Callaghan sugeriu ainda que os países da NATO e do Pacto de Varsóvia trocassem informações sobre a sua situação militar e clarificassem as suas intenções. Afirmou ainda o primeiro-ministro britânico: «A União Soviética devia saber que temos força e vontade para deter a agressão, mas também a autoconfiança para a cooperação genuína».

A cimeira, está a decorrer na Lancaster House, junto ao palácio de Buckingham e reune dois presidentes, doze primeiros-ministros e quinze ministros dos Negócios Estrangeiros. Países representados: Portugal, Estados Unidos, RFA, Bélgica, Canadá, Dinamarca, França, Grécia, Holanda, Islândia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Grã-Bretanha e Turquia.

Coligação desmentida a propósito de entrevista na BBC

Contactadas esta manhã pelo «DL» a propósito de uma entrevista concedida ontem à noite à Televisão britânica pela correspondente do «Financial Times» em Lisboa, individualidades ligadas ao Governo desmentiram que esteja iminente a formação de um Governo de coligação ou que o Partido Socialista tenha modificado a sua posição sobre este ponto.

No decorrer da entrevista que concedeu à Televisão, e que o Serviço Internacional da BBC transmitiu parcialmente hoje de manhã depois do noticiário das 8, Diana Smith disse que em Portugal se falava abertamente numa intervenção cada vez mais intensa do Presidente Ramalho Eanes na vida política portuguesa e que era bem possível que se viesse, dentro de pouco tempo, a formar um Governo de coligação sob os auspícios do Presidente da República.

Solnado na "Noite do Fado"

Raul Solnado, que este ano comemora as suas «bodas de prata» artísticas, estará presente na «Grande Noite do Fado», a realizar no próximo dia 20 no Coliseu dos Recreios.

Pela primeira vez não haverá competição entre os fadistas amadores, que tanta «guerra» acenderam em anteriores realizações, mas apenas um desfile de «candidatos» de diferentes bairros. Nos próximos dias serão divulgados nomes de fadistas profissuonais que ali vão actuar, dando o seu contributo para o espectáculo da Casa de Imprensa.

Para já o nome de Solnado. Ou alguns momentos de humor de um artista que pisa os palcos há 25 anos.

Seminário de Jornalismo

«A Economia e as Finanças» é o tema do colóquio que hoje tm lugar no Seminário de Jornalismo organizado pela Escola Superior de Meios de Comunicação Social. Estarão, além de Norberto Lopes, também Mário Martins Baptista, Rogério Fernandes, Francisco Sarfield, Cabral e Luís Penha e Costa. O colóquio na Avenida da República, 25, 1.º, às 21.30, é aberto a todos os interessados.

Último hidro português entregue ao Museu da Marinha

O último avião anfíbio da Extinta Aviação Naval foi entregue ao Museu da Marinha, que juntará assim, nas suas salas, o primeiro hidroavião que voou em Portugal e o último que o país adquiriu, para não falarmos do «Santa Cruz», em que Gago Coutinho e Sacadura Cabral concluíram a sua viagem histórica Lisboa-Rio de Janeiro.

A entrega do «Widgeon» ao Museu da Marinha só foi possível graças à colaboração da Força Aérea e, muito especialmente das Oficinas-Gerais de Alverca, onde o avião foi reestruturado duma forma exemplar.

Chegou bacalhau

AVEIRO, 10 — Com um carregamento de 10 mil quintais (10 milhões de quilos) de bacalhau, entrou hoje, na barra de Aveiro, o arrastão «Senhora do Mar».

O «Senhora do Mar» (com preciosa carga) procede dos mares da Terra Nova.

Por confirmar novo preço da batata

. Segundo uma notícia publicada ontem por um nosso colega da tarde, o Governo iria impor, a partir de 1 de Junho, a baixa do preço da batata para 8$00 ou, no máximo, 8$50.

A Direcção-Geral de Comércio Alimentar, contactada esta manhã pelo nosso jornal, informou que não tem quaisquer elementos que lhe permitam confirmar a notícia a que nos referimos. Entretanto o preço da batata mantém-se elevadíssimo, chegando a ultrapassar os 14$00 por quilo, enquanto se aguarda a confirmação oficial por parte das autoridades.

Sousa Gomes falou na Granja do Marquês

. O ministro do Plano e da Coordenação Económica, Sousa Gomes, esteve ontem na Base Aérea da Granja do Marquês, para fazer uma palestra ao Curso Superior de Guerra Aérea (da Escola Superior da Força Aérea) sobre a actual situação económica.

A palestra prolongou-se por parte de duas horas e integrou-se no plano de estudos do contexto nacional e internacional.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA EM FEVEREIRO: 46.233
(Hoje 28 páginas)

nota de rodapé

EUROCOMUNISMO

O termo «eurocomunismo» que tem tido, ultimamente, uma grande voga, segundo o jornal francês «Le Monde» (5-5-1977), teria sido forjado pelo jornalista Franc Barbieri, de origem jugoslava, colaborador de política estrangeira do jornal italiano do centro-direita «Il Giornale Nuovo» que se publica em Milão. (O «Jornal Novo» de Milão).

Posteriormente, distraidamente, a criação verbal de um jornalista foi transformada em conceito político. Assim se faz, e assim passa, a glória das palavras.

O CRAVO SUBVERSIVO

Cinco minutos antes de serem chamados para actuar no festival da Eurovisão, «Os Amigos» foram proibidos pela BBC de levarem cravos para o palco. Como não percebessem o ódio ou receio ou lá o que era da BBC aos cravos vermelhos, «Os Amigos» disseram: «Ou nos explicam porque não podemos levar os nossos cravos, ou terão de explicar a 500 milhões de telespectadores a razão de os representantes da RTP não actuarem».

Foi remédio santo. Os cravos deixaram de ser subversivos e puderam ser vistos no Eurofestival, na mão dos «Amigos». Amigos, amigos, cravos (ou negócios) à parte...

O MACHISMO E A GRALHA

Ao perguntarmos ontem nesta coluna o que se passava com o plano a médio-prazo, referimo-nos ao secretário de Estado do Planeamento como se fosse um homem (Manuel Silva), quando a verdade é que se trata de uma mulher (Manuela Silva). Não fizemos por machismo, como é óbvio, mas por gralha.

EXCLUSIVO

SUPLEMENTO

Síntese
da vida
internacional

Le Monde
Prensa Latina
Interpress
Novosti

N.º 14/77

Terça-feira, 10 de Maio de 1977

Argentina: O processo de um genocídio
Afeganistão: Em busca de uma República
Cuba: A institucionalização das forças armadas revolucionárias
Iemen Democrático: Quebrando cadeias ancestrais
Benin: Por que querem derrubar o Governo de Kereku

RODÉSIA

A ÚLTIMA CARTADA

□ Jean-Claude Pomonti

■ LE MONDE

1

UMA GUERRA CARA E SEM SOLUÇÃO

SALISBÚRIA — **«As forças de segurança não controlam na verdade a situação em parte alguma das zonas operacionais da Rodésia. Digo isto apesar de toda a propaganda em contrário feita pelo Estado.** Perante o tribunal que o condenou por não ter comunicado a presença de «terroristas» na sua diocese, monsenhor Donal Lamont, bispo católico de Umtali, continuou: **«O público rodesiano, em especial a população europeia, só conhece uma fracção das actividades nacionais através do país. Tudo o que as forças de segurança são capazes de fazer é dirigirem-se para um sector onde foi assinalada a presença de «terroristas», realizar aí operações punitivas, ficar lá durante algum tempo e depois ir para outro lado fazer o mesmo.**

A diocese católica de Umtali fica situada na fronteira de Moçambique. Numerosas missões, com as suas escolas e as suas clínicas estão isoladas no coração das Tribal Trust Lands (reservas africanas), por vezes a uma dezena de quilómetros do telefone e do posto de polícia mais próximos. Enquanto que os missionários sabem, em geral, aquilo que se prepara, as forças de segurança só têm contacto com redes de informadores africanos, compostas por **centenas de informadores pagos, gente disposta a trair, muitas vezes só para se vingar de inimigos pessoais,** segundo monsenhor Lamont.

A sobrevivência da Rodésia branca baseou-se sempre numa aposta, a fraqueza dos adversários. Desde o ano passado que tal aposta está em vias de se perder, talvez mais lentamente no plano militar do que nos outros, mas com a mesma segurança. As informações sobre as zonas de guerrilha são sempre filtradas pelas autoridades, mas os testemunhos multiplicam-se e acabam por ser concordantes. Em várias zonas fronteiriças de Moçambique, a guerrilha adquir força. Manifesta-se também no sudoeste do território, na fronteira com o Botswana. O Estado rodesiano já não possui meios humanos nem materiais de fazer frente à ameaça.

Salisbúria e os lugares de onde eu venho, é como o dia e a noite, diz-nos um Europeu que chegou das **reservas africanas** que se estendem, no Norte do país, sem descontinuidade, pela fronteira com Moçambique e o vale do Zambeze. A capital rodesiana é, com efeito, uma pequena ilha de tranquilidade, sem atentados nem manifestações de rua, e ali a vida continua a ter um ritmo provinciano. Mas fora dela, foram, por exemplo, massacrados os dois assistentes negros de um chefe de distrito europeu, e, noutro distrito, o exército abandonou dois postos, não devido a ataques mas por falta de gente.

UMA MAIOR EMIGRAÇÃO

Na mesma região, as campanhas de luta contra flagelos como a malária como a mosca tsé-tsé foram interrompidas. A população africana tem agora grande dificuldade em comprar alimentos e outros artigos necessários, porque os camionistas se recusam a meter por caminhos por vezes minados. Muitas «aldeias protegidas» tiveram de ser destruídas e abandonadas, dirigindo-se os seus habitantes para centros de reagrupamento mais amplos. Como controlar, com vinte mil homens fardados, um território do tamanho de três quartos da França e com uma população de mais de seis milhões de africanos?

A chamada de militares europeus na reserva, inclusive

Bispo Lamont

homens entre os trinta e oito e os cinquenta anos, põe sérios problemas. Um deles, um director de empresa, dizia-nos: **Fiz um período de serviço militar em 1975, dois em 1976 e mais dois este ano.** Embora o Governo se esforce por organizar o melhor possível estas ausências, os meios de negócios protestam. O ministro

(2)

CHINA / # O XI CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA REALIZAR-SE-Á ANTES DO FIM DO ANO

■ LE MONDE

PEQUIM — O décimo primeiro congresso do Partido Comunista Chinês realizar-se-á antes do fim do ano, diz-se em Pequim. Não parece que a data exacta da sua convocação já tenha sido fixada, mas é possível que se efectue nos últimos meses de 1977.

Devem preceder o congresso duas operações importantes na vida do partido. Haverá, em primeiro lugar, uma sessão plenária do comité central, chamada a solucionar vários problemas «organizativos» que foram consequência da crise de Outubro, e, em especial, o caso de Teng Hsiao-Ping. Este último, indica-se nos meios bem informados, achar-se-ia este processo preferível a uma decisão tomada no círculo restrito do Secretariado Político, para a reinstalar nas funções de que tinha sido destituído a 7 de Abril de 1976. As fontes chinesas recusam-se actualmente a dar qualquer indicação sobre a data em que o antigo vice-primeiro-ministro será reintegrado nos órgãos do poder. Limitam-se a confirmar que tal reintegração se efectuará em princípio e ainda «este ano».

A reunião do congresso deveria, por outro lado, ser precedida pelo «movimento de consolidação do partido e de rectificação do estilo de trabalho em todo o partido», anunciado por Hua Kuo-Feng no seu discurso de 25 de Dezembro, durante a Conferência Nacional da Agricultura. O presidente do PC indicara então que este movimento seria lançado em 1977, «em momento oportuno». Sabe-se hoje que ele se dará durante o segundo semestre e terá sem dúvida, início em pleno Verão. Isto foi confirmado, a 18 de Abril, por um artigo do «Quotidiano do Povo», que anunciava que as «organizaçoes do partido deveriam iniciar desde já os preparativos para tal reorganização». O mesmo artigo acusáva os membros do «bando dos quatro» de haver recrutado membros do partido e feito várias promoções «em função de interesses privados», e sublinhava a necessária «reunificação ideológica» do partido. Acrescentou em todo o caso: «Na base da educação ideológica devemos proceder à depuração dos nossos efectivos, com uma seriedade firme e prudente». Parece lógico que tal operação seja efectuada antes da designação dos delegados ao décimo primeiro congresso.

O décimo congresso do PC reuniu-se entre 24 e 28 de Agosto de 1973. ●

RODÉSIA

A ÚLTIMA CARTADA

1

responsável teve de pedir a demissão no mês de Fevereiro

O seu sucessor fez uma advertência às empresas que não colaboram e despedem empregados que foram chamados pelo exército ou pela polícia, embora assegurando que se trata de **casos isolados. Os nossos filhos combatem porque sentem que os seus lugares são tomados por africanos**, preocupa-se um leitor do **Rhodesia Herald** exigindo que esses lugares sejam provisóriamente confiados a Europeias sem trabalho ou reformadas. Mas, ou por falta de brancos ou por antecipação perante acontecimentos que consideram inevitáveis, as sociedades africanizam o pessoal.

Com efeito a reserva de trabalhadores e de soldados europeus vai-se reduzindo. Nos últimos meses aumentou a emigração. Em Janeiro de 1977 registaram-se 1414 saídas de Europeus. No mês de Dezembro tinham saído 1158. Em 1976, mesmo contando com as entradas, a comunidade europeia perdeu 7072 membros, enre eles 46 médicos, 98 engenheiros, 85 professores e 290 administradores. A comunidade é hoje de umas 250.000 pessoas, incluindo os 10.000 refugiados portugueses de Angola e de Moçambique.

Ora, a partida de um só médico, por exemplo, pode ter repercussões nos estudos universitários, no controlo médico e nos cuidados a ter nas **reservas africanas**, no moral da mãe de família europeia. Um alto funcionário, o doutor Eric Burnett Smith, falava recentemente de uma **cruel falta de médicos na universidade e na administração.** E acrescentava: **Os anestesistas são difíceis de encontrar. Os pediatras, radiologistas e radioterapeutas já não vêm para cá. Há muito que o Governo tem dificuldade em substituir os seus delegados médicos no campo. A situação é sèria mas não trágica**, acabaria por concluir.

O CANSAÇO DOS MEIOS DE NEGÓCIOS

A confiança dos Europeus depende muito da situação da economia. De 1968 a 1974 a taxa de expansão foi bastante boa, da ordem dos 8,5 por cento ao ano. **Em 1975 o crescimento foi ligeiramente negativo. No ano passado foi nulo. Este ano deveria aumentar um pouco devido ao relançamento das produções agrícolas e mineira**, explica-nos Ian Hume, director da **Whitsun Foundation.** Acrescenta no entanto **que o número de novos empregos criados anualmente é inferior em metade ao número de jovens que entram no mercado do trabalho, e que os 10 por cento de assalariados europeus embolsam 58 por cento do total dos salários pagos.**

O custo da guerra — que este ano aumentou 20 por cento — evou o Governo a aumentar, a 24 de Fevereiro os impostos directos em 10 por cento e os indirectos em 20 por cento. Os meios dos negócios consideram os novos encargos **suportáveis**. Acham, porém, necessário chegar a uma solução política. Não poderemos continuar a suportar tudo isto, diria o presidente da Associação das câmaras de comércio da Rodésia, Mike Daffy, **se os dirigentes políticos não procurarem, por seu lado, imediata e honestamente, uma solução.**

Os Europeus mais intransigentes encontram-se entre os seis mil agrários e os jovens chamados a funções militares de patrulha e defesa de postos isolados, e que essa situação endureceu.

Nos bares de Salisbúria, onde nunca se bebeu tanto álcool como agora, fala-se frequentemente de **tudo ou nada.** Os **heróis** desta guerra são os Sellous Scouts, unidades de elite multinacionais, encarregadas de missões perigosas como acções de comando contra as bases de rectaguarda da guerrilha, em Moçambique. Em certos meios há um autêntico delírio guerreiro. Em fins de 1976 as metralhadoras de fabrico israeliano estavam na moda. Uma jovem pediu a um parente de viagem à Europa que lhe trouxesse **um punhal que não brilhasse de noite,** para dar ao seu «boy-friend», chamado para fazer o serviço militar.

Mas os problemas práticos

são mais pesados. **Em Novembro passado os homens de negócios conservavam velas acesas dia e noite para que a conferência de Genebra fosse um êxito,** diz-nos uma testemunha. No princípio de Março, Robert Anderson, presidente de um partido europeu moderado, o Rhodesia Party, confirmou que se preparava para emigrar para a Nova Zelândia.

Não tenho confiança na Frente rodesiana e penso no futuro dos meus filhos, disse ele. Algumas famílias europeias já compraram **roulottes** e acumulam provisões para a eventualidade de uma partida precipitada. Como não podem exportar os seus capitais, os rodesianos gastam-nos. O preço das pedras preciosas deu um salto. Há uma ano os Europeus que interrogámos raramente sabiam se iam ficar ou partir Muitos mudaram de opinião e perguntam **quando** devem ir-se embora.

Hesitações e confusão

Uma tal situação favorece as hesitações e a confusão. Em Salisbúria há centenas de casas à venda ou para alugar. No entanto, um médico que pretendia vender a sua, teve a surpresa de receber num domingo duzentos interessados.

Não fez, porém, negócio com nenhum. O anúncio feito por Smith, de uma primeira mudança nas leis sobre a discriminação racial, parece ter suscitado menos agitação na comunidade europeia, do que o aumento de impostos que viria a lume no dia seguinte.

Embora cada vez se vejam mais uniformes de militares em licença, Salisbúria não parece uma cidade na retaguarda de uma guerra. No entanto, cada dia se sente mais o peso dessa mesma guerra. As autoridades só comunicam os nomes dos combatentes mortos. mas não revelam os dos feridos. Como em todos os conflitos deste tipo calcula-se que há, por cada morto, três feridos graves. Estas perdas não passam despercebidas na comunidade europeia. De dois em dois ou de três em três dias a Imprensa e a Televisão falam de **raptos** de alunos africanos, nas escolas das missões. Em Março, na fronteira de Moçambique, vinte e cinco mil alunos africanos não se apresentaram nas escolas, no dia do início das aulas. Voluntários ou não, tais desaparecimentos significam que centenas de jovens chegam todos os meses aos campos de treino de guerrilha instalados em Moçambique e na Zâmbia. O movimento têm-se acelerado desde o princípio do ano e o reservatório é inesgotável.

No princípio de Fevereiro, sete missionários católicos europeus foram assassinados na missão de São Paulo, a uns cinquenta quilómetros de Salisbúria. Os Europeus alarmam-se ao verificar que as investigações feitas pelas forças de segurança nada conseguiram e nenhum dos assassinos foi encontrado. Um mês depois a Polícia suspeitou de que o mesmo grupo de «terroristas» era responsável por um «raid» sobre uma herdade europeia situada a trinta quilómetros, e durante o qual morreram um casal e uma filha de doze anos. Isto confirma que a rede de informadores do governo funciona menos bem do que no passado, e que a guerrilha recruta com impunidade. A máquina, dantes muito bem oleada, começa a ranger. Smith não ignora tal facto. ●

No próximo «Exclusivo»:
Pouco demais, tarde demais (conclusão)

INDONÉSIA

37 000 OU 100 000 PRESOS POLÍTICOS?

■ **Le Monde**

Quantos presos políticos haverá na Indonésia? Desde as prisões em massa e dos massacres que se deram logo após a chegada ao poder dos militares, a 30 de Setembro de 1965, ninguém, nem mesmo as autoridades indonésias parece capaz de fornecer listas e um número exacto. Serão trinta e sete mil, como declara Jacarta, ou cem mil como afirma a Amnesty Internacional?

Segundo fontes oficiais, só oitocentos foram julgados, e todos eles pertenciam à categoria «A», a dos «comunistas», os mais comprometidos. Os «B», «suspeitos de comunismo» mas contra os quais não há nenhuma prova, são os mais numerosos. De momento não se fala em julgá-los nem em libertá-los. «Protegem-nos» da cólera popular ao mesmo tempo que deixam de se preocupar com aquilo a que chamam (os oficiais) «um espinho no pé da comunidade nacional».

Presidente Suharto

Também há prisioneiros «C», ainda menos comprometidos. A maioria deles foram postos em liberdade, alguns voltaram a ter direitos cívicos, mas é-lhes difícil reinserir-se na comunidade e arranjar trabalho. Por exemplo, durante a campanha eleitoral é proibido convidar para reuniões amigos «C». mesmo que estes tenham direito de voto!

Ao ritmo actual ainda serão necessárias dezenas de anos para que os «A» sejam julgados e que os «B» sejam libertados. E que a «libertação» destes últimos não seja uma deportação, como foi o caso de mil detidos, enviados desde 1969 para a ilha insalubre de Buru, onde as famílias se lhes podem juntar.

Desde 1965, muitos outros indonésios tomaram o caminho das prisões. Muitos deles tinham sido, na origem, partidários do actual regime, como os estudantes presos por se terem manifestado contra as estreitas ligações com os japoneses, ou os muçulmanos acusados de uma conjura a favor de um Estado Islâmico. Aos generais cuja fidelidade não inspira grande confiança, é, no entanto, dada uma embaixada que fique bem longe.

Apesar da sua fachada de liberalismo, o regime governa com mão de ferro. Todo e qualquer habitante que deseja sair de casa durante algum tempo tem de obter uma autorização das autoridades locais e da polícia, autorização essa que terá de ser visada à partida e quando regressa. Para obter um emprego é constantemente exigido aos que eram adultos por altura dos acontecimentos de 1965, um certificado de «não implicação no golpe de Estado comunista». ●

A COMISSÃO DOS DIREITOS DO HOMEM FAZ O PROCESSO DE UM GENOCÍDIO

A Comissão Argentina dos Direitos do Homem (Cadhu) deu em Paris, a 20 de Abril, uma conferência de Imprensa, para apresentação do livro «Processo de um genocídio», que acaba de ser editado em Espanha. A obra, um requisitório contra o governo que surgiu do golpe militar de 24 de Março de 1976, tenta reunir as informações recolhidas sobre a vaga de repressões que desde então se abateu sobre o povo argentino. Numa primeira parte expõe o quadro jurídico da política repressiva do regime militar; na segunda, intitulada «O terrorismo de Estado», a obra mostra como este regime, não contente com violar os direitos do homem, vai contra leis que ele próprio fez.

Prisões arbitrárias, detenções sem julgamento, torturas, sequestros, execuções sumárias e por vezes em massa o inferno argentino é bem conhecido. Abusos? Excessos? Não, respondem os autores da obra: «Trata-se de uma política deliberada, de um verdadeiro genocídio, pior do que o perpetrado pela junta chilena após a morte de Allende». Apaixonado, por vezes parcial, o «Processo de um genocídio» é uma obra de militantes que não se escondem. «Este livro foi escrito com o sangue e a dor do nosso povo, numa linguagem dura e crua», disse Gustavo Roca, um advogado de Cordoba, à guisa de apresentação.

Na Argentina, a Cadhu opera na clandestinidade. Alguns dos seus membros foram presos e assassinados: Mario Hernandez, Roberto Sinigaglia, Mario Amaya, etc. Os que desenvolvem a sua actividade no estrangeiro também foram vítimas da repressão. O consultório de advogados de Roca e Julio Garzon Maceda, em Cordoba, foi pilhado e incendiado pelo exército e as suas casas foram dinamitadas. Outro advogado, Duhalde, perdeu os direitos cívicos. Outro ainda, Roberto Guevara, irmão do «Che», foi ameaçado de morte. Os seus testemunhos são ouvidos: eles depuseram perante a subcomissão dos assuntos internacionais no Congresso americano, e perante a Subcomissão dos Direitos do Homem da Organização das Nações Unidas. É também este o caso de Eurique Erro, de nacionalidade uruguaia, antigo senador e antigo ministro, que deu o seu testemunho, durante a conferência de Imprensa, sobre o «horror das prisões da ditadura». Refugiado na Argentina após o encerramento, em Julho de 1973, do Parlamento uruguaio, Erro, que tinha asilo político, foi preso a 7 de Março de 1975, em Buenos Aires, e mantido quase dois anos na prisão sem culpa formada. Encarcerado primeiro em Villa Devoto, na capital argentina, seria depois transferido para a penitenciária de Rawson, na Patagónia, e mais tarde para a de Resistência, no Chaco, a três mil quilómetros a norte, de novo para Villa Devoto, e, pela segunda vez para Rawson. O antigo parlamentar confirmou aquilo que já se sabia sobre transferências de prisioneiros, durante as quais são espancados pelos militares.

«Em Rawson», conta Erro, «éramos quatro numa cela de 120 contímetros por 60. A temperatura descia por vezes abaixo de zero. Chegávamo-nos uns aos outros para nos aquecermos. Os carcereiros deixavam-nos ir às retretes de oito em oito ou de dez em dez horas. E aproveitavam a ocasião para nos injuriar, para nos espancar, para nos ameaçar».

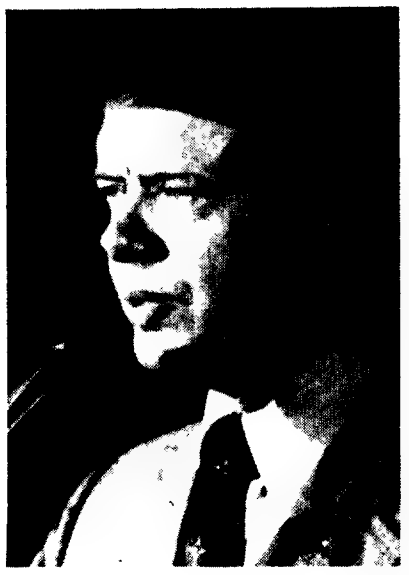
Estar preso nem sempre é uma garantia de sobrevivência. O advogado Guevara mostrou-se receoso pela vida de Amilcar Santucho, irmão do antigo chefe do ERP (Exército Revolucionário do Povo). Preso desde 1975 numa esquadra de Assunção, no Paraguai, Amilcar Santucho poderia, segundo Guevara, ter sido entregue às autoridades argentinas.

Roca referiu-se ao caso de um jovem francês, Gerard Guillemot, preso em Condoba a 18 de Março de 1974, e a quem defendera. Condenado a uma pena de prisão, esse jovem, actualmente na cadeia de La Plata, em Buenos Aires, faz parte, segundo o advogado argentino, «de um grupo de quarenta presos considerados como reféns e ameaçados de morte».

Guillemot é um dos vinte cidadãos franceses encarcerados na Argentina ou dados como desaparecidos. A embaixada de França em Buenos Aires não diz nada de concreto a este respeito. Jean Domergue deu a conhecer, durante a conferência de Imprensa, uma lista de treze emigrantes franceses — três dos quais têm também a nacionalidade argentina. Entre eles figura o próprio filho de Domergue, Yves, preso a 20 de Setembro de 1976 em Rosário, e de quem nada se sabe desde essa data. ●

O INTERESSE GERAL

■ **Le Monde**



Ao hesitar entre o liberalismo e o estrito controlo, principalmente no que diz respeito ao preço do petróleo, o plano energético de Carter, arrisca-se, tal como os dos seus predecessores, a não conseguir a unanimidade no Congresso americano. Zarb, responsável pelos problemas da energia no Governo de Ford, já declarou que não via nenhuma diferença entre o seu próprio programa — rejeitado pelo Congresso — e o do novo Governo.

Este plano seria, pelo contrário, favoravelmente acolhido no estrangeiro. Tanto mais que o presidente teve o cuidado de tratar separadamente da sua política de energia nuclear que, essa, é muito contestada. Em Paris, o porta-voz do Eliseu quis sublinhar «a enorme importância» das propostas da Casa Branca. O presidente das Comunidades Europeias, Roy Jenkins, trouxe o apoio da CEE aos esforços assim feitos para economizar energia.

O paradoxo vem principalmente do carácter tardio destas medidas. Só os Estados Unidos consomem metade da energia gasta nos países da OCDE. Desde que Kissinger criou, para se opor à acção dos países exportadores de petróleo, a Agência Internacional da Energia, esta não deixa de repetir que, aumentando a sua produção de carvão e regulando a sua produção de produtos energéticos, os Estados Unidos podem realizar 55 por cento das economias possíveis para o conjunto dos países industrializados.

Estes países deveriam pois dizer: «Enfim!». Porque as importações de petróleo, tornadas necessárias pelo deixar-correr americano (dez milhões de barris por dia há já vários anos, mais, enfim, do que as exportações da Arábia Saudita) pesaram fortemente no mercado. Reduzir as necessidades americanas a metade significa diminuir as tensões sobre os preços. Orientação tanto mais necessária quanto o equilíbrio entre as extracções de «bruto» e a procura de petróleo, já poderia ser precário em 1958, se até lá não forem tomadas medidas pelos países industrializados.

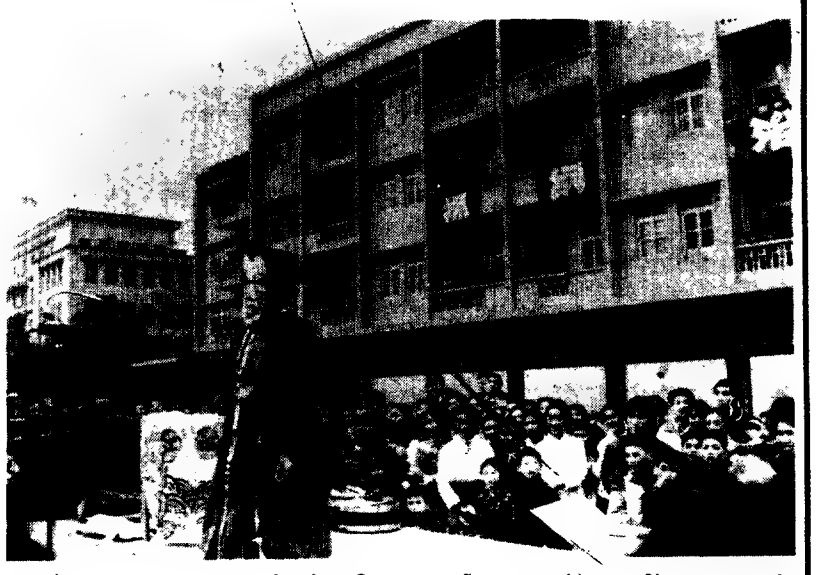
Os países membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) que parecem indirectamente visados por este plano, também não deveriam queixar-se. Há menos de duas semanas o xeque Iamani prevenia Washington de que em menos de cinco anos era possível haver uma penúria de petróleo se os Estados Unidos não fizessem uma política de economia de energia. E já não têm conta os países produtores que se queixam da má utilização do ouro negro, e da necessidade que têm de o extrair a um ritmo acelerado, a fim de fazer face aos gastos exagerados dos países industriais.

As decisões tomadas pelo presidente Carter — que, de resto, não terão consequências antes de alguns anos, e não deveriam reduzir sensivelmente o actual nível da produção — vão pois ao encontro dos desejos dos países produtores. A vontade que o presidente tem de aproximar os preços internos americanos do petróleo, dos preços mundiais, é, para mais, uma maneira de consolidar as subidas do «bruto» decididas pela OPEP, e reconhecer que o tempo da energia barata acabou.

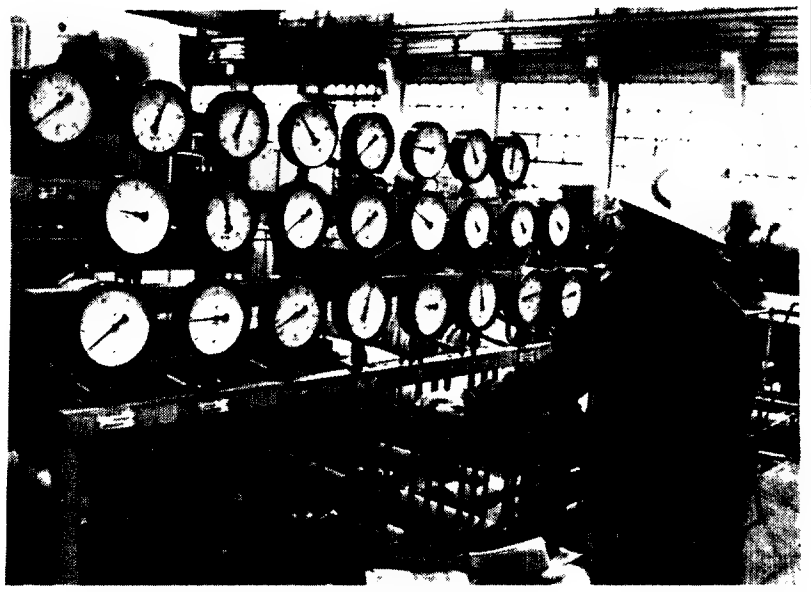
Ela também pode interpretar-se como o sinal de que, para o presidente americano, os preços do petróleo atingiram agora o seu nível «tolerável». Nisto, Carter não se mostra o bom samaritano da economia mundial. Ele surge como um homem político realista. ●

Arte de intervenção, o teatro ocupa um papel de relevo na República Democrática Alemã. Autores dramáticos que nos seus países de origem não conseguem vencer as barreiras da censura, encontram nos palcos e nas assistências da RDA um acolhimento caloroso. É o caso do sul-africano, Athol Fugard, que no ano passado viu quatro das suas peças (verdadeiros textos de combate contra a opressão dos povos africanos) representadas com grande êxito em vários pontos do território da RDA. Autores brasileiros, como Augustin Cuzzani, Guilherme Figueiredo e Gianfrancesco Guarnieri foram representados inúmeras vezes. A única peça teatral de Pablo Neruda, «Esplendor e Glória de Joaquim Murieta», foi levada ao palco cinco vezes entre 1974 e 1976. Autores chilenos, colombianos, mexicanos, peruanos e espanhóis têm sido revelados ao público da RDA. Os organismos teatrais organizam, além disso, movimentos de solidariedade para com os diversos povos oprimidos pelo facismo, colonialismo e imperialismo. Depois do golpe do Chile, vários artistas chilenos encontraram uma segunda pátria na RDA. Foi o caso do «Teatro Lautaro», que actualmente tem a sua sede na cidade de Rostock, onde recebe todas as facilidades concedidas aos agrupamentos nacionais. Actualmente o grupo está a exibir a peça «Margarita Naranjo», apresentado-se em palcos da RDA e de vários países estrangeiros. Na foto: uma cena da «Margarita Naranjo».

FOTO EXCLUSIVO



A guerra contra o «Bando dos Quatro» não tem tréguas. Numa rua de Xangai, cidade de onde são originários, uma criança desempenha o papel de Chiang Ching, a viúva de Mao Tsé-tung,, numa peça de teatro montada ao ar livre. A julgar pela máscara e pelos dizeres que traz ao pescoço, «Chiang Ching», não estará num papel dos mais abonatórios...



Foi posto em funcionamento na Central Termoeléctrica de Moscovo n.º 23 o bloco energético n.º 5, com uma potência de 250 milhares de kilowhatts. A produção dessas potentes unidades è realizada na Fábrica de Motores de Turbinas dos Urais, na região de Sverdlovsk. As bases para o sistema central de aquecimento foram lançadas no Plano COERLO, o Plano Estatal de Electrificação, elaborado durante os primeiros anos do Poder dos sovietes por iniciativa, e com a participação directa, de V.I. Lenin. Os consumidores começaram pela primeira vez a receber água quente de uma central eléctrica em 1924. O ulterior desenvolvimento da construção de grandes centrais termoeléctricas nos centros industriais do país deu resultados brillhantes. Actualmente, milhares de cidades e povoações dispõem de fornecimento central de energia térmica e de electricidade. São já do passado as paisagens urbanas com uma multidão de chaminés.

O AFEGANISTÃO EM BUSCA DE UM

Os acontecimentos narrados no artigo de «Le Monde» que a seguir publicamos ocorreram no dia 30 de Janeiro, quando a Assembleia foi convocada no Afeganistão para adoptar a primeira Constituição da República. Daí a 15 dias, Mahommed Daud era unanimente eleito presidente da nova República, prestando juramento perante os membros da «Loya Jirgah» (Grande Assembleia) que o haviam eleito. Ficou assim institucionalizado o novo regime afegã, inaugurado há três anos, desde que Daud derrubou a monarquia, expulsando do Poder o rei Zaher, seu primo.

□ Jean-Pierre Clerc

■ LE MONDE

KABUL — Nas grandes artérias da capital avança um cortejo, um tanto fantasmático, por entre borrascas de neve. Duas a três mil pessoas desfilam gritando sem excessiva convicção «slogans» em pashtoune: «Viva a República!» ou «Viva a Grande Assembleia!» Levam bandeirolas vermelhas que exaltam a «unidade nacional», e árvoram dezenas de exemplares do retrato florido de um homem calvo, de traços pesados. Esse retrato, que aparece em todos os lugares públicos e em todas as lojas do Afeganistão, e que parece vigiar as idas e vindas de toda a gente, é do «líder da revolução», o **sardav** (príncipe) Mohammed Daud, presidente da República há três anos e meio, depois de ter sido durante dez anos uma espécie de regente do reino.

O pequeno grupo de manifestantes é essencialmente composto por homens vestidos à moda ocidental. A multidão de curiosos que contempla o desfile, essa conta principalmente com homens que vestem os tradicionais **tchapan** (casaco) e turbante, e mulheres vestidas com o **tchadri**, veu negro ou azul-celeste que as esconde da cabeça aos pés. Aqueles que conhecem bem Kabul não se enganam: esses manifestantes transidos são essencialmente funcionários dos ministérios do Interior e das Finanças, que foram para a rua em serviço.

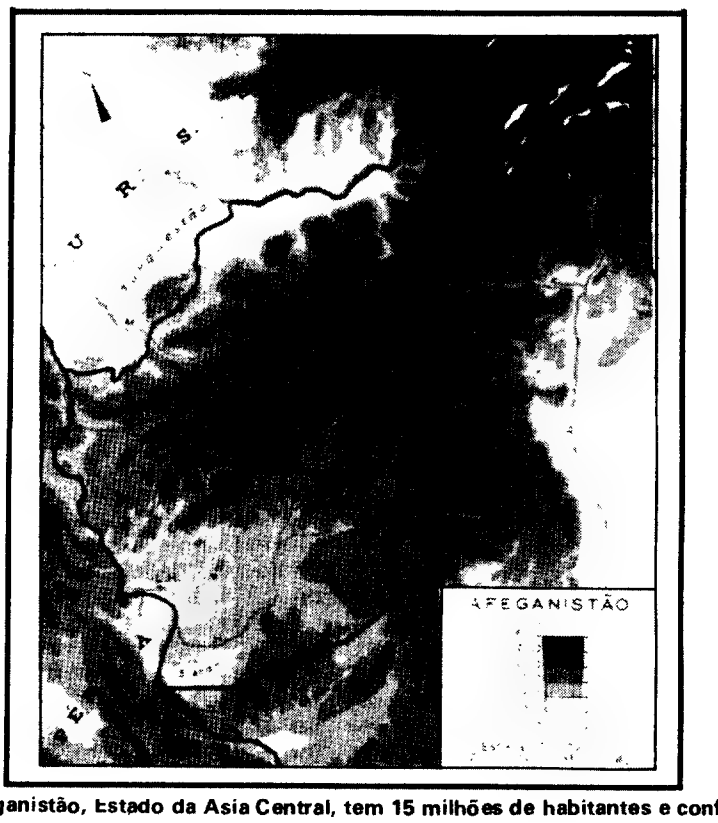
De súbito, quando o cortejo se desfaz, surge o chefe do Estado, de cabeça descoberta e chapéu na mão, num gesto espantosamente humilde. O homem forte do Afeganistão aperta as mãos que se lhe estendem, enquanto os manifestantes o ovacionam e lhe lançam pétalas de flores que se misturam aos flocos de neve, causando um belo efeito.

As manifestações provocadas pela «campanha» para a designação dos membros da Grande Assembleia não podiam ter um conteúdo político muito preciso. A poucos dias da sessão inaugural dessa **loya jirgah**, encarregada de aprovar a primeira Constituição republicana do Afeganistão, ainda ninguém podia dar a menor indicação sobre esse texto, elaborado no maior segredo durante meses, por uma comissão de vinte membros escolhidos pelo chefe de Estado. Nem mesmo se sabia quantos deputados teria a Assembleia.

Uma única certeza. Ao lado de uns trezentos e cinquenta deputados eleitos e de mais umas cinquenta personalidades — ministros, membros do comité central da revolução, membros dos Supremo Tribunal e do Comité de Redacção da Constituição, — encontrarm-se civis e militares designados pelo presidente da República e que participam nos Trabalhos da **loya jirgah**. Daud quis assim atenuar a incerteza que pesava na composição da Assembleia.

Incerteza relativa, em todo o caso. Com efeito, os representantes do povo não foram eleitos à maneira ocidental, mas designados por aclamações durante assembleias de vilas ou bairros. Em tais circunstâncias a notoriedade conta muito mais do que as opiniões. No plano ideológico isto não podia deixar de dar origem a uma assembleia fortemente conservadora impregnada de todas as **nuances** do espírito islâmico, por vezes progressista em certos deputados urbanos, mas, a maior parte das vezes, retrógrada.

O «líder da revolução», presidente Daud, terá procurado restabelecer o equilíbrio através de uma «injecção» maciça, na Assembleia, de militares e civis progressitas escolhidos por ele próprio? Embora a **loya jirgah** não seja de modo algum, na tradição histórica afegã, uma instituição de natureza democrática, o chefe do Estado não desejaria decerto dar o flanco às acusações de «manipulação» ou de «pseudoconsulta» que os adversários internos ou os observadores estrangeiros estavam decididos a fazer-lhe. Não seria a «democratização» do país, — com a luta contra a corrupção — um dos objectivos anunciados pela revolução de 17 de Julho de 1973? Daud foi levado à cena política por um punhado de jovens oficiais progressistas, alguns deles comunizantes, cuja conjura tivera um exito talvez demasiado fácil e que, não sabendo que fazer do Poder, o entregaram ao mais prestigioso dos militares do Afeganistão. Ora há vários meses que o novo homem forte do país começou a afastar os elementos mais avançados. Ministros, governadores e comandantes militares foram sendo obrigados a retirar-se, reformando-se antes de tempo ou aceitando uma embaixada bem longe.



O Afeganistão, Estado da Asia Central, tem 15 milhões de habitantes e confina com a URSS, Irão, Paquistão e China. Capital: Cabul.

No plano institucional, essa evolução manifestou-se bastante rapidamente, com o afastamento do misterioso Comité Central — espécie de conselho da revolução composto por doze jovens

composto por doze jovens oficiais — em proveito do governo, e, sobretudo, do presidente. Este, que acumula as funções de chefe do Estado e o governo, de ministro do Exército e dos Negócios Estrangeiros, dirige agora o país com uma equipa de conselheiros e de jovens ministros dos quais exige mais dedicação à sua pessoa do que atestados de progressismo.

Quer isto dizer que o presidente afega pos na prateleira um dos seus objectivos proclamados, que era o de fazer «reformas»? As poucas medidas importantes tomadas em 1974 e em 1975 — a nacionalização dos bancos e das companhias de seguros, reforma agrária — ficarão sem seguimento? Muitos observadores, pelo contrário, atribuem excelentes intenções ao chefe do Estado. Situam-no na linha dos monarcas que, no início do século, procuraram modernizar o país. Parece, no entanto, que as suas declarações, favoráveis a uma «economia socializante», tendem a espaçar-se e dão lugar a proclamações favoráveis a um progressismo «islâmico», susceptivel de cobrir as mais diversas mercadorias.

Daud — unanimemente reconhecido como político avisado e fino conhecedor da realidade do seu país — procura, sem se preocupar demasiadamente com dogmatismos, navegar entre os dois escolhos onde se desfizeram, à distância de meio século, dois chefes de Estado do Afeganistão: o «voluntarismo», que levou o rei Amanullah a saltar, entre 1919 e 1929, as etapas da reforma, pondo contra ele os meios tradicionalistas muçulmanos, e por fim todo o povo e o «imobilismo», que acabou por perder o bondoso Zaber Xá e, com ele, a monarquia.

Mudar tudo para tudo guardar

A monarquia mas não a família real! A queda do soberano, em 1973, foi quase unanimemente aplaudida pelos afegãos.

Mas teriam estes tido consciência de que o Poder era entregue a um homem «novo»? Sobrinho de Nader Xá, vencedor dos ingleses em 1919, duas vezes herói nacional, rei entre 1929 e 1933 e pai do soberano deposto em 1973; membro do clã pashtune dos Mohammedzai, que reinava desde 1836 no Afeganistão; antigo primeiro-ministro e, de certo modo, «regente» do país entre 1953 e 1963, poder-se-ia pensar que Mohammed Daud — que, sabia-se em Kabul, estava à espera da sua hora — se converteria sem pensamentos reservados à ideia republicana? O certo é que as pessoas da linhagem real conservaram, na sua generalidade, as posições que ocupavam antes do golpe de Estado; que o antigo soberano recebe, no seu exílio romano, um ordenado aparentemente confortável; e que há quem pense que o general Abdul Xá, preso por altura do golpe de Estado e liberto há alguns meses, tem muitas possibilidades de ser o sucessor de Daud. Zaher Xá é senhor de uma notável inteligência política, mas também é primo direito do antigo rei... e do actual presidente. No seu retiro italiano, Zaher Xá talvez medite na frase do «leopardo», do escritor Lampedusa: «Mudar tudo para guardar tudo!».

O apelido de «príncipe vermelho» dado a Daud, tivera como razao a sua política estrangeira, favorável a Moscovo entre 1953 e 1963. A conclusão em 1964, contra vontade de Kabul, do pacto militar de Bagdad, de que fazia parte o «inimigo hereditário paquistanês» e a recusa de Washington em modernizar o exército afegão, foram algumas das razões que então o levaram a afastar-se do rigoroso não alinhamento de que se dizia adepto, voltando-se para Moscovo.

A União Soviética não hesitara em responder ao convite, equipando o exército, construindo estradas e infra-estruturas de toda a espécie, oferecendo o seu auxílio na planificação económica e na prospecção geológica, mandando centenas de técnicos para o Afeganistão. Embora os chefes de governo que se sucederam em Kabul, entre 1963 e 1973 quisessem que o Ocidente — e principalmente os Estados Unidos e a Alemanha Federal — contribuissem para o desenvolvimento do país, o peso da presença soviética inquietava Daud,

CUBA A institu das forças arr

□ Andrés Escobar

■ PRENSA LATINA

Os postos de general e coronel foram reivindicados pela Revolução Cubana para as suas Forças Armadas, depois de durante vinte anos o posto de comandante ter sido o mais alto da hierarquia.

Desde o desembarque do iate «Granma», em 1956, o Exército Rebelde, organizado por Fidel Castro, utilizou um sistema de postos para os seus oficiais que só empreendida os de tenente-capitão, comandante.

Toda a campanha guerrilheira da Sierra Maestra foi dirigida por oficiais com esta graduação, cujas promoções eram estritamente reguladas pelos méritos pessoais nas acções de combate contra o exército de Batista.

O significado da derrota dos generais de Batista pelos comandantes guerrilheiros encabeçados por Fidel Castro, reflectiu-se no terreno militar, a nível internacional.

Numerosos movimentos revolucionários de todo o mundo utilizaram desde então a mesma organização hierárquica nas suas tropas.

MA REPÚBLICA

que continua a ser um nacionalista apesar das mudanças de regime. Daud esforça-se hoje por escapar à relativa «finlandização» do seu país, voltando-se para outro candidato à hegemonia nessa parte do continente asiático, o Irão. O presidente afegão obteve empréstimos **tão** importantes do Xá do Irão que Teerão suplantou Moscovo como capitalistas de Kabul.

Se se acrescentar a isto uma melhoria das relações, há muito tempo medíocres, entre o Afeganistão e o Paquistão, verificamos que o presidente Daud tem alguns êxitos no seu activo.

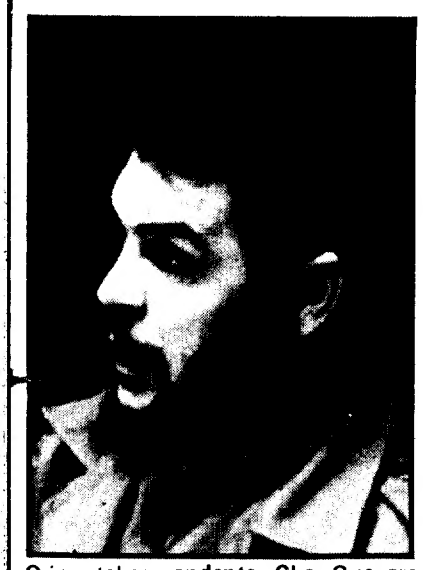
O rumor dos descontentamentos

Há alguns meses a moeda local foi revalorizada em 40 por cento em relação... ao dólar. Será o ter feito do afghani a divisa... mais forte do mundo, que dá a Daud a certeza de que goza da confiança dos seus concidadãos? O afluxo das ajudas estrangeiras, muito para além daquilo que o país pode absorver; os envios de fundos de quase um milhão de trabalhadores do Afeganistão emigrados — sobretudo no Irão, mas também no Golfo, no Paquistão e na Índia; os excedentes da balança de contas e, por fim, os benefícios, menos confessáveis, que vale ao país o tráfico da papoila para as nações vizinhas. Tudo isto são fontes de enriquecimento para o Afeganistão.

Mas a prosperidade do país não é necessariamente a dos seus habitantes. O Afeganistão faz parte das vinte e cinco nações mais pobres do mundo; e o rendimento anual médio é calculado em 80 dolares por pessoa. Quatro anos sucessivos de boas colheitas afastaram, de certo modo, o espectro da fome, neste país que se manteve camponês numa percentagem de 80 por cento. Mas aqui todos sabem que um Inverno sem neve ou uma Primavera sem chuva provocaria uma catástrofe comparável à de 1972. Ora pouco se fez, desde há três anos e meio, quando a República foi instaurada para melhorar a sorte do povo do Afeganistão. Kabul moderniza-se mas as superfícies irrigadas desenvolvem-se pouco. A rede de estradas asfaltadas aumenta, mas não foi criado nenhum emprego industrial. Este regime, tal como o precedente, parece hesitar em dar o empurrão que faria com que o Afeganista o saísse definitivamente do seu torpor quase medieval. Prudência sabedora, quase nos sentimos tentados a dizer. Eis um país sem bairros de lata, sem mendigos, sem a deplorável «marginalização» e sem aquela ostentação de consumo dos ricos que são geralmente o quinhão dos países lançados num desenvolvimento demasiado rápido. Eis um país onde a sociedade tradicional, paternalista, protege, relativamente, os mais fracos...

O presidente Daud já venceu cinco ou seis **complots** — desqualificados como «reaccionários» — desde o seu regresso ao poder, em 1973. O último data de Dezembro. Fechado no sombrio palácio pseudomedieval, no centro de Kabul, que herdou do seu predecessor, Daud não parece ouvir o rumor dos descontentamentos que crescem no país: gente rica impedida de fazer negócios, devido às medidas «socializantes» tomadas nos últimos anos; Kabuli vítimas da renovação urbana; camponeses cada vez mais apertados nas suas terras; estudantes e jovens oficiais que sonham melhorar a sorte do povo... É de recear que a **loya jirgah** faça eco de todos estes protestos. ●

ucionalização madas revolucionárias



O imortal comandante «Che» Guevara

Houve um caso em que um dos principais líderes do movimento revolucionário cubano (Frank País), morto em acção urbana, foi enterrado pelo povo com o uniforme veder-azeitona e as três estrelas de coronel, sem que a polícia pudesse impedi-lo.

A quatro lustros do desembarque do iate «Granma», a revolção, na sua fase de institucionalização, reviu a fundo o sistema de graduação das suas forças armadas, que se tornara obsoleto.

A Assembleia Nacional do Poder Popular, na sua primeira sessão constituinte, aprovou unanimemente o novo sistema de postos militares proposto pelo líder cubano Fidel Castro, que recordou que as guerras de independência cubanas haviam sido dirigidas por generais e que o próprio José Marti fora general.

Os próceres independentistas da luta anticolonialista do século passado, Antônio Maceo, Ignácio Agramonte e Máximo Gomez, foram tambem generais.

No entanto, factores subjectivos que surgiram durante a República prerevolucionária, criaram no povo uma certa antipatia por essas hierarquias militares. Tal situação foi tida em conta quando o exército guerrilheiro foi organizado em Sierra Maestra.

Durante pouco mais de meio século o país foram regido por governos cuja estabilidade se apoiava em exércitos armados, treinados por Washington.

A primeira medida que os Estados Unidos tomaram ao intervir em Cuba, no fim da guerra da

NO IEMEN DEMOCRÁTICO

QUEBRANDO CADEIAS ANCESTRAIS

□ **Rodolfo Casals**

■ **PRENSA LATINA**

Em todos os programas aplicados pelo Governo iémenita para sair do subsdesenvolvimento, a mulher ocupa um lugar de destaque.

Esta participa agora, pela primeira vez na história deste país árabe, em todas as tarefas da revolução. A sua acção pode ser observada a nível político e governamental, na construção e na agricultura, no comércio e na indústria. Mas tendo em conta que as mulheres constituem cerca de 50 por cento da população não há dúvida que a sua participação é ainda limitada.

Contudo, romper em tão pouco tempo as grossas cadeias ancestrais que limitavam a mulher iémenita ao estreito horizonte da tribo e da família e a mantinham submetida á maior discriminação, não é uma terefa fácil.

Para tal foi necessário que triunfasse uma verdadeira revolução, ou melhor, que em 22 de Junho de 1969 assumisse o poder, depois duma luta tenaz, forças de esquerda conscientes do papel que a mulher deve desempenhar na edificação do novo lémen.

A dura batalha pela completa libertação da mulher é um tema de especial interesse para todos os que visitam este mundo fascinante, mas onde aquela foi duplamente subjugada durante milénios.

Antes da independência, em 30 de Novembro de 1967, existia uma associação de mulheres, com muitos poucos membros, sem objectivos económicos e sociais definidos e, evidentemente sem fins políticos. O seu trabalho reduzia-se a dar esmolas aos pobres, mas apenas na capital, não chegando aos campos onde precisamente se concentrava a maior parte da população, os mais explorados pelo colonialismo e os senhores feudais.

Em Fevereiro de 1968, três meses após o triunfo da revolução, foi criada a União Democrática das Mulhes iémenitas (UDMI). Mas foi apenas no ano seguinte que se proclamou a sua plena libertação política e social.

De facto estava instituido pelas mais remotas tradições que a mulher iémenita fosse confinada ao maior dos ostracismos, sem o menor direito, sem a possibilidade de estudar ou trabalhar, silenciosamente oculta desde os 14 anos por detrás do «chedar» (manto negro típico) e da «jonna» (veu de diferentes cores).

Mas, assim como teve uma actividade destacada na heróica luta armada (1963-67), muitas vezes como guerrilheira e outras — na maior parte dos casos — transportando armas e alimentos, ou participando em combativas demonstrações contra o poder colonial, ou participando em combativas demonstrações contra o poder colonial, assim também, a mulher reclama agora, com o toal apoio do Governo, o seu lugar no difícil combate para erigir um país a partir das ruínas deixadas por 129 anos de colonialismo.

A árvore que germinou há oito anos ramificou-se rapidamente por todo o país. Em todas as capitais das seis provincias, em todas as povoações e aldeias, os organismo de base da União eliminaram grandualmente, sem coacções, os grandes obstáculos constituídos pelos resíduos e preconceitos arcaicos.

A UDMI desencadeou uma ampla campanha de propaganda para destruir velhos costumes e fazer compreender que o trabalho é o meio que contribui para libertar a mulher. Através de actividades sociais e culturais cada vez mais amplas, as militantes da organização feminina difundem os objectivos da Revolução, incutem a compreensão do direito de desempenhar um papel importante na socieade, a necessidade da educação e do trabalho e de ocorrer aos serviços de assistência médica, que — também pela primeira vez e através da ajda amiga — são postos à disposição do povo.

Todas as militantes, ou participam na campanha nacional de alfabetização, ou se dedicam à tarefa de resolver os problemas familiares e sociais (que logicamente foram desencadeados por um processo tão extraoridnário como este) ou tentam convencer aqueles que se opõem a que a sua mulher ou as suas filhas queimem os seus véus e lancem fora os seus mantos como símbolo de rebeldia contra as ideias do passado.

As escolas de aprendizagem técnica que existem já em diversas regioes do país, as novas fontes de emprego que estão a ser criadas e as leis revolucionárias aprovadas pelo Estado, como é o caso da lei da família, constituem igualmente importantes passos dados pelo Partido no sentio da igualdade da mulher. A título de exemplo pode referir-se que das escolas técnicas saíram no ano passado mil e cem mulheres com conhecimentos técnicos para trabalhar na indústria ou na mecanização da agricultura.

Actualmente a mulher iemenita não so contribui com o seu esforço para a edificação do país mas também, com a sua linguagem clara e o seu exemplo heróico, irrompe na vida internacional para participar também na luta por uma vida melhor, juntamente com dezenas de milhões de mulheres de todo o mundo. ●

Euforia revolucionária dos comandantes da Serra Maestra

Comandante Fidel

«general» Fulgêncio

AS FORÇAS ARMADAS CUBANAS

5

Independência, foi licenciar o Exército Libertador cubano. Para tal, o tesouro norte-americano entregou três milhões de dólares às autoridades ocupantes. A partir de Janeiro de 1898, todos os soldados cubanos deviam entregar as suas armas às forças expedicionárias norte-americanas.

Os Estados Unidos estruturatam um exército, bem diferente do Exército Libertador cubano, formado por homens que se tinham mantido à margem da guerra, e também por delinquentes e por outros elementos.

Os novos generais ocuparam os altos lugares das Forças Armadas cubanas, enquanto que os responsáveis pela guerra anticolonialista foram virtualmente afastados. Contava-se nesse tempo uma anedota. Um general independentista, doente e desocupado, teria ido pedir auxílio ao primeiro presidente cubano, Tomás Estrada Palma, e este dera-lhe uma nota de cinco pesos.

O ditador Fulgêncio Batista, que, em jovem foram preso por delito comum, foi promovido a general do exército «profissional» instalado por Washington.

Os principais torturadores do regime batistiano, como Esteban Ventura e Conrado Carratalá, tiveram postos de coronel.

Toda esta situação gerou o repúdio popular às hierarquias militares daqueles que vulgarmente eram conhecidos por «generais sem guerras».

Na altura do triunfo revolucionário de Janeiro de 1959, as forças guerrilheiras do Exército Rebelde modificaram radicalmente as instituições armadas e procedeu-se ao total licenciamento».

O Exército Rebelde encarregou-se da defesa do país e formou o núcleo do que seriam mais tarde as Forças Armadas Revolucionárias (FAR).

À medida que as Forças Armadas aumentavam, o sistema de postos foi-se tornando obsoleto e não dava resposta a tudo para que fora criado.

A pequena escala hierárquica estabelecida dificultava a política de promoções estipulada pelos regulamentos militares numa altura em que a modernização e a ampliação do aparelho militar requeria uma estrutura idónea.

As Forças Armadas tinham provado a sua capacidade combativa. Giron (Baía dos Porcos) e Angola são exemplos de eficácia militar.

A primeira reforma do sistema hierárquico foi levada a efeito em 1973, com o aparecimento dos postos de brigadeiro, general de três estrelas, de quatro e de cinco.

A celebração do XX aniversário do desembarque do Granma (dia das Forças Armadas Revolucionarias) foi a data escolhida pelas esntâncias superiores da Revolução, para o definitivo reajustamento do sistema.

A nova hierarquização inclui-se em todo o processo de institucionalização do país, e as Forças Armadas não podiam ser postas à margem, devido à importância decisiva que têm na defesa.

O novo sistema inclui os postos tradicionais de tenente-coronel, coronel, brigadeiro, general de três estrelas, de quatro e de cinco.

BENIN

POR QUE QUEREM DERRUBAR O GOVERNO DE KEREKU

□ Roberto Remo

■ INTERPRESS

MARÇO (IPS) — Benin, que até 23 de Novembro de 1975 se chamava Daomé, é um pequeno país africano e um dos mais pobres do mundo (3 milhões de habitantes distribuídos por 112.622 quilómetros quadrados). A sua história é, no entanto, rica de episódios de lutas e resistências contra as formas mais brutais de opressão que o colonialismo pôs em prática em África. O Daomé foi um dos centros do infame comércio de escravos, cuja presença na América Latina, principalmente no Brasil, impregna hoje a nossa cultura de muitos dos seus valores e criações.

Durante cerca de 80 anos, o Daomé esteve ocupado pela França, e conquistou a sua independência a 1 de Agosto de 1960, embora, como nos demais países membros do antigo império francês, a soberania obtida foi formal, uma série de governos incapazes e dependentes do antigo poder colonial — mais de uma dezena até 1972 — permitiu o domínio neocolonial da França e favoreceu a continuação do saque das riquezas do país, até que, o então capitão Mathieu Kereku e um grupo de jovens oficiais tomaram o poder e instalaram um regime de linha nacionalista e popular definida.

Numa recente entrevista à revista «Afrique-Asie», o presidente Kereku recordava o início do processo revolucionário e a gingatesca tarefa que o novo governo teve de enfrentar. «Na República Popular de Benin — disse — o o nosso estado revolucionário não nasceu de uma longa e árdua luta de guerrilhas. Não se afirmou como uma realidade originada por uma acção de quadros forjados pela guerra revolucionária ou temperados por uma luta de classes prolongada, organizada e disciplinada. Com efeito, foram os soldados e oficiais patriotas das nossas forças armadas que, a 26 de Outubro de 1972, saíram dos seus quartéis para derrubar, num abrir e fechar de olhos, um regime corrupto, rejeitado pelo nosso povo militante, um regime vendido e vergonhoso». «O nosso povo desorganizado — acrescentava Kereku —, vítima da prostituição e da traição político-burocrática e feudal durante séculos, depois de ser submetido a uma exploração cruel e ao embrutecimento colonial, não tinha, na verdade, uma consciência clara da amplitude dos problemas que uma revolução autêntica devia resolver e das responsabilidades que ela implica. Daí que os nossos esforços de mobilização tenham começado pela sensibilização e desmistificação política das massas populares: numa palavra, o seu despertar para a consciência política».

Sobre o papel das forças armadas nesse singular processo de mudança, disse o presidente num comício na capital, Cotonu: «As forças armadas devem, elas próprias, livremente interrogar-se sobre o seu papel, através de uma autocrítica objectiva. Tal é necessário se quisermos evitar essa mistificação tão comum em África, na Ásia e na América Latina, onde as juntas militares reaccionárias e fascistas usurpam o poder do povo, proclamando-se, hipocritamente, revolucionárias. A aspiração do nosso partido é liquidar definitivamente no seio das forças armadas populares o espírito colonial e, sobretudo, o espírito neocolonial, caracterizado por um golpismo diabólico ou por um cinismo em busca de lucros fáceis».

Em Maio passado, o Partido da Revolução Popular de Benin (PRPB) realizou o seu primeiro Congresso e nele foram definidas três etapas da revolução vivida pelo país. A primeira, já superada, foi a do «movimento revolucionário de libertação nacional», durante o qual foram destruídas ou colocadas sob controlo todas as estruturas coloniais ou imperialistas e consolidados os projectos económicos e culturais e, portanto, a independência. Neste período, foi eliminada a influência de uma pequena-burguesia nascente e do poder político-burocrático dos funcionários ligados ao antigo aparelho de dominação colonial. O regime, nesta fase, caracterizou-se como democracia popular a todos os níveis, na base de uma aliança «da classe operária, dos camponeses e de uma camada da pequena-burguesia militar e civil».

O presidente Kereku

Actualmente, Benin vive a segunda etapa, que PRPB caracteriza como a da «revolução democrática popular», cujos objectivos foram assim definidos: «Fazer desaparecer completamente a base económica do imperialismo. O estado revolucionário toma progressivamente a direcção efectiva de todos os sectores vitais de economia: indústria, finanças, comércio, transportes e energia. Em segundo lugar, trata-se de libertar as massas camponesas da opressão feudal, aumentar a produção e iniciar a reforma agrária na base da cooperativização, mudando totalmente as relações de trabalho e de produção e a realidade social no campo. Simultaneamente, desenvolver uma cultura e uma educação nacionais, susceptíveis de favorecer o aparecimento de um cidadão de novo tipo, patriota e internacionalista, trabalhador e socialista».

A terceira etapa é a da «revolução socialista», com a criação de bases materiais e técnicas do socialismo, uma produção socialista e o poder nas mãos dos trabalhadores. No campo, como na Tanzânia e em Moçambique, procede-se ao reagrupamento da população, indispensável para concretizar o ambicioso projecto de cooperativas de produção. Pela primeira vez, os delegados camponeses intervêm na fixação dos preços dos produtos agrícolas. Os camponeses representam 85 por cento da população e 50 por cento desta vive numa faixa de bosques junto à costa — as outras duas regiões são uma meseta fértil a norte e uma zona pantanosa no centro —, que apenas representa 10 por cento do território nacional. Esta distorção e as desigualdades económicas regionais agravam os problemas do povo.

No plano económico, as principais actividades do país são hoje em dia estatias. Uma empresa estatal, a SOCEB, tem o monopólio da exportação dos produtos agrícolas e a SONOCOP (Sociedade Nacional de Comercialização dos Produtos Petrolíferos o da comercialização dos produtos petrolíferos. Há muitas outras empresas estatais: para a produção agrícola (SONAGRI), para o desenvolvimento dos recursos animais (SODERA), etc.

O governo põe em prática um vasto programa escolar, baseado numa filosofia totalmente diferente da que predominou sob o colonialismo.

Este projecto de libertação nacional segue agora uma via socialista, opção escolhida pela revolução de Benin a partir de Novembro de 1974, quando o país proclamou o socialismo científico como o seu caminho para o desenvolvimento.

Quando se conhece a realidade de Benin e se acompanha o que a sua revolução está a realizar, torna-se desnecessário perguntar porque se tenta derrubar o governo de Kereku.

A 28 de Fevereiro de 1973, o governo revolucionário enfrentou a primeira tentativa de golpe, que se reproduziu em Janeiro de 1975. Outras conspirações menores ocorreram desde então. Mas o elemento novo no que se passou agora, a 16 de Janeiro, foram os meios usados. Um avião a jacto desembarcou no aeroporto de Cotonu tropa de choque, integrada não só por nacionais de Benin ligados às forças contra-revolucionárias, mas também por mercenários brancos contratados para o empreendimento. A vigilância das forças armadas populares e das organizações de massas, convocadas pelo presidente Kereku pela rádio, permitiu a derrota dos invasores, a captura de armas, a apropriação de documentos e a prisão dos sobreviventes, inclusivamente de um mercenário branco. Mas devem repetir-se novas tentativas de golpe, tal como acontece com frequência na Guiné-Conacri, com o objectivo de derrubar o governo de Seku Touré.

Benin é um «mau exemplo» para uma África Ocidental que foi sempre lugar de exploração colonialista e em que, através de governos vacilantes ou sipaios, as antigas potências colonialistas — principalmente a França — se obstinam em manter o seu domínio através de novas e sofisticadas formas de controlo económico e político.

FRENTE POLISARIO ATACA NA MAURITANIA E DESAFIA A ARROGANCIA FRANCESA

O Primeiro de Maio ficou assinalado na África combatente por um acontecimento de extrema importância e cujos reflexos só a mais longo prazo poderão ser devidamente avaliados.

Tratou-se do ataque da Frente Polisario (Frente Popular de Libertação de Saguiat-el-Hamra e Rio do Ouro) ao mais importante centro mineiro da Mauritânia, numa operação espectacular e de larga amplitude que vem pôr em causa a França e a coligação Marrocos-Mauritânia no preciso momento em que estes países, directa ou indirectamente, intervêm no Zaire para salvar o regime despótico e corrupto de Mobutu Sese Seko.

Uma coluna de guerrilheiros sarauis, que actua no interior do território do antigo Sara Espanhol, hoje ocupado nas cidades pelos exércitos marroquino e mauritano, penetrou no solo da Mauritânia, cerca das cinco horas da manhã, ocupou a cidade de Zouerate durante algumas horas, destruiu guarnições militares e equipamentos, liquidou soldados mauritanos em número aproximado da meia centena e inutilizou as instalações da mina de ferro antes de retirar sem baixas.

O ataque foi marcado para o Primeiro de Maio para, segundo comunicou a Frente Polisario, assinalar a celebração do quarto aniversário da formação da Frente e os congressos de base que estão a realizar-se no interior da Pátria ocupada. Além disso, o Primeiro de Maio é a data universal do combate pela justiça e contra a exploração.

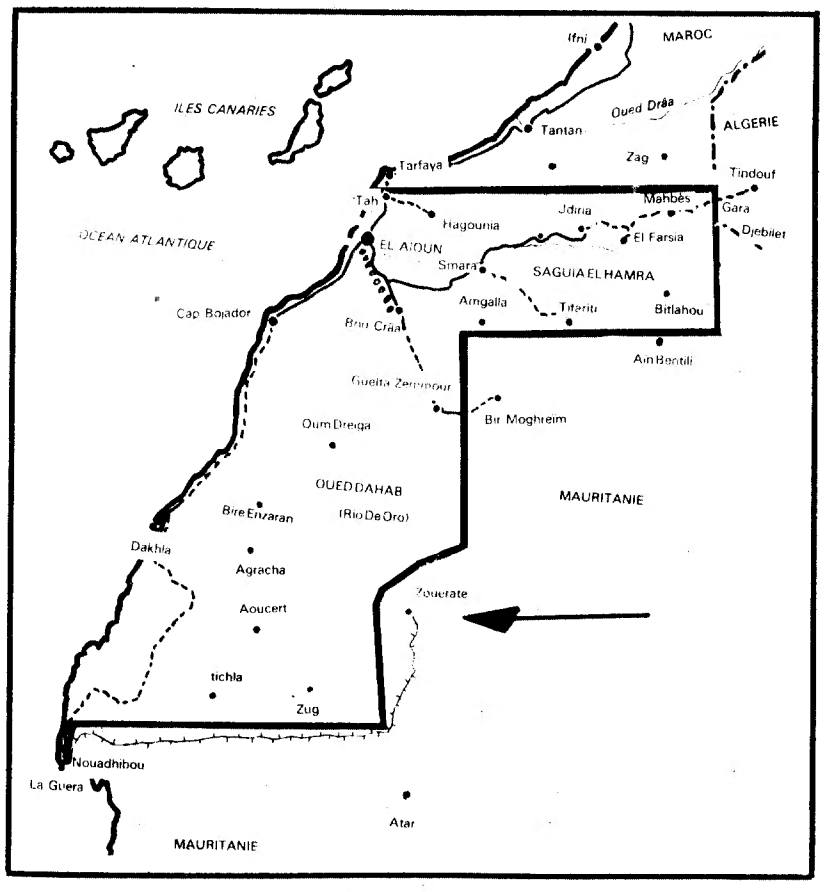
No terreno, aconteceu que a Mauritânia perdeu um dos seus mais importantes recursos — o minério de ferro — pois durante bastante tempo as minas ficarão paradas. O caminho-de-ferro foi atacado, e os quatrocentos e tal técnicos franceses foram evacuados na sua quase totalidade de modo que os restantes, uma centena no máximo, não poderiam garantir o funcionamento em pleno da mina. Também os trabalhadores senegaleses foram evacuados.

A própria France Press, em correspondência de Dakar, datada do dia 6, acentua o facto de, segundo testemunho de repatriados senegaleses, a Frente Polisario teria alcançado os dois objectivos que fixara quanto ao ataque à cidade mineira de Zouerate.

Diz a agência que testemunhos obtidos junto de um grupo de 85 senegaleses, que trabalhavam nas minas de Zouerate e chegaram na noite de quarta para quinta-feira a Dakar, indicam unanimemente que os soldados da Polisario alcançaram os dois objectivos que haviam fixado: um militar, o outro psicológico.

O primeiro, segundo eles, era a destruição dos «stocks» de hidrocarburantes necessários à vida da cidade mineira. O conteudo dos depósitos atingidos pelos tiros incendiou-se.

O segundo objectivo, de ordem psicológica, visava a retirada de



Junto à fronteira com o Sara fica a cidade mineira de Zonerate, atacada no 1.º de Maio pela Frente Polisário

Zouerate o maior número possivel de «agentes operacionais». Este objectivo teria sido concretizado em parte visto que dos 400 franceses «operacionais» apenas terão ficado na cidade entre 110 e 120 assim indicam os repatriados, o funcionamento da mina já não pode ser garantido correctamente, por falta de pessoal.

Por outro lado, admitem de uma maneira geral que as forças da Polisario, munidas de roquettes, metralhadoras e pistolas-metralhadoras, teriam podido facilmente matar todos os habitantes de Zouerate, caso o quisessem. A morte do médico francês e de sua mulher teria sido acidental.

Mais importante que alcançar estes objectivos imediatos, com os quais foi atingida sobretudo a Mauritânia (elo mais fraco na cadeia de interesses que oprime o povo do Sara) deverá anotar-se o golpe profundo sofrido pela França, numa altura em que subia de tom e arrogância o seu comportamento em relação à África, após a intervenção no Zaire e a cimeira dos países francófonos em Dakar, capital da sua neocolónia Senegal.

Por um lado, foi obrigada a retirar os seus técnicos e a deixar cair a economia de um aliado, a Mauritânia; por outro lado, a Frente Polisario, ao levar como prisioneiros vários técnicos franceses vai certamente impor condições aos responsáveis pela política externa de Giscard d'Estaing, como seja o fim dos fornecimentos militares a Marrocos e o apoio descarado que tem prestado à guerra de agressão à República Árabe Saraui Democrática.

O aviso à França vale também pelo facto de ainda não ter limpo as mãos no Zaire onde se juntou ao que de mais corrupto e reaccionário existe no continente negro: os funcionários de Mobutu, os homens de Hassan II, os conselheiros de Sadate a «tropa suicida de Amin».

O Ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Louis Guiringaud apressou-se a desmentir, através da televisão, a presença de tropas francesas na Mauritânia afirmando, mesmo, que «a França nada tem a ver com o conflito entre a Mauritânia e a Polisario». Esqueceu o pequeno pormenor de tanto Marrocos como a Mauritânia serem armados e municiados pela França, treinados pela França, assistidos economicamente pela França e de ser a França também que por toda a costa ocidental tenta levar à prática a estratégia imperialista para o continente africano.

ABDELAZIZ, secretário-geral da [illegible] Polisário, discursando durante o III Congresso, r[illegible]deado de combatentes

SEMANA INTERNACIONAL

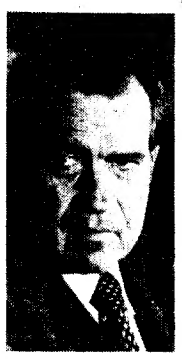
O FALHANÇO

Até mesmo a Imprensa dos países participantes foi praticamente unânime em afirmar que a «Cimeira dos Ricos» foi um falhanço. Estados Unidos, Inglaterra, França, Japão, RFA, Canadá e Itália, representados pelos respectivos chefes de Estado, sentaram-se à mesa de reuniões durante o último fim-de-semana, no número 10 da Downing Street, em Londres, residência oficial do primeiro-ministro britânico, para debater problemas de ordem económica que afectam o chamado «Mundo Ocidental». Mas, de acordo com a declaração final, ficou mais do que claro que a montanha pariu um rato. E a razão é simples: a crise do capitalismo já atinge proporções tais que não será numa reunião de fim-de-semana que todos os problemas serão resolvidos. Nem mesmo alguns, como por exemplo os 15 milhões de desempregados nos sete países participantes na cimeira. A falta de solução dos «ricos» para as suas próprias e crescentes contradições reflectem-se sobre os países do Terceiro Mundo, que assistem à Conferência Norte-Sul, que está a realizar-se em Paris, e segue pelo mesmo caminho. Melancólica, mas perigosamente.

A PRE-POTÊNCIA

Entretanto, na passada terça-feira, dia 3, a República Socialista do Vietname e os Estados Unidos reatavam conversações em Paris, com vistas a uma reaproximação, tão difícil quanto cautelosa, através dos respectivos ministros dos Negócios Estrangeiros, e tendo por cenário as duas embaixadas. Esta foi a primeira vez que Vietname e Estados Unidos se encontraram depois da estrondosa derrota que o povo do primeiro impôs às tropas do segundo, mas decorrida a primeira fase, parece que tudo não será tão fácil como se poderia supor. O Vietname, que até hoje sofre as consequências dos bombardeamentos e da guerra química, insiste em receber indemnizações pela inútil devastação do seu território e dos seus bens operada pelos governos e soldados note-americanos, dinheiro que seria empregue na difícil reconstrução do país. Mas o secretário de Estado da administração que tanto «defende» os Direitos Humanos, Cyrus Vance, em Washington, definiu o que se pensa na Casa Branca: «Já tornamos bem claro que não pagaremos reparações». Os contactos prosseguirão.

O RIDÍCULO



Por 600 mil dólares, o ex-presidente norte-americano, Richard Nixon, aceitou dar a cara à 155 estações de televisão do seu país e aí, diante de todos, ser entrevistado pelo jornalista inglês David Frost, que não poupou perguntas embaraçosas sobre o caso Watergate. Nixon gesticulou-gritou, explicou, chorou, pediu perdão, disse que não era criminoso, que tudo era pelo bem do país, que tinha sido massacrado, que era alvo de conspirações, enfim, não convenceu. Figura triste esta de um presidente da maior nação capitalista do mundo que, por um punhado de dólares, aceita exibir a sua miséria e outras coisas, num programa de televisão, onde cada minuto de publicidade valia o orçamento anual de três famílias da classe média norte-americana.

A AMEAÇA

Em França, onde o seu prestígio cada vez desce mais, o presidente Valéry Giscard D'Estaing disse ao «L'Express» que chegou a pensar em dissolver a Assembleia Nacional, caso esta não tivesse votado a favor das medidas de «recuperação económica» propostas pelo primeiro-ministro Raymond Barre, outro que ultimamente não goza de muita popularidade entre os franceses. Giscard foi mais longe e disse que poderia antecipar as eleições previstas para Março de 1978, caso a Assembleia continuasse a «criar dificuldades». Ao mesmo tempo, as sondagens revelam cada vez mais o progresso das forças de esquerda e o descontentamento popular com a actual política governamental francesa.

O COMPROMISSO

Na Itália, pela primeira vez em trinta anos, comunistas e democratas-cristãos dialogam oficialmente para, juntamente com outros partidos tentarem achar soluções para a crise que o país atravessa e da qual parece que não vai sair com facilidade. Enquanto os camaradas de Berlinguer dizem que não aceitarão soluções erradas e impostas, os democratas-cristãos, divididos, têm medo de um acordo sem o qual não possa passar, mas que, paralelamente, trará profundas modificações no quadro político italiano e até mesmo europeu.

C.O.

PELO MUNDO

A EUROPA VERDE EM DIFICULDADES

As dificuldades da chamada «Europa Verde» (isto é, o sector agrícola da CEE) ficaram bem ilustradas quando, devido à intransigência britânica, falharam as tentativas de acordo de fixação do preço para os produtos agrícolas da Comunidade.

A produção agrícola absorve somas enormes do orçamento da CEE (mais de dois terços das despesas). Estes recursos são utilizados, no essencial, para manter os preços de custo dos produtos agrícolas e compensar os problemas causados aos países de moeda fraca. Apesar destas despesas do Mercado Comum com a agricultura, só uma parte insignificante é dirigida para os produtores directos (a grande massa dos pequenos e médios camponeses), enquanto a parte de leão cabe aos grandes proprietários de terras, e às companhias que monopolizam as compras, a conservação, o tratamento dos produtos agrícolas e a venda ao consumidor.

Os camponeses exigem o aumento das despesas da CEE não apenas para a manutenção dos preços, mas também para o reforço das explorações e o crescimento da sua rentabilidade. Mas o Mercado Comum prefere examinar a questão dos preços de produção, pois o seu aumento acarreta lucros suplementares aos grossistas e aos monopolistas, os quais aumentam, por sua vez, os preços de venda, aproveitando-se das reivindicações dos camponeses.

A questão complica-se ainda mais devido à taxa desigual de inflação, insistindo os «Nove» em taxas diferentes de crescimento dos preços de produção. Com isto, cada país espera lucrar à custa dos outros membros da Comunidade. As divergências agravam-se ainda mais por causa da desordem monetária.

ESPANHÓIS NO 1.º DE MAIO EM PARIS

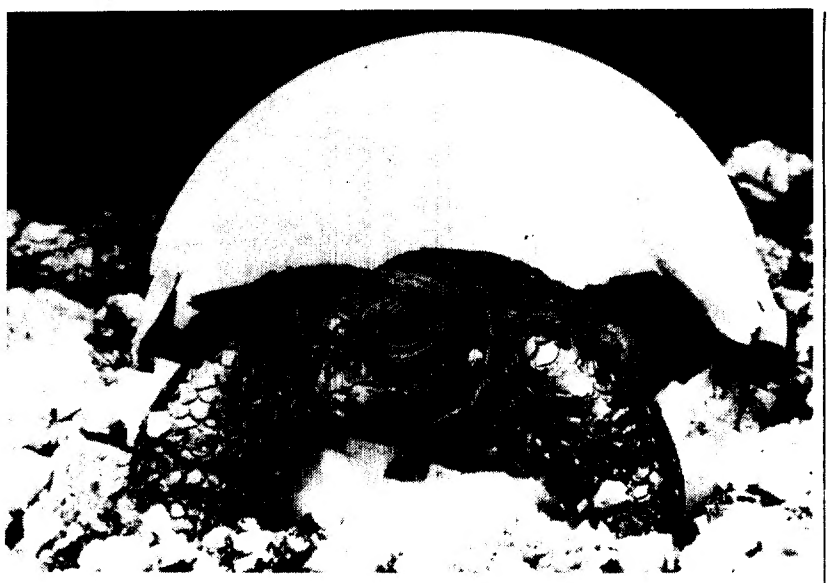
«Franceses e Imigrados uma mesma classe operária», «francês Imigrante, o mesmo combate» — eis alguns dos «slogans» com que a Comissão dos Trabalhadores Espanhóis imigrados em França, compareceu ao desfile do primeiro de Maio em Paris. A solidariedade entre todos os trabalhadores, seja qual for o seu país de origem, impõe-se hoje mais do que nunca, pois, devido à grave crise da economia capitalista, os governos e o patronato procuram criar uma primeira divisão na classe operária, tentando fazer regressar os trabalhadores estrangeiros, aos seus países de origem, e «culpabilizando-os» pela falta de emprego. (Foto Keystone)

INSÓLITO

Um restaurante de Singapura estreou um novo prato, invulgar mesmo nesta cidade de tão estranhos gostos culinários: carne fresca de crocodilo. Para tal, o proprietário possui uma propriedade onde cria crocodilos, que depois surgem no menú, grelhados, guisados, etc. Mas enfim, se o cliente não gostar deste bichinho, poderá optar por cobras, iguanas, lagartos da montanha engarrafados, lagartas cozidas com carne de porco e ratos recém-nascidos.

O primeiro hotel do mundo a ser inteiramente climatizado graças à energia solar será inaugurado no próximo Verão nas margens do mar Morto. A cidade onde a construção está a realizar-se chama-se Sodoma. Esperemos que desta vez tudo corra melhor. Da outra foi um desastre.

Os médicos suecos Bengt Sjohud e Margareta Eriksson inventaram um engenho electrónico portátil em que são utilizados eléctrodos em vez de agulhas (embora o seu efeito seja semelhante ao da acupuctura). O engenho pode ser utilizado pelos próprios pacientes, em suas casas, a fim de tirar as dores, e o seu efeito é de umas vinte e quatro horas.



A TARTARUGA BÉBÉ

O jardim zoológico de San Diego, Califórnia (EUA) saudou com entusiasmo o nascimento deste «bebé» e encomendou ao fotógrafo a tarefa «histórica» de captar os seus primeiros passos para a vida. O bicho é uma tartaruga das Ilhas Galapos. Há cinco anos que o «zoo» tentava, sem êxito, o nascimento de uma tartaruga destas, que só existem nas ilhas Galapos. (foto Keystone).

NAZIS CONDECORADOS EM GRATZ

Segundo informa a Tanjug, o conselho municipal de Gratz, na Áustria, entregou a Ordem de Prata da capital provincial de Estiria a Emil Schmidt, ex-director da rádio nazi durante a ocupação da cidade de Ljubljana, na Jugoslávia, durante a Segunda Guerra Mundial.

Este ex-propagandista de Hitler e chefe das SS Reichsender na capital da Eslovénia, foi condecorado sob proposta dos conselheiros do Partido Popular, aos quais se uniram os representantes do Partido Socialista e do chamado «Partido da Liberdade». Ao mesmo tempo, a «Ordem de Ouro» foi entregue ao chefe da «Comunidade dos Alemães da Baixa Estiria Expulsos da Pátria», organização nazi-revanchista que abriga muitos membros da antiga «Quinta Coluna».

Curiosamente, a Imprensa não explica nada sobre os motivos que levaram a essas condecorações, distribuídas entre o tipo de pessoas citadas. Entretanto, o facto causa uma séria inquietação entre os antifascistas, não só da região, levando-se em conta que «honras» e «homenagens» aos nazis, em Gratz, não são, propriamente, aquilo a que se poderia chamar de acontecimento raro. Mas alguns jornais de Viena chegaram a dizer que a adjudicação da ordem a Schmidt «é uma provocação especial à Eslovênia e a toda a Jugoslávia». Políticos menos dados a este tipo de promoção aos nazis concordam e acrescentam que o facto representa um sério golpe nos esforços cujos objectivos são a solução dos problemas pendentes entre os dois países e a criação de um clima de boas relações e de boa vizinhança.

FORÇAS DA PAZ

Uma sessão do Comité Internacional para a Segurança e Cooperação Europeia decorreu nos fins do mês passado em Bruxelas. Representantes da opinião pública europeia, defensores da paz, procederam a uma troca de pontos de vista sobre as formas de concretizar as disposições da Acta Final da Conferência de Helsínquia nos respectivos países e debaterem o problema da contribuição da opinião pública para a realização daqueles acordos.

«Decorrido pouco mais de um ano sobre a conferência de Helsínquia verifica-se que é possível, a breve prazo, melhorar o clima das relações internacionais. Aliás, esses contactos alargaram-se já nos domínios político, económico, cultural e outros» — declarou à agência «Novosti» Alexei Chitikov, presidente do Comité Soviético para a Segurança e Cooperação Europeia e presidente do Soviete Supremo da URSS.

Nessa entrevista, concedida por altura da realização do encontro de Bruxelas, Chitikov frisou que, apesar dos êxitos obtidos com base da conferência de Helsínquia (dentre os quais se destaca o de se ter afastado o perigo de uma guerra termonuclear) não podem minimizar-se os factos negativos. «Certas forças — disse — obstinam-se, contra a vontade e os interesses dos povos, em pôr entraves à realização desses acordos. Praticam toda a casta de acções hostis ao mundo socialista, repisam a tecla da ameaça soviética», prosseguem na campanha caluniosa sobre a «violação dos direitos humanos» nos países socialistas, empreendem tentativas directas de ingerência nos assuntos internos desses países».

«No entanto — continuou o dirigente soviético — realizações conseguidas no âmbito dos acordos são importantíssimas para a causa da paz e da segurança europeia. Depois da conferência de Helsínquia efectuaram-se conversações entre dirigentes soviéticos e dirigentes de outros países, como a França, Itália, Portugal, Bélgica, etc. O restabelecimento das relações entre a URSS e a Espanha foi também um acontecimento decisivo na vida política da Europa».

Chitikov referiu também o alargamento que se tem processado na cooperação comercial, económica, industrial, científica e técnica e citou como exemplos o incremento do comércio entre a URSS e a França, que aumentou uns 80 por cento em relação a 1974, a Inglaterra (aumento de 38 por cento) e a RFA (aumento de 36 por cento).

A terminar, Chitikov salientou que a política da URSS não visa o aumento do armamento mundial, mas a sua redução e o abrandamento da tensão internacional.

LEILÃO

Nos dias 18 e 19 será leiloada na Sotheby's, em Londres, uma valiosíssima colecção de cartas e outros manuscritos históricos. Um dos mais importantes, e que a Sotheby crê que venha a ver arrematado por 20.000 libras (uns 1.360 contos) é a última folha de uma carta assinada por Galileu, em que o grande astrónomo anuncia a sua descoberta das manchas solares, em 1612.

EXCLUSIVO
N.º 14/77